A REFORMA EM ECONÓMICAS E FINANCEIRAS — DEBATE EM MESA-REDONDA

Diário de Lisboa

FUNDADOR: JOAQUIM MANSO DIRECTOR: A. RUELLA RAMOS
SEXTA-FEIRA, 23 DE OUTUBRO DE 1970 N.º 17 184 ANO 50.º PREÇO 1$50

ATENÇÃO
A MOSCA
PICA AOS SÁBADOS

Moscovitas em Lisboa

Elas (Tânia? Vera? Tatiana? Ekaterina?) entrarão assim na pista do Coliseu dos Recreios quando logo á noite, com bilhetes de geral a 50$00, soarem os primeiros acordes musicais para apresentação do Circo de Moscovo. A lotação para a estreia está esgotada. Na página 8 descrevemos o «circo antes do circo»

HOJE 32 PÁGS.—VISADO PELA CENSURA

COM MAIS UNIDADES DE REFINAÇÃO

Novas indústrias de petróleos

uma em Estarreja e outra no Sul do País

O Governo vai autorizar que seja expandida a capacidade da refinação de petróleos na Metrópole e a instalação de indústrias petroquímicas de aromáticos e olefinas.

A informação foi-nos fornecida por intermédio de um despacho conjunto do ministro das Finanças e da Economia e do secretário de Estado da Indústria, datado de 16 do corrente.

Nele se refere que se trata de «empreendimentos da maior importancia para o País, não só por ir aperfeiçoar as estruturas dos respectivos sectores, mas também por possibilitar um volume excepcional de construção, em que se aguarda que a industria nacional, sobretudo a civil e electrometalomecanica, participe na sua grande maioria, bem como os gabinetes portugueses de engenheiros consultores.»

O despacho refere nos

(Continua na ultima página)

RECOLHER OBRIGATÓRIO EM SANTIAGO DO CHILE

SANTIAGO DO CHILE, 22 (F. P. e R.) — Na província de Santiago vai ser imposto o recolher obrigatório da 1 e 30 ás 6 horas locais, anunciou ontem á noite o general Camilo Valenzuela, encarregado de assegurar a aplicação das medidas inerentes ao estado de emergência.

Só os veículos das Forças Armadas, da Polícia e dos serviços essenciais, com insígnia identificadora, poderão circular.

As tropas têm ordem para prender todos aqueles que não respeitarem o recolher e abrir fogo sobre os que tentarem fugir.

É proibida, por outro lado, a divulgação, através da Rádio, Televisão e Imprensa, de «informações alarmantes». As informações destinadas á Imprensa passam a ser centralizadas no Ministério da Defesa Nacional.

Todos os partidos políticos chilenos foram unânimes em condenar o aten-

(Continua na 14.ª página)

O general

Medici «torce» por Paula Ribas

Pode não servir de nada, mas pelo menos é simpático: o general Garrastazu Medici, presidente do Brasil, «torce» por Paula Ribas no Festival da Canção do Rio. «Se não ganharmos nós, que ganhe Portugal» — afirmou ele ao nosso enviado. (Ler na p. 6)

A cançonetista

SÃO ESTES OS CALÇÕES QUE VÃO USAR-SE

(SEGUNDO MARY QUANT)

«Buttermilk» e «Forces Favorite», duas criações apresentadas por Mary Quant, na sua passagem de modelos para a Primavera. «É uma nova era» — disse a costureira londrina, que apresentou os calções para a cidade. Mary Quant lançou a mini-saia há alguns anos. O êxito foi o que todos conhecemos. Para ela foi o salto da obscuridade para ditadora da moda. Carnaby Street foi o seu reino. Acertará ela em cheio outra vez?

O SÉCULO XIX EM 24 CONFERÊNCIAS NO GRÉMIO LITERÁRIO

O Centro de Estudos do Século XIX do Grémio Literário vai organizar, na sede daquela associação, um curso de conferências e seminários consagrado ao estudo de problemas socioculturais do século de oitocentos em Portugal, a cargo dos drs. José Tengarrinha, Joel Serrão e José Augusto França, que realizarão, cada um, uma série de cerca de oito conferências, a partir do dia 12 de Novembro até Maio de 1971. Estes historiadores estudarão sectores das suas respectivas especialidades no período definido entre 1780 e 1850.

O dr. José Tengarrinha, que tratará da época 1780-1808, dividirá a sua série em quatro partes, a primeira sob o título «Tentativa de determinação da pirâmide social portuguesa», investigando o século XVIII para o século XIX», a segunda: «A população portuguesa — estudo demográfico e estudo qualitativo», a terceira: «Sintomas de transformação da sociedade portuguesa no ultimo vinténio do século XVIII», a quarta: «Os travões ao processo de transformação da sociedade portuguesa».

O dr. Joel Serrão ocupar-se-á de «A estrutura social portuguesa», investigando o seu «modelo» e de «Mentalidade, culturas e ideologias numa perspectiva social e sociológica», entre 1808 e 1850.

Por seu lado, o dr. José Augusto França ocupar-se-á das estruturas culturais do longo período considerado, dando ás suas conferências os seguintes títulos: «O iluminismo: anuncio romantico e permanência clássica»; «Catão e Camões como emblemas liberais»; «A palavra em liberdade: teatro e parlamento»; «O passado e o presente: a História liberal»; «Viagens na nossa terra»; «Ruas, costumes e modas».

A conferência de abertura, em 12 de Novembro, será consagrada á discussão da metodologia da história social e está a cargo dos três historiadores. Cada um deles, por seu lado, intervirá nas séries dos seus colegas levando-lhes uma contribuição especializada quando for caso disso.

O curso destina-se não só aos membros do Grémio Literário mas também ao publico em geral que para esse fim se inscreva, sendo todas as informações prestadas na secretaria da agremiação, Rua Ivens, 37.

As sessões realizam-se ás quintas-feiras, das 18 e 30 ás 20 e 30.

ACTO DE POSSE DO COMANDANTE DA P. S. P. DE LISBOA

Foi empossado, esta tarde, no cargo de comandante da P. S. P. de Lisboa, o coronel Américo António Osório e Cruz. Presidiu á cerimónia, efectuada na sala Ferreira do Amaral (Governo Civil), o comandan'e-geral da corporação, brigadeiro Tristão de Carvalhais.

DE ONTEM PARA HOJE

DO POVO SOMOS

«Do povo somos todos quantos aqui estamos», disse o sr. governador civil de Lisboa, dr. Afonso Marchueta, na sua vibrante alocução de ontem ao presidir ás festas comemorativas do 90.º aniversario da Sociedade Instrução Musical e Escolar Cruz-Quebradense. Essas colectividades de cultura e recreio, vindas do século XIX e dos começos do século XX, com centros escolares e associações de diversão, corresponderam áquela ânsia de elevação cultural e solidariedade e convívio humanos da época. O País virava a novos rumos que dariam a mudança do regime. Por toda a parte surgiam esses núcleos associativos «representativos das altas virtudes» da grei portuguesa, neles se encontrando «o calor humano, a generosidade e o altruismo, qualidades que constituem a riqueza espiritual e moral da Nação». O governador civil enalteceu esse entusiasmo sempre renovado dos cruz-quebradenses para a manutenção da sua Sociedade de Instrução Musical e Escolar. E no final, como é costume, o dr. Afonso Marchueta lembrou a constante preocupação do Chefe do Governo, que «conhece o povo melhor do que ninguém e, melhor do que ninguém, lhe sabe apreciar as qualidades incomparáveis e reconhecer a aplicação e os sacrifícios». Por isso — observou —, o sr. prof. dr. Marcello Caetano «merece toda a gratidão do povo, merece, portanto, toda a nossa gratidão, porque do povo somos todos quantos aqui estamos presentes».

AGRADECEM OS DO PORTO

Grande representação do distrito do Porto veio ontem ao gabinete do sr. ministro da Educação Nacional agradecer as medidas ultimamente tomadas por aquele membro do Governo, sobretudo a criação de escolas do ensino secundário e do ciclo preparatório. Falou o governador civil, major Paulo Durão. Disse o dr. Veiga Simão que, para recuperarmos todo o tempo que se tenha perdido, «havemos de caminhar depressa, porque por essa Europa fora os problemas do ensino estão na cimeira das preocupações dos Governos. Também o prof. Veiga Simão recebeu a direcção da Associação Académica de Coimbra que o nomeou sócio n.º 1 da secção de futebol, na vaga resultante da morte do prof. Oliveira Salazar.

PALÁCIO DE BELÉM

O sr. Presidente da Republica, recebeu ontem, em audiência, no Palácio Nacional de Belém, os srs. dr. Manuel do Espírito Santo e José Silveira Machado.

NO ELOS CLUBE

No Elos Clube de Lisboa foi, ontem, homenageado o embaixador do Brasil, dr. Gama e Silva. Presentes diversas personalidades salientes na vida política e social. O embaixador do Brasil foi saudado pelo dr Manuel Martins da Cruz. Ao agradecer o embaixador salientou o espirito que há centenas de anos preside á vida dos dois povos, irmanados pela mesma língua, pela mesma fé e pelos mesmos destinos, referindo o significado da origem dos clubes elistas na cidade de Santos e afirmando, a terminar, que na geografia divina, Portugal acaba onde termina o Brasil».

O TOIRO BRAVO

Bravo e enfurecido o toiro que caiu a um poço, em São Marcos da Abóbada, perto de Évora, lá ficou preso e a esbrevejar o cornupeto. Vieram os bombeiros de Évora que o conseguiram trazer novamente ao ar largo e á campina rasa. Mas o grande animalejo, mal se apanhou livre, desatou a escornear os bombeiros. Estes não são toureiros e só tiveram o remédio de dar ás de vila-diogo.

É MESMO DE JUMENTO

O tratador estava a cuidar dele no mouchão D. José de Almeida e Vasconcelos, perto da ponte de D. Luis, em Santarém. Dava-lhe de comer e de beber. Em troca o jumento enfureceu-se e desatou a mordê-lo pelo peito e pelas costas até o matar. Chamava-se a vitima Agostinho Pereira, de 60 anos, casado e jornaleiro. O corpo foi encontrado pela esposa, que estranhara a demora do Agostinho.

NO TRIBUNAL PLENÁRIO

Sob a presidência do desembargador dr. Morgado Florindo, sendo a acusação feita pelo delegado do Ministério Público dr. Costa Saraiva, foram julgados os srs. António Joaquim Almeida Moura, de 63 anos, e Gilberto Henrique Rita da Silva, de 21 anos, ambos presos em Caxias. Eram acusados de actividades subsersivas, sendo condenados o primeiro em 20 meses de prisão correccional e o segundo em 22 meses também de prisão correccional, e a suspensão dos direitos políticos por 5 anos.

Administração de Propriedades
BANCO DO ALENTEJO

Nova escola de serviço Bolinder-Munktell Volvo

A Gerência da firma Auto-Sueco (Coimbra), Lda., com instalações de serviço modelares na estrada nacional n.º 1, no sítio de Alto Vieiro, Leiria, de assistência às máquinas VOLVO, convidou os representantes da Imprensa e outras entidades para uma visita ao novo autocarro-escola Bolinder-Munktell Volvo estacionado no Largo 5 de Outubro, nesta cidade.

Os srs. Ernesto Vieira e Carlos Vieira, gerentes daquela empresa explicaram em pormenor a composição do novo autocarro-escola, com ar condicionado, que tem 12,5 m de comprimento e 3,30 de altura máxima. A parte interior é constituída pela cabina de condução, ampla e cómoda; cozinha, apetrechada com fogão a gás, lava-louças com água quente e fria, frigorifico, despensa, dois compartimentos de alumínio para guarda de artigos vários, depósito de água, etc.; sala de aulas, com capacidade para 12 alunos, com secretária própria, gravador estereofónico, projectores de slites e de filmes, autofalante e, ao lado, sofás e mesa que se destina a conversas com os clientes e agentes; dispõe ainda de quarto de banho promovido de lavabo e duche, bem como um W.C. químico; ferramentas especiais para a instrução prática dos diferentes produtos que a empresa BM-VOLVO fabrica. Os espaços de armazenagem exterior estão providos de alarme anti-roubo. O autocarro, além de outras instalações, conta ainda com um grupo electrogéneo accionado por um motor g VOLVO a gasolina, podendo obter-se corrente monofásica de 220 V. ou trifásica de 380 V.

Os visitantes assistiram à passagem de alguns filmes e foram depois obsequiados com um lanche dentro do funcional autocarro.

COMPANHIAS REUNIDAS GÁS E ELECTRICIDADE

AVISO AOS CONSUMIDORES

Trabalhos inadiáveis para a boa conservação das redes obrigam-nos a interromper, durante algumas horas, o fornecimento no próximo domingo, nos seguintes Sectores e Zonas:

3.º Sector — **Concelho de Lisboa:** Rua Guilherme Anjos, Rua Costa Pimenta, Rua Arco Carvalhão, Casal Ventoso de Cima e imediações. (Das 8 ás 12 horas).

3.º Sector — Casal Ventoso de Baixo, Rampa do Vazadouro e imediações. (Das 8 ás 12 horas).

6.º Sector — Rua Augusta de 166 a 200. (Das 8 ás 12 horas).

8.º Sector — Rua Luís de Noronha de 41 a 43 e 36 a 42, Av.ª Santos Dumond de 52 a 84 e 67 a 75, Rua Tenente Espanca de 35 a 43. (Das 8 ás 12 horas).

8.º Sector — Av.ª de Roma de 8 a 22 e Av.ª João XXI 88. (Das 8 ás 12 horas).

8.º Sector — Av.ª Casal Ribeiro de 2 a 32. (Das 8 ás 12 horas).

10.º Sector — Estrada da Luz entre o B.º de S. João e Av.ª Marechal Carmona, Rua dos Socios e imediações. (Das 8 ás 12 horas).

1.ª Zona — **Concelho de Sintra:** CASAIS DE MEM MARTINS. **(Das 8 ás 15 horas).**

2.ª Zona — CORINHAS / ALVARINHOS. (Das 8 ás 12 horas).

3.ª Zona — **Concelho de Cascais:** ESTORIL: Rua Cândido de Oliveira, Rua Afonso de [illegible], Rua Dr. Oliveira [illegible], Rua Manuel Arriaga, Rua Mouzinho de Albuquerque, Rua Mouzinho de Albuquerque, Av.ª D. Nuno de Alvares Pereira e imediações. (Das 7 ás 15 horas).

4.ª Zona — **AMOREIRA:** Bairro da Alegria, Bairro de Santo António, Rua de Baixo, Rua de Cima, Av.ª do Ultramar. (Das 8 ás 15 horas).

5.ª Zona — **Concelho de Mafra:** CASAL DOS LEITÕES / LAPA DA SERRA / FONTE BOA DA BRINCOSA / FONTE DA TELHA / CARVOEIRA / ATOUGUIA DA BALEIA / S. JULIÃO / FOZ DO LISANDRO / POBRAL. (Das 5 ás 15 horas).

6.ª Zona — **Concelho de Loures:** Toda a zona industrial e camarária entre S. JOÃO DA TALHA e PÓVOA. (Das 7-30 ás 14 horas).

7.ª Zona — **Concelho de V. F. de Xira:** POVOS (parte) / CASTANHEIRA DO RIBATEJO / VALA DO CARREGADO e linhas de A. T. entre Vila Franca e Vala do Carregado. (Das 7-30 ás 14 horas).

8.ª Zona — VILA FRANCA DE XIRA (parte). (Das 7-30 ás 11 horas).

9.ª Zona — **Concelho do Sobral de Monte Agraço:** SOBRAL DE MONTE AGRAÇO. (Das 7 ás 14 horas).

10.ª Zona — **Concelho de Torres Vedras:** DOIS PORTOS / RUNA / MATACÃES / FELITEIRA. (Das 7 ás 14 horas).

O OVO DE COLOMBO

A anedota é velha. Dizem-na histórica, e alguns manuais de reconhecida têmpera abundam em sua veracidade. E, na verdade, existe até certo simbolismo nesse acto do Genovês, empertigando o ovo com o inusitado de um gesto imprevisível — numa réplica ao desatar do nó górdio. Simbolismo que deriva da trajectória épica do descobridor do Novo Mundo — incompreendido, rejeitado, vitorioso e... negado.

Por NAIEF SÁFADY

Embora essas coisas de «descobertas» fiquem lá muito bem para uma perspectiva europeia da história da civilização, ninguém pode negar que a descoberta da América ocorreu no momento preciso: ao menos, para se ter a certeza de que ela existia... e para se dar a oportunidade ao futuro colonizador de abocanhar e depredar durante séculos os recursos da terra, ou, vez e outra, praticar dizimação colectiva e genocídio, à moda de Cortez. E — isso é um facto — poucas são as nações europeias que, definitiva ou ocasionalmente, não ocuparam uma parcela desse Novo Mundo. Umas saíram mais depressa, sem deixar coisa alguma, outras implantaram seus usos, costumes e leis, e algumas — como a Rússia — carpirão por séculos a infelicidade da venda do Alaska.

Terra de degredados, perseguidos religiosos, refúgio de piratas, aos verdadeiros americanos — os americanos de raiz — restaram algumas alternativas: aceitarem a civilização que se lhes impunha ou levarem uns tiros — tiros esses que prosseguem, para gáudio geral, nos programas de televisão.

A história da América é sangrenta, e não parou de sê-lo. Dizem as más-línguas ser essa a mais autêntica herança europeia. Quando os «pelaos» mexicanos começam e terminam a mais impressionante revolta popular, o mundo ficou embasbacado. Então era possível uma revolução de americanos contra a espoliação, a miséria, a defraudação? Sim, era possível. E a guerra civil norte-americana? Não era uma jóia?

Por essas e outras é que se deve meditar, neste mês em que se comemora mais um aniversário da descoberta do Novo Mundo, na importância e na significação do papel desempenhado pela Companhia de Jesus na colonização do Brasil. Disse o padre Serafim Leite que a história do Brasil é a história da Companhia de Jesus. Uma história, de todas as sanguinolentas histórias americanas, a menos sanguinária e feroz, mesmo a debitar-se os sucessos das guerras dos Sete Povos das Missões do Uruguai. À figura do missionário jesuíta logo viria unir-se a imagem do bandeirante plantador de cidades, levando de cambulhada o Tratado de Tordesilhas e seus limites imaginários. E mesmo quando o marquês de Pombal ordena a expulsão da Companhia do Brasil, para substituí-la tem de mandar organizar e reforçar um rígido dispositivo político e administrativo, consubstanciado no Vice-Reinado, logo coroado com a presença de D. João e com a fundação do Império por D. Pedro.

Ainda assim o Brasil enfrentou umas guerras intestinas mais ou menos ferozes — Farrapos, Confederação do Equador, as revoluções de 1924, 1930, 1932 —, que apenas serviram para consolidar sua unidade territorial e nacional.

Nessa América sangrenta, algumas nações europeias lá se encontram ainda plantadas, a ver se dão fruto. Mesmo a dar-se de barato que a Doutrina Monroe era parcial quando fixava o postulado «a América para os americanos», o presidente estado-unidense talvez tivesse razão (a boca pequena corre que «a América» seria para «os americanos do Norte»): pretendia ele consolidar — pela primeira vez — um sistema interamericano de defesa dos valores americanos. E contudo a América prosseguiu sangrenta. Dolorosamente.

Por isso não se pode deixar escapar um riso meio amargo quando se acompanham os cómodos comentários internacionais que se publicam acerca da conjuntura actual latino-americana, em que os redactores não se contentam em ser observadores de um drama vital insofismável, e assumem feição erotizadora e doutrinal, espelhando para o mundo uma América feita de um conglomerado de republiquetas onde vinte e quatro horas por dia se desempola uma tragédia de cena única: a luta pelo poder.

E mesmo que assim fosse, esse seria o reflexo daquilo que de mais negativo a tradição europeia implantou nas terras da América, com o defeito de raras vezes amanhecer por lá um Richelieu, um Cromwell, um Mazarini, um Frederico II.

Por isso se diz que, quando Colombo colocou o ovo em pé, fê-lo na esperança vaticinadora e premonitória de que em terras de América, pelo menos, se pudesse evitar a futura noite de S. Bartolomeu, ou a Guerra dos Cem Anos, ou a I Grande Guerra e sua «reprise», ou a perseguição aos judeus. Era um gesto cheio de convicção. E cheio de raiva, também.

Chegará ontem a Portugal Heinz Nixdorf, presidente do conselho directivo da firma Nixdorf Computer AG, que assistirá à inauguração das novas instalações da RIMA — Racionalização e Mecanização Administrativa, Lda., afiliada de Araújo & Sobrinho, Sucrs., Divisão de Equipamento de Escritório. Heinz Nixdorf retribuirá agora a visita feita no início deste ano à fábrica de computadores NIXDORF, em Paderborn, pelo sr. secretário de Estado da Indústria, dr. Rogério Martins.

MÓVEIS
Nórdicos e todos os estilos. Estofos — Colchões — Maples-cama
FACILIDADES DE PAGAMENTO E TROCA
MOFEL
MÓVEIS FERLIM, LDA.
Rua de S. Bento, 243
Telef. 67 62 69

NOTA do dia

ONTEM, HOJE E AMANHÃ

ALGUMAS IDEIAS HÁ que vão fazendo o seu curso até mesmo nos dois sentidos do circuito entre governantes e governados. Em certa medida, até é possível dizer que o País adopta um certo número de conceitos ouvidos ao Governo e que o Governo por seu turno adopta um certo número de sobressaltos sentidos pelo País e aos quais tenha sido possível dar força de expressão. É o que se pode dizer de «planeamento», que vai aqui referido sem se saber ao certo se como palavra ou se como ideia. A verdade é que pelo menos com a palavra toda a gente joga, planeamento para baixo, planeamento para cima, sem que desta espécie de «ping-pong» venha mal ao mundo além do tempo perdido.

Claro que daqui resulta um certo arejo de ideias, por parte dos cidadãos uma certa tomada de consciência dos problemas, do seu sentido e da sua dimensão. Mas tem-se muitas vezes a noção de que é disso que se trata e pouco mais do que isso, pois nem os planos parecem suficientemente claros e acabados, nem a sua execução se tem por suficientemente obrigatória, ao menos na aparência. Fazemos a massa, mexe-se tudo muito bem mexido e deixa-se fazer ou desfazer em farófia, que até é capaz de se desembrulhar em efeitos vistosos. E ficam ideias, claro que ficam, mas dos planos as realidades quantas coisas vão ficando pelo caminho, esquecidas ou abandonadas? E quanto tempo desbaratado?

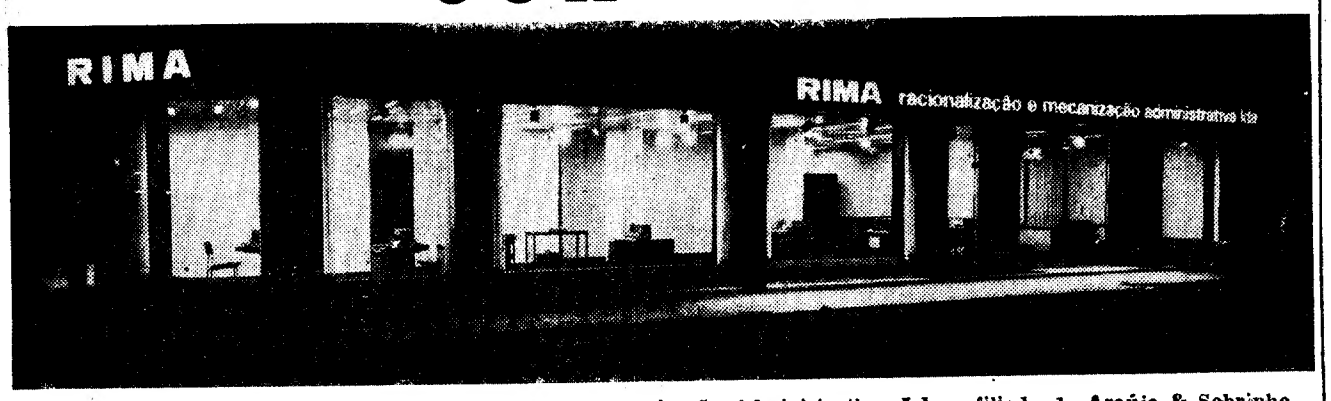
Toda esta máquina tem sido posta a rolar e vai-se ganhando porventura uma certa presteza não só no seu funcionamento como na sua leitura, a identificação dos sinais que se recolhem e emitem. Técnicos da O. C. D. E. de várias especialidades têm vindo frequentemente entre nós para nos ajudarem umas vezes nessa recolha e análise de dados, outras vezes, parece, para nos ajudarem a entender a nós próprios, que bem precisamos. Mas de tudo, como método, como sistema de arrumação de ideias, como disciplina mental e como regra e pauta de trabalho, o que é que tem resultado? Deixa-se cair a pergunta a ver se ela acorda o fundo da nossa consciência das coisas, nem que seja com um «é verdade!» de surpresa.

Conta-se a anedota de que alguns peritos desses que nos têm visitado se dizem verdadeiramente deslumbrados com a nossa imaginação. Temos muitas ideias, muitos planos, muitas ideias sobre os planos, tantas, tantas, que as queremos usar todas ao mesmo tempo, com o que nunca se sabe com que cara é que um plano chega ao fim, tantos são os retoques que vai recebendo pelo caminho. Mas também ocorre perguntar se poderá ser de outra maneira, pois que são tantas as alterações dos factores que ignorá-las seria o mesmo que pôr a rodar uma nora, com força e movimentos certos, mas por cima de um poço onde já não houvesse água para puxar.

Alguns desses valores de alteração foram mencionados quanto ao último decénio pelo subsecretário de Estado de Planeamento Económico, dr. João Salgueiro, que olhou simultâneamente o problema ao nível das empresas e ao nível da economia nacional, pois ambas mùtuamente se influenciam. O balanço resume-se nisto: os últimos dez anos deixaram-nos muitos atrasos, os dez anos que vêm poderão ser destinados à tentativa de recuperação do tempo perdido. Mas para isso é preciso dinheiro, que é como nós dizemos, porque os técnicos dizem que é indispensável expandir o investimento em infra-estruturas económicas e sociais e na actualização dos serviços. Tudo isso é urgente.

Mas tudo isso tem o seu preço. Onde é que o Estado vai buscar com que o pagar? No pensamento do dr. João Salgueiro, tal como o pôs perante os dirigentes da U. C. I. D. T., a alternativa está posta: ou pela redução das despesas militares ou pelo agravamento sensível dos impostos directos. É neste ambiente geral, que é o nosso, que a empresa particular tem de prever o seu futuro. Mas na empresa maior, que engloba aquela e somos nós todos, os problemas não são menores, pelo contrário. E não custa supor o que seja a inquietação dos gerentes quando pensam o que seja, numa assembleia geral, o clamor de todos aqueles que ansiosamente esperam o seu dividendo.

CONVITE



Para a inauguração da RIMA — Racionalização e Mecanização Administrativa, Lda., afiliada de Araújo & Sobrinho, Sucrs., Divisão de Equipamento de Escritório, convidamos o público a visitar hoje as novas instalações, Av. Elias Garcia, 86 — Lisboa, entre as 21 e as 24 horas, onde serão demonstradas várias das aplicações dos novos computadores NIXDORF aos sectores comercial, industrial e bancário.

A COLUMBIA FILMES apresenta

INGRID BERGMAN
ANTHONY QUINN

STIRLING SILLIPHANT — uma produção GUY GREEN

ADULTOS

Chuva na Primavera

(A Walk in the Spring Rain)

com FRITZ WEAVER · KATHERINE CRAWFORD

Argumento de Stirling Silliphant · Bas. na novela Rachel Maddux · Mus. de Elmer Bernstein · Real. de Guy Green · Prod. de Stirling Silliphant

Color · Panavision

ÀS 21.30 SÃO LUIZ HOJE — ESTREIA ALVALADE ÀS 21.45

«QUANDO O JOGO É O AMOR»

TÍTULO ORIGINAL — «The Only Game in Town».
REALIZAÇÃO — George Stevens, 1970 (E. U. A.).
INTÉRPRETES — Elisabeth Taylor, Warren Beatty, Charles Braswell, Hank Henry, etc.
ESTREIA — Cinema Tivoli (19-X-1970).

George Stevens já foi uma das glórias de Hollywood. Ultimamente tem andado muito arredado dos estúdios e os poucos filmes que assinou revelam-se muito abaixo daquilo que seria de esperar de um homem que realizou obras como: «Shane», «Um lugar ao Sol» ou «O Gigante». O presente título não foge á regra. «Quando o Jogo é o Amor» é uma adaptação extremamente maçadora de uma peça teatral de Frank D. Gilroy, que Stevens filma sem qualquer imaginação, e um mais que evidente desfastio. A película nunca deixa de fazer notar a sua fonte de inspiração e a estrutura dramática mantém-se no cinema, atenuada por uma ou outra incursão pela noite de Las Vegas. O resto são os encontros e desencontros de Fran (Elizabeth Taylor) e Joe (Warren Beatty), com alguma conversa sobre *vencidos* e *vencedores* á mistura com «o amor que se cala» e a «solidão que se sente».

Apologia do casamento como forma de resolver a dois a solidão de cada um. «Quando o jogo é o Amor» não passa de uma comédia moralista de *boulevard* que permite colocar frente a frente Elizabeth Taylor e Warren Beatty. Quanto a Stevens — ele esteve ausente.

L. A.

Teatro TELEF. 717017
Maria Matos

Depois do triunfal êxito alcançado no FESTIVAL DE MADRID

TODAS AS NOITES ÀS 21.45 HORAS
Sábados e Domingos também às 16 horas

SÁBADO, ÀS 16 HORAS
TARDE POPULAR
com a mesma tabela dos noites de quinta-feira

BALCÃO: 10$, 15$ e 30$
PLATEIA: 30$00 e 50$00

Os jovens dos 17 aos 24 anos têm, nas tardes de sábado e nos 2 espectáculos de domingo, 50% de desconto, nas normas habituais

2 ÚLTIMAS SEMANAS
DA
DIVERTIDÍSSIMA SÁTIRA

A RELÍQUIA
de
EÇA DE QUEIROZ

AR REFRIGERADO
M/ 17 anos

Conta Juventude
BANCO DO ALENTEJO

ADULTOS

TEATRO ABC
Tel. 366745

Com os popularíssimos actores
CAMILO e IVONE
a plástica sensacional de
IO APOLONI
LINDA SILVA
Maria Tavares — CONJUNTO SEM NOME — Nina Flores
Marília Gama · Lina Morgado · Maria do Céu
ORLANDO FERNANDES — VÍTOR ESPADINHA (no compère)
30 MULHERES EXTRAORDINÁRIAS!
DESCANSO ÀS 4.as-FEIRAS

TODAS AS NOITES, 2 SESSÕES: ÀS 20.55 E ÀS 23 HORAS
DOMINGOS: «MATINÉES» ÀS 16 HORAS
A FABULOSA SUPER-REVISTA

ALTO LÁ COM ELAS!

O MELHOR ESPECTÁCULO DO ANO
produção de JOSÉ MIGUEL
a voz de ouro de
TONY DE MATOS

PASSE O SEU FIM-DE-SEMANA A RIR
COM A LOUCURA FEITA CINEMA!

VITTORIO GASSMAN
SHARON TATE

2.ª SEMANA TRIUNFAL!

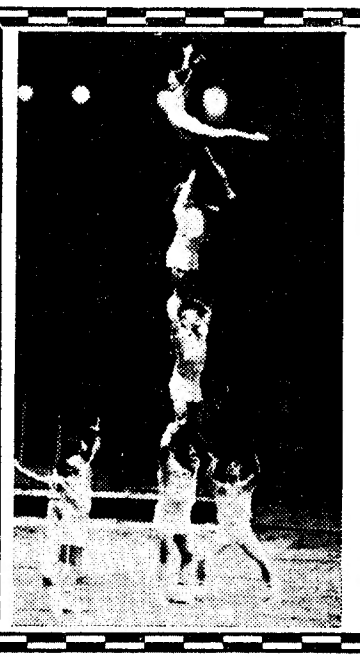
ORSON WELLS VITTORIO DE SICA TERRY THOMAS

12+1
doze mais uma

FILMES OCIDENTE — TECHNICOLOR

ADULTOS

CONDES E ROMA



COLISEU
HOJE ÀS 21.30
(Maiores de 12 anos)
Pela primeira vez em Portugal
1.ª COMPANHIA OFICIAL DE CIRCO DO ESTADO SOVIÉTICO (U. R. S. S.)
CIRCO DE MOSCOVO
Um espectáculo único no Mundo
— AMANHÃ —
Primeiro e segundo à tarde, às 16 horas, com entrada gratuita às crianças dos 6 aos 10 anos.
À NOITE, às 21.30, podem assistir crianças a partir dos 6 anos

TÁGIDE
BOITE

Serviço de Restaurante
★
Aberto até às 5 horas

TÁGIDE
BOITE
UTILIDADE TURÍSTICA

LG. BIBLIOTECA PÚBLICA, 18-20
TELS. Boite 3 5328
Restaurante
Cabine 36 21 23

Tanto espaço para estudar!

O futuro constrói-se com trabalho. E também com inteligência.
Ao esforço de construir Santo António dos Cavaleiros
junta-se a vontade do seu filho se instruir.
Mas, para o ajudar, Santo António dos Cavaleiros oferece-lhe
o ambiente onde pode tirar todo o rendimento dos seus estudos.
A paz, a quietude, e o ar livre. Tão longe dos ruídos da cidade.
Tão longe do que o perturba e distrai.
Leve-o à sua futura casa em Santo António dos Cavaleiros.
Onde há espaço para estudar. Espaço para correr.
Espaço para ser feliz.
Espera-o ali uma equipa de técnicos, apta a encontrar
soluções para as suas conveniências.

SANTO ANTÓNIO DOS CAVALEIROS
uma certeza de felicidade

Um empreendimento da ICESA – Indústrias de Construção e Empreendimentos, SARL.
Av. da Liberdade, 9 – Lisboa 2/Telef.: 326314 (P.P.C.) 6 linhas
Santo António dos Cavaleiros – Estrada de Loures – Telef.: 2530865.
Visitas todos os dias, das 11 às 13 e das 15 às 20 horas, excepto às 2.as feiras.

FESTIVAL DA CANÇÃO DO RIO

O Maracanãzinho foi modesto nos aplausos a Paula Ribas

RIO DE JANEIRO, 23. — — (Do nosso enviado especial Neves de Sousa) — **Nove segundos de aplausos foram toda a glória popular conseguida ontem á noite por «Canção de paz para todos nós» na interpretação de Paula Ribas. Igual tempo veio a ser cronometrado ás melodias representantes da Argentina, Colômbia e Israel, enquanto «Out of the darkness», na voz de Vince Hill (Inglaterra), batia tudo e todos, seguida de perto pelas canções do México, Líbano, Áustria e Itália.**

Aliás, não correu bem esta primeira sessão da fase internacional. O mau tempo afastou muita gente, prejudicando fortemente a bilheteira do Maracanãzinho. Quanto a Paula Ribas, que se apresentou com um vestido (transparente) de renda branca, fez o possível para aguentar a sua melodia. Na opinião conjunta le três membros do juri — Takis Cambas, Carmen Sevilla e Ray Conniff —, «Canção de paz para todos nós» é bem orquestrada mas tem uma letra vulgar, e Paula interpretou-a com *métier*. Do mal, o menos.

Na hora de actuar a cançonetista portuguesa recebeu um telegrama da mãe. Dizia: «*Estamos contigo*». Tanta ternura impressionou-a e deu-lhe forças para «puxar».

O fracasso da noite pertenceu ao Mónaco. Melodia bonita, mas muito mal cantada (por Michéle Torr). Deve ter ficado pelo caminho.

«Ó-lá-lá» e «ié-ié»

Ás quatro da manhã, hora a que acabou esta longa velada, o balanço era como segue:

— fraca assistência para ouvir canções sobre o medíocre;

— «ó-lá-lá» foi o estribilho de oito (!) composições;

— o Japão mostrou o que sabe... e mandou um «ié-ié»;

— a melodia suíça (cantada por Paola de Medice) é um plágio e levou vaia;

— Iva Zanicchi (Itália) cantou de peruca á Gal Costa;

— a tunica e o mini-vestido dominaram.

Um escandalozinho interno: Rocky Shahan, apresentado como sendo da União Indiana, era afinal do Paquistão...

Medici «torce» por Paula Ribas

Fui o unico jornalista da Península Ibérica convidado para a recepção na Presidência da Republica. Levei comigo Paula Ribas.

O general Garrastazu Medici, quando soube que havia um português no grupo, pediu-me que fosse eu a apresentar-lhe os artistas...

Bom conversador, Medici falou-me de Pelé e Eusébio, mas não só: o seu desejo — disse — é retribuir a visita do prof. Marcello Caetano.

— *Penso que será a Portugal a minha primeira saída oficial ao estrangeiro* — confidenciou-me. — *Espero que isso aconteça rápidamente!*

Quanto ao festival, o presidente da Republica do Brasil acha que «*se não ganharmos nós, então que ganhe Portugal*» (o que não deve acontecer). E foi mais longe, repetindo essas palavras para os repórteres da TV.

A despedida, uma saudação ao nosso jornal: «*Digam aos portugueses que estou fazendo tudo para o Brasil e Portugal serem uma pátria lusíada*». O gravador registou.

N. de S.

Novas baladas de José Afonso

A etiqueta «Orfeu» edita novas baladas de José Afonso, sem dúvida um dos chefes de fila do movimento renovador da música portuguesa. Com acompanhamentos de Rui Pato: «Natal dos Simples», «Balada do Sino», «O Cavaleiro e o Anjo» e «Saudadinha». A excepção desta última, que pertence ao folclore açoriano, todas as outras composições têm José Afonso como autor. Noutro «EP» estão registadas: «Resineiro engraçado» (do folclore da Beira Baixa que José Afonso foi o primeiro a divulgar em disco), «Canção de embalar», «Cantares do Andarilho», e «Vejam bem». A «Orfeu» prepara ainda um novo álbum com os maiores êxitos do trovador. Título: «Traz outro amigo também».

HERMÍNIA FAZ HOJE ANOS

No Solar da Hermínia vai juntar-se logo, á noite, um numeroso grupo de amigos da popular fadista, incluindo jornalistas e figuras da tauromaquia, para festejar mais um aniversário seu.

Quando Hermínia faz anos, o Solar cresce de animação. E logo, á noite, a cena repete-se, por certo, com desgarradas, brindes e evocações dos belos tempos (afinal, os actuais — de Hermínia — não são assim tão maus, ora essa!). Daqui lhe mandamos um abraço.

«JOHN E MARY» NO CINEMA VOX

Na moderna sala do Vox continua em quinta semana de enchentes o filme de Peter Yates «JOHN E MARY», classificado pela crítica e pelo publico como um dos mais sugestivos cartazes cinematográficos do início da nova temporada.

«JOHN E MARY», aliás Dustin Hoffman e Mia Farrow) conta-nos uma estranha história de amor. De um amor que começou inesperadamente num bar e cujo desfecho não se torna fácil prever. De um amor que nasceu da indiferença, da duvida, do ódio. De um amor que uniu dois jovens solitários e lhes deu novas forças para tentar o futuro. O filme são eles: os seus pequenos-grandes problemas, os seus dramas íntimos, as suas reacções desesperadas. Análise psicológica, profunda e incisiva, feita por mão de mestre. «JOHN E MARY» subjuga-nos e transmite-nos um aviso: na sociedade não devia haver lugar para a so-

Crédito Universitário
BANCO DO ALENTEJO

MONUMENTAL

HOJE, ÀS 21.45

CONCURSO DE TEATRO AMADOR ORGANIZADO PELA SECRETARIA DE ESTADO DA INFORMAÇÃO E TURISMO COM A COLABORAÇÃO DA F. N. A. T. E DA F. P. C. C. R.

«O LUGRE»

pelo Grupo Dramático Musical J. N. P., de Chamusca

(Maiores de 17 anos)

Bilhetes á venda no Teatro, aos preços de 12$00, 10$00, 5$00 e 2$50.

TRANSUL
CARREIRA N.º 47
CASAL DO MARCO-SEIXAL

Iniciou-se no dia 22/10/70 a exploração desta nova carreira, com o seguinte

HORÁRIO

PARTIDAS DE	
Casal do Marco	Seixal
7.30	7.45
8.00	8.15 a)
8.30 a)	15.00 a)
15.15 a)	15.30 a)
17.15	17.00 a)
17.45 a)	17.30
	18.00 a)

a) Não se efectuam aos domingos

HOJE, ÀS 20.45 E 23 HORAS

OCTÁVIO DE MATOS no «compère»

MARIA VITÓRIA — ADULTOS

• UM ENORME ÊXITO!

GIUSEPPE BASTOS e VASCO MORGADO APRESENTAM

A REVISTA DE QUE LISBOA FALA!

• PIMENTA NA LÍNGUA!

TRIUNFO TOTAL DE UM COLOSSAL ELENCO:

• JOSÉ VIANA • AIDA BAPTISTA • BARROSO • DORA LEAL

• NICOLAU BREYNER

A SIMPÁTICA ACTRIZ • ANITA GUERREIRO

A ATRACÇÃO BRASILEIRA • RONY VALY

E, NO «COMPÈRE» • OCTÁVIO DE MATOS

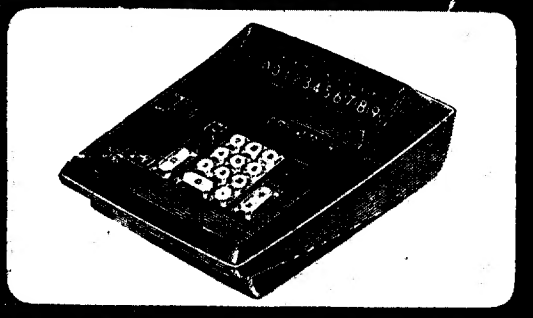
À FRENTE DE UMA GRANDE COMPANHIA E DE UM ÓPTIMO «BALLET» INTERNACIONAL!

• DOMINGO, «MATINÉE», ÀS 16 HORAS •

Se está interessado numa calculadora electrónica, peça uma demonstração (sem qualquer compromisso) duma

Toshiba TOSHIBA

e... sòmente depois resolva!



TOSHIBA oferece-lhe mais possibilidades de cálculo (talvez por menos dinheiro) e uma qualidade primorosa baseada numa longa experiência electrónica.

TOSHIBA é vendida com a garantia e assistência técnica dos seus

Representantes exclusivos em Portugal

ESTABELECIMENTOS M. SIMÕES JR., S. A. R. L.

RUA DA PRATA, 68 - TEL. 361545 - LISBOA

RUA SANTO ANTÓNIO, 208 - TEL. 25581 - PORTO

— e suas filiais e agências em todo o país —

RESTAURANTE LUNAR

(Sucursal do Progresso)

Informamos os nossos estimados clientes que por motivo de se realizar um jantar de homenagem ao Ex.mo Sr. Pedro Paulo de Brito Ayres, pelos seus 50 anos de serviço na Industria Seguradora, encontra-se este restaurante encerrado amanhã, sábado, dia 24 de Outubro, a partir das 17 horas, funcionando, porém, todas as outras secções. Do facto pedimos desculpa.

A GERÊNCIA

S. R.

MINISTÉRIO DA ECONOMIA

SECRETARIA DE ESTADO DA INDÚSTRIA

Direcção-Geral dos Serviços Eléctricos

ÉDITOS

Faz-se público que, nos termos e para os efeitos do artigo 19.º do Regulamento de Licenças para Instalações Eléctricas, aprovado pelo Decreto-lei n.º 26 852, de 30 de Julho de 1936, estará patente na Direcção-Geral dos Serviços Eléctricos, sita em Lisboa, na Rua de S. Sebastião da Pedreira, 7, em todos os dias úteis, durante as horas de expediente, pelo prazo de quinze dias, a contar da publicação deste edital no «Diário do Governo», o projecto apresentado pela Companhia Portuguesa Radio Marconi para o estabelecimento na freguesia da Covilhã da Piedade concelho de Almada de uma modificação incluindo mudança de tensão de 6 para 15 da linha subterrânea para o posto de transformação da Junta Autónoma de Estradas, com o comprimento total de 778 metros, e que passa a seccionado no posto de transformação n.º 1-0-71 Farias.

Todas as reclamações contra a aprovação deste projecto deverão ser presentes na referida Direcção-Geral, dentro do citado prazo.

Repartição de Licenciamento, em 15 de Outubro de 1970.

O Engenheiro Chefe
GUILHERME MARTINS

SÓ ATÉ AO FIM DO MÊS NO TEATRO CAPITÓLIO

OOOOOOOO VISON VOADORRRRRRRRRRR

EM VIRTUDE DE COMPROMISSOS ASSUMIDOS COM O TEATRO SÁ DA BANDEIRA, DO PORTO

TODAS AS NOITES, ÀS 21.45 HORAS • ADULTOS • TELEFONE 32 74 93

CANAL DA CRÍTICA

por MÁRIO CASTRIM

O AR PURO E O TEATRO IMPURO

Esquecerei, hoje, as aventuras do «Olho Vivo», sem a graça nem a desgraça do costume. Esquecerei a rubrica do «Conheça o Portugal desconhecido que nos falou de Monsaraz.

Rui de Carvalho, o-de-olhos-baixos

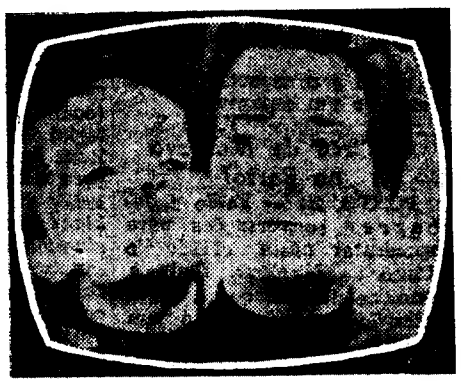
Vou esquecer. Vou esquecer também aquela palestra de Maria João Aguiar na mesma rubrica. Foi assim: começou por nos dizer que certas casas se entregam á exploração indevida do turista. Mal lhes cheira a viandantes, carregam logo na conta. Como se resolverá este problema? Que medidas educacionais estão sendo tomadas no sentido de evitar semelhante coisa? Maria João não disse.

Mas disse que havia uma medida a tomar: quem se sentisse lesado na «dolorosa» devia mandar uma carta com a factura respectiva a não me lembro que organismo — e este trataria logo da saude ao comerciante ganancioso. Uma queixinha — e já está: tudo resolvido. Fácil, fácil, fácil. Queixem-se, queixem-se!

Vou esquecer a «Noite de Teatro» em mais uma produção da «Metrul», com uma peça «Uma lufada de ar puro» de qualquercoisa Marsus (Jean, creio eu). Tratava-se de uma peça antielectrónica género o-amor-vence-tudo-e-o-resto-são-paisagens. Tudo começou com uma martelada no ordenador. O marido deu a martelada, a mulher não gostou mas depois veio a reagir de tal maneira que obteve a adesão de vários cidadãos daquela republica. Por essas e outras lhe chamaram vários nomes e entre eles «lufada de ar puro». Pois a tal, entre várias moléstias, sofria de «sobressalto de pudor atávico», doença que faz doer muito. Isto e a sua capacidade «de ter saudades do passado» trazem-lhe muitas simpatias e eis em ambrião a revolta contra os computadores, com as pessoas a chegar no «foguetão das nove» e outras pequenas misérias de antecipação foguetória.

Esta peça, este mistifório bem falante, não teve a extensão de muitas outras. E no entanto, poucas terão convidado tanto ao sono como esta. Os quadros estáticos, o gargarejar da musica electrónica, a lengalenga após lengalenga, a dificuldade em se perceber o que é que todos eles queriam afinal, se é que queriam alguma coisa, tudo isso pesava chumbo nas pálpebras.

Depois os artistas tinham combinado falarem todos no mesmo nhã-nhã monótono e papoileiro, com realce para Rui de Carvalho, o-de-olhos-baixos, Glória de Matos, a muito-loira-e-fria (constipadíssima, coitada! e Alexandre Vieinosso tempo? Por mim, aposto nela. Esra, o choramingas-xem-xentelha (parece que estou a ouvi-lo: *bastaria-lhe* voltar a ve-lo...»). Canto e Castro e Ligia Teles falaram, falaram — e quase sempre estiveram a pensar noutra coisa mutuamente desamparados (aquelas hesitações inquietantes...).



Eles falaram, falaram, falaram...

Para além de toda a bemfalância, da peça uma frase houve que pesava oiro. Confúcio não desdenharia subscrevê-la. Dizia assim: «Só as pessoas pouco seguras do seu saber se enervam á menor crítica».

Bem desarrincado, sim senhor. No entanto, assim mesmo, vou esquecer a peça também. E então? Então não terá havido nada na programação de ontem capaz de prender a memória do crítico? Será assim tão crítico o seu estado?

Calma aí. Houve, sim senhor, houve motivo para alegria — e quanta! Refiro-me ao regresso de «Robin dos Bosques». Chegado da Terra Santa, o jovem e aguerrido Robin deseja recuperar seus haveres ao João Sem Terra. Logo no primeiro episódio assistimos ao maior festival de espadeiradas dos últimos tempos. As fintas, as dissimulações, o aparar de golpes a riposta — de tudo aconteceu no primeiro episódio de uma série que luta desesperadamente pelo regresso á popularidade. Terá a espada força bastante para vencer o revólver, o punhal, o cianeto, a meia para estrangular, o gás venenoso, etc., das outras séries? O perfume passadista que envolve a espada numa bainha de poesia poderá vencer, junto do público infantil, a eficiência de outros instrumentos de matar mais especialmente naquela manejada por Robin, o nobre, posta ao serviço dos probezinhos. Que querem, sempre gostei muito de anedotas.

Rádio

PROGRAMAS DE HOJE

EMISSORA — 1.º Programa — 451 m — 665 kc/s. — Às 15: Noticiário; 16 e 05: O Orfeão da Covilhã; 16 e 30: Roteiro Musical Português; 17: Gimnástica de Pausa, pelo dr. Marques Pereira; 18 e 05: No mundo da canção; 18 e 20: Uma Gota de Sangue e Renasce uma Vida, programa do Instituto Nacional de Sangue; 18 e 30: No mundo da canção; 19 e 45: Rádio Rural — Musica, só musica; 20: Sinal Horário — Diário Sonoro — Boletim meteorológico; 20 e 20: Resumo do Programa — Melodias por Orquestras; 20 e 40; 17.º Episódio do Folhetim «A Cidade e as Serras»; 21 e 05: Canconetas Portuguesas; 21 e 30: Novidades em Discos, texto e selecção de Paulo Medeiros; 22 e 05: O Homem e a Sociedade, pelo prof. dr. Ferreira de Almeida 22 e 30: Fados, por Edite Guerra e Natalino Duarte; 22 e 50: Musica, só musica; 23 e 05: Programa da noite; 24: Fecho.

2.º Programa — 397 m — 755 kc/s. — Às 16: Folclore no Mundo — Musica de Cachemira — Musica da Jugoslávia; 16 e 25: Curiosidades musicais — Dois concertos colectivos de compositores chineses contemporâneos; 17 e 10: Musica de câmara; 18: Musica Portuguesa; 19: O Canto e os seus Intérpretes, por Maria Helena de Freitas; 19 e 45: Musica de piano; 20: Diário Sonoro; 20 e 20: A pianista Myra Hess — Toccata em sol maior (Bach) — Intermédio op 119, n.º 3 — Rapsódia n.º 4 op. 79 (Brahms); 2 0e 30: Musica de câmara; 21: Musica sinfónica; 22: Teatro dos nossos dias: «Elementos Humanos no Simbolismo de Eugénio de Castro», pelo dr. Leopoldo Araujo; 22 e 36: Sonata em fá maior para violino e piano (Mendelssohn), violino, Franco Gulli; piano, Enrico Carvalho; 22 e 58: Fecho.

Programa MF 2 — 94,3 mc/s. — Às 23: 3.º, 4.º e 5.º Actos da ópera «D. Carlos» (Verdi); 1: Fecho.

RÁDIO UNIVERSIDADE — 451 m — 665 kc/s. — Às 19 e 10: Abertura; 19 e 12: Presença Jazz; 19 e 30: Musica Anglo-Americana; 19 e 45: Fecho.

RÁDIO CLUBE — 290,13 m 1034 kc/s. — Às 16 e 04: Programa C. D. C.; 18: Ela e o seu mundo; 18 e 21: Dois ritmos; 18 e 30: Lisboa á tarde; 19 e 15: Contraponto; 19 e 30: Rádio-Jornal; 20 e 07: 45 Rotações; 20 e 30: Semana 7; 20 e 45: Canções de Portugal; 21 e 03: O Clavo fica consigo; 21 e 15: Musica para meditar; 21 e 32: Impacto; 22 e 30: Quando o telefone toca; 23 e 05: Grande roda; 0 e 02: «P.B.X.»; 2: Contacto; 3 e 02: A noite é nossa; 6 e 02: Diário rural; 7 e 03: Talismã.

Modulação de frequência — 97,4 mc/s — Às 16 e 04: Programa C. D. C.; 17 e 57: O nosso programa; 19 e 04: Em órbita; 21 e 02: Boa-noite em FM; 22 e 02: Programa á Gá-Gá; 0 e 02: Em órbita-dois; 1 e 02: Banda Sonora; 2: Perspectiva; 3 e 02: Fecho.

Emissor de Miramar — 383,6 m — 782 kc/s. — Às 16 e 04: Programa C. D. C.; 18: Depois do chá; 18 e 30: Ela e o seu mundo; 18 e 45: Matinée teatral; 19 e 03: Miscelânea; 19 e 17: Conjunto; 19 e 30: Estúdio 64; 20 e 10: Nome dia a dia; 21 e 05: Só-Rádio; 21 e 40: Orquestras; 21 e 45: Mensageiro do Evangelho; 22 e 02: Primeiro plano; 22 e 15: Novos de alegria; 22 e 30: Carrossel-3; 23 e 04: Clube da Juventude.

RÁDIO RENASCENÇA — 233,2 mc/s. — 1286 kc/s. — Às 16: Radioramo; 18 e 05: Maranatha; 18 e 30: Terço e bênção da Basílica dos Mártires; 19 e 05: Transmissão da extracção da lotaria do Santa Casa da Misericórdia de Lisboa; 19 e 15: Musica; seleccionado; 19 e 30: Página 1; 20 e 55: Meditando; 21: Programa dos sócios; 22: Quando o telefone toca; 22 e 30: Pentagrama; 22 e 45: Musica variada; 23: A 23.ª hora.

EMISSORES ASSOCIADOS DE LISBOA — Onda média — 188 m — 1594 kc/s. — 94,4 mc/s. — **Rádio Peninsular** — Das 7 ás 8, das 10 ás 12 e das 19 e 30 ás 22; **Rádio Voz de Lisboa** — Das 17 ás 19 e 30 e os 22 ás 2; **Clube Radiofónico de Portugal** — Das 12 ás 14 e 30; **Rádio Graça** — Das 8 ás 10 e das 14 e 30 ás 17.

TV dia a dia

HOJE PODE VER...

SIEMENS ESTORIL electronic

AMANHÃ PODE VER...

AMANHÃ — *1.º período* — Às 12 e 45: Abertura e desenhos animados; 13: O caso da semana; 13 e 15: Filme da série «Os meus sobrinhos»; 13 e 45: Telejornal, 1.ª edição; 14: Directamente do... Estádio da Luz, parte da prova de «karting», «As 3 Horas de Lisboa»; 14 e 30: Universidade na TV — «O Bom Pastor»; 14 e 55: TV Educativa — Educação Musical (crianças); 15 e 30: Directamente do... Estádio da Luz; 16: TV Infantil; 16 e 15: Desenhos animados — Kimba; 16 e 45: Directamente do... Estádio da Luz; 17 e 10: Série juvenil — Daktari; 18: Programa feminino; 18 e 25: Teledesporto; 18 e 50: Expedição; 19 e 15: ...E a vida continua...; 19 e 30: Telejornal, 2.ª edição; 19 e 45: Série juvenil — «Skyppy»; 20 e 15: Bi-centenário do nascimento de Beethoven; 21 e 30: Telejornal, 3.ª edição, e Boletim Meteorológico; 22: Folhetim «Os Cavaleiros do Céu»; 22 e 35: Variedades, em que participam Helena Cardinaill, duo Sérgio-Madi, Les Aranris (acrobatas), Trio Harmonia, The Suite Black and With, Paula Ribas e o Conjunto de Vitor Campos; 23 e 35: Marcha do Mundo; 23 e 45: Meditação e fecho.

2.º programa — Às 21 e 30: Telejornal, simultaneamente com o 1.º programa; 22: Noite de cinema — «Diplomata em apuros», com Terry-Thomas, Peter Sellers e Luciana Prolazzi como intérpretes principais; 23 e 25: Fecho.

Artistas do maior circo do mundo ensaiam na maior psta portuguesa, onde logo á noite os espera um publico antecipadamente rendido á sua classe

CIRCO ANTES DO CIRCO —A MADRUGADA NO COLISEU

EM VEZ DE ENSAIO DOS ARTISTAS CONCERTO PARA MARTELO E ORQUESTRA

Os ursos ainda estavam (e estão) nas jaulas. Os camelos também. Os cavalos, agitadamente, descansavam nos fundos do Coliseu. Os cães moviam-se na arrumação dos canis, mas silenciosamente — é que são de circo não ladra. Também, se ladrasse, não se ouvia. Era, por um lado, a orquestra a atacar, repetidamente, os números do circo russo. Era, por outro, o martelar descompassado dos carpinteiros de cena: montando pistas, passadeiras, estrados e, até, aparelhagem de cúpula. Ontem, á noite, no Coliseu foi isto.

Não houve ensaio geral. Para quê? O Circo de Moscovo não é feito de retalhos de várias companhias que se encontram em Lisboa. Nada disso. O Circo de Moscovo é, só ele, uma companhia organizada.

Mas há as luzes, os focos, as dimensões da casa e a adaptação ás condições locais em que se vai dar o espectáculo — pois há. Foi isso o que, ontem, á noite, aconteceu no Coliseu. Isso e um outro trabalho (simples) que ocupou os artistas para cima de duas horas. O ensaio da abertura e do fecho. Um trabalho humilde de repetições.

Toda a companhia marcou as entradas e as saídas, saudando (com vénias desmesuradas: ucranianas) e despedindo-se (com um adeus total de mão aberta e sorriso diligente) do público (que não existia). Duas horas, para dizer: *Este é o Circo de Moscovo!*

O resto foi todo o trabalho de montagem. Prega. Estica. Alarga. Prende. Suspende. E a singularidade dos operários de ocasião a fazerem-se entender, a martelo, com os funambulos (que, num gesto, querem o arame estendido ao comprido), com o domador (que, sem palavras, quer as jaulas fechadas), com os acrobatas (que, significativamente, querem os tapetes corridos). Circo antes do circo — em que colaboraram artistas (operários) portugueses, sem contar com os músicos da orquestra que lêem uma escrita comum: Portugueses a trabalhar com um maestro russo...

Apenas, como nota de *arte humilde*, um *jongleur* trouxe, para a pista, uma mala. Dela, tirou seis arcos e duas bolas de borracha. Equilibrou-as. Jogou-as. Bateu-as. Trocou-as. Segurou-as no espaço estreito que vai da cabeça aos ombros. Depois, depois meteu tudo na mala. Fechou-a. E saiu (na noite despovoada do ensaio) sem ouvir os aplausos que lhe estão guardados para hoje.

O Circo já esteve (ontem) no Coliseu, mas ainda sem o ritmo e o espectáculo que faz dele um espanto!

T. da S.

O Circo de Moscovo no Porto?

PORTO, 23 — Estão a decorrer conversações para apresentar nesta cidade o Circo de Moscovo. Dada a enorme despesa que a organização pressupõe, só um grande recinto a pode comportar. No Porto o melhor e talvez o unico será o Pavi-Desportos.

«FESTA BRAVA»

Amanhã, pelas 16 horas, na sede da Tertulia «Festa Brava», há o habitual almoço dedicado aos sócios e seus familiares findo o qual o sr. Ludgero Alves faz uma conferência sobre «Personalismo».

O pintor Manuel Baptista recebeu o «Prémio Soquil 1970»

O pintor Manuel Baptista recebeu ontem, á noite, durante um jantar no Grémio Literário, o «Prémio Soquil 1970», destinado a galardoar o artista plástico que mais se destacou em exposições individuais ou colectivas durante a temporada passada em Lisboa (1 de Outubro de 1969 a 30 de Setembro deste ano) em obras inauguradas publicamente durante o ano.

Atribuido agora pela terceira vez, o «Prémio Soquil» — oferecido pela firma Soquil, Ld.ª, Sociedade Química Industrial — está sob os auspícios da secção portuguesa da A. I. C. A. (Association Internacionale des Critiques d'Arts), cuja direcção nomeou o juri deste ano (Fernando Pernes, dr. José Augusto França e dr. Rui Mário Gonçalves)

O «Prémio Soquil» conquistou uma posição de primeiro plano na consagração das artes plásticas em Portugal, constituindo o maior galardão actual para artistas do género, no nosso País, quer pelo seu valor material (40 contos), quer pelo prestígio dado ao distinguido.

O juri resolveu, por unanimidade, atribuir o prémio de 1970 a Manuel Baptista «*pela continuidade da problemática da sua obra, este ano enriquecida com trabalhos que sintetizam várias vias de exploração apresentados em exposições particulares na Galeria de Arte Moderna, Sociedade Nacional de Belas-Artes e Galeria 111*». Foram ainda entregues três menções honrosas (com acompanhamento monetário de 10 contos) a Artur Rosa «*pelo modo como integrou uma obra escultórica na sede da Fundação Gulbenkian*»; João Vieira «*pela originalidade da sua proposta* envolvência *na exposição realizada na Galeria Judite Dacruz*»; finalmente, Jorge Pinheiro «*pelo aprofundamento dos fundamentos da sua pesquisa demonstrado na sua exposição na Galeria Bucholz*».

No final do jantar e antes da distribuição dos prémios, o administrador da Soquil sr. Luís Sales Vilela, proferiu uma curta alocução em que foi referida a continuidade do prémio nos próximos anos e o desejo de que outras firmas pudessem vir a seguir o exemplo da sua, para bem da Arte em Portugal. Falou, depois, o dr. José Augusto França, que justificou a escolha efectuada e o espírito que a informou. Mais tarde, o dr. Sales Lane, vice-presidente do grémio, teve uma curta intervenção de cortesia tendo reafirmado a continuação do apoio que o seu clube tem dispensado á atribuição dos «Prémios Soquil».

INSTITUIÇÕES PARTICULARES DE ASSISTÊNCIA

O dr Lino Netto presidiu, hoje, á reunião mensal da direcção da Corporação da Assistência, na qual foram analisados os resultados da prospecção que, desde Janeiro, vem sendo efectuada junto das 1695 instituições incorporadas (continente e ilhas adjacentes). O referido inquérito, que se encontra na fase final, visou a obtenção de dados informativos para utilização programática, através de serviços mecanográficos.

Na mesma reunião, foi considerado de instante oportunidade criar um grupo de trabalho que, em colaboração com as diversas instituições particulares, definirá o respectivo ambito assistencial, coordenando a sua acção com actividades paralelas exercidas quer directamente pelo Estado quer pelas autarquias locais, através da Assistência Publica.

ACADEMIA PORTUGUESA DE HISTÓRIA

«A peste e seus reflexos em Évora até meados do século XVII» — foi a comunicação, da autoria do dr. Nobre de Gusmão, apresentada na sessão de abertura, hoje efectuada, do novo ano de trabalhos da Academia Portuguesa de História.

Casa Regional de Ferreira do Zêzere

No próximo dia 31, na Casa Regional de Ferreira do Zêzere, há uma noite de confraternização.

23.ª COLECÇÃO

LISBOA DIA E NOITE

Boletim do dia 23 de Outubro de 1970

BOM APETITE

TONI DOS BIFES
Av. Praia da Vitória, 50-E
Telef. 536080
AMANHÃ
FEIJOADA À PORTUGUESA
DOMINGO
ARROZ DE FRANGO À VALENCIANA
Diáriamente SARRABULHO
ABERTO AOS DOMINGOS

NO RESTAURANTE
NO SALÃO DE CHA
NO POSTO SHELL EM
AZEITÃO
ESTRADA LISBOA - SETUBAL
Telef. 228244
LOCAL APRAZIVEL PARA ALMOÇAR E TOMAR CHA

JANTE NA TARANTELA
EM AMBIENTE FAMILIAR
Largo D. Estefânia, 22
SALA NO 1.º ANDAR PARA LANCHES DE CASAMENTOS

PROGRESSO
Restaurante ✲ Snack-Bar
✲ Pastelaria
R. Barata Salgueiro, 2
Telef. 40 15
Aos domingos especialidade da casa
ENSOPADO DE ENGUIAS E COELHO À CAÇADOR
SERVEM-SE LANCHES DE CASAMENTO

RESTAURANTE QUINTA DE S. VICENTE
Telheiras de Cima, 144
Telef. 790211 (M/ 5 anos)
JANTARES DANÇANTES AOS SÁBADOS E DOMINGOS
c/ conjunto privativo
AMBIENTE DISTINTAMENTE FAMILIAR
PREMIADO PELO SNI

OH LACERDA!
UM CONVITE PERMANENTE
R. Dr. Silva Teles, 18-A

APÓS AS REFEIÇÕES - CHAVE D'OURO - O MELHOR CAFÉ

LÍDIA RIBEIRO

RECUSA O TEATRO

Lídia Ribeiro recusou mais uma proposta que lhe foi dirigida no sentido de ser atracção de uma revista a levar à cena brevemente. Está agora integrada no «show» do Casino Estoril, prolongando as suas actuações até 26 de Novembro, por cedência do Restaurante Folclore, a cujo elenco pertence.

Hermenegildo Lopes e Joaquim do Vale sem compromissos

Hermenegildo Lopes (guitarra) e Joaquim do Vale (viola), que até há pouco pertenceram a elencos de restaurante típicos lisboetas, estão agora livres de compromissos.

O grande numero de intérpretes que foram levar um fado ao casal Barros com o seu abraço de felicitações: Fernanda Maria, Ada de Castro, Maria da Fé, Maria Pereira, Quinita Gomes, entre outras.

Júlio Barros, segundo anunciou, propõe-se realizar mais modificações na sua casa, no sentido de ampliar condições e possibilidades.

SEVERA: 15 ANOS

Já correram quinze anos sobre a noite da inauguração do restaurante típico a Severa. A data foi assinalada pelos proprietários, numa reunião informal que terminou altas horas. O empresário Júlio Barros e sua esposa, D. Maria José Barros, viram-se envolvidos por muitos dos que os têm acompanhado desde a inauguração da que é hoje um dos mais populares restaurantes típicos lisboetas.

ADELAIDE RIBEIRO

«BOITE» EM SÃO PAULO

Adelaide Ribeiro, uma das revelações do Centro de Preparação de Artistas de Rádio da E. N. (foi contemporânea de Maria de Fátima Bravo) acaba de inaugurar uma elegante «boite» em São Paulo. As notícias dizem: «a mais elegante «boite» da cidade». Adelaide é (claro) a vedeta do «show». Seu marido, Américo Simões, dirige todo o negócio.

MARIA DA NAZARÉ

OS FADOS DO «TI'ALFREDO»

Maria da Nazaré nutre grande admiração por «Ti'Alfredo» (Marceneiro). Tão grande, que procura o estilo dos seus fados mais antigos. E fá-lo por ternura, aliás retribuida, pois com frequência o «Ti'Alfredo» se desloca a Cascais, ao «Arreda», para ouvir a «menina», como ele lhe chama. Maria da Nazaré pensa agora reunir em disco algumas das mais antigas (e famosas) melodias do «Ti'Alfredo», embora com poemas de acordo com a sua sensibilidade.

CARLOS BASTOS

FADOS NOVOS

Carlos Bastos criou um estilo que lhe granjeou já grande número de admiradores. Foi atracção de «boites» e restaurantes e adapta ao estilo de fado a maior parte das suas composições. Prepara agora quatro trechos a incluir no próximo disco (a editar pela «RR»). A gravação está prevista para a segunda quinzena deste mês.

MARIA MARQUES E SAUDADE DOS SANTOS VOLTAM A CANTAR

Maria Marques e Saudade dos Santos tinham abandonado as actuações regulares e os elencos dos restaurantes típicos. A decisão parecia ter carácter definitivo, apenas interrompido por uma ou outra participação em espectáculos de beneficência (nomeadamente a Grande Noite do Fado, organização da Casa da Imprensa). O casamento (Maria Marques com o empresário José Manuel Soares, Saudade dos Santos com o empresário Emílio Mateus) determinara a atitude. E a decisão parecia inabalável. Mas as saudades foram mais fortes. E porque todos dispensam uma grande amizade ao empresário Júlio Barros, será na «Severa» que Maria Marques e Saudade dos Santos voltarão a cantar, com alguma regularidade (duas ou três vezes por semana). O elenco da «Severa» valoriza-se: duas vedetas do fado regressam.

MAX

NOVAS MELODIAS

Max, excelente fantasista e agora atracção do «show» que a «Tágide» apresenta, é autor de melodias de recorte popular tendo alcançado com algumas, êxito internacional (o famoso «Bailinho da Madeira», por exemplo, já deu a volta ao mundo). Mas outras melodias de Max andaram na boca de toda a gente: «Nem às paredes confesso» e «Sinal da Cruz», entre muitas outras. Pois Max, com o seu invulgar sentido popular, tem já compostas melodias que ouviremos em breve, com as suas interpretações e nas vozes de alguns dos nossos melhores cançonetistas.

AMÁLIA

OS FADOS MAIS ANTIGOS

Amália Rodrigues tem vindo a gravar alguns dos fados de que já tinha registado interpretações alguns anos atrás. Agora propõe-se passar a novos acetatos alguns dos mais antigos fados que cantou. Voltará, assim, a interpretar melodias famosas de Frederico Valério e Jaime Santos, autores com nítida influência no repertório base de Amália.

O FADO E O FOLCLORE, EM LISBOA — RESTAURANTES TÍPICOS

PARREIRINHA DE ALFAMA

cantam: Argentina Santos, Julio Peres, Lina Maria Alves, Natalina Duarte, Flora Pereira, Leonor Santos e Susana da Conceição Tocam: António Proença e Miguel Consumo mínimo Beco do Espírito Santo, 1 Telef. 868200.

TAVERNA DO EMBUÇADO

Elenco: João Ferreira Rosa, Vicente da Câmara, João Braga, Ana Rosmaninho e António de Mello-Correa. Tocam: Fontes Rocha, José Luís Nobre Costa e Pedro Leal. Encerra aos domingos. Consumo mín. 90$00. Beco dos Cortumes, 10. Telef. 860816.

MÁRCIA CONDESSA

cantam: Teresa Nunes, Norberto Martinho, Fernando Manuel e António Reis. Artistas convidados: Candida da Conceição, Julieta Maria, Alzira Moreno e Aurora Sobral. Tocam: Alberto Vilar e António Pessoa. P. da Alegria, 58. Telef. 367093. Encerra à segunda-feira.

GUITARRA DA MADRAGOA

cantam: Lizete Maria, José Teixeira, Maria José Ramos e Francisco Martinho. Tocam: António Parreira e José Inácio. Aberto todos os dias. Rua da Esperança, 174. Telef. 661915. Cons. mín. 50$00.

SOLAR DO MINHO

cantam: Eduardo Maria Natália dos Anjos e Artur dos Santos. Tocam: António Valentim e José Meneses. Rua do Vigário, 60. Telef. 866811.

FOLCLORE

elenco: Armindo Vidal, Fernanda Guerra, Julieta Brigue, Lídia Ribeiro, Marina Rosa, Américo Lima, António Chainho, Fernando Ribeiro, José Maria Nóbrega, Avelino Rodrigues, Fernando Matos e Corpo de baile constituído por 20 elementos e dirigido pelo Coreógrafo António Gonçalves. Cons. mín. 120$00. Taxas incluídas. Rua Nova da Trindade, 22-A. Telef. 35007-323406. Encerra ao domingo.

TIMPANAS

cantam: Tino Odemira, Alcindo de Carvalho, Emília Reis, Luís Braga e Benvinda Cruz. Tocam: Armando Ferreira e Torquato Lopes. Danças pelo Grupo Típico de Vila Franca de Xira. Canções do Minho por Quim Barreiros. Cons. mín. 61$50 (taxas incl.). Rua Gilberto Rola, 24. Telefones 676655-67341.

A SEVERA

cantam: Fernanda Maria, Maria Amorim, Maria Portugal, Manuel Fernandes, António Pires e José Amaro. Tocam: Carvalhinho e Reis da Silva e ainda o conjunto «Aguarelas de Portugal». Rua das Gáveas, 57. Telef. 34006. Encerra à quinta-feira.

MIL E UM

cantam: Moisés Campelos, Maria Eva, Beatriz Fragoso, José de Barros, Maria de Fátima, Henrique Morgue, Laurinda Gonçalves. Cons. mín. 40$00. Travessa da Espera, 8. Telefone 35464. Encerra às 5 da madrugada.

L U S O

elenco: Maria da Fé, Fernando Maurício, Fernanda Pinto, Glória Maria, Augusta Ermida, Victor Duarte, Plínio Sérgio (em todos de Coimbra), Domingos Camarinha (guitarra) e Jorge Barradas (viola). Conjunto privativo de Danças Regionais, dirigido por António Cunha. Trav. da Queimada, 10-16. Tels. 362889-328503.

VIELA

cantam: Ségio, Berta Cardoso, Beatriz Ferreira e Conceição Tavares. Cons. mín. 50$00. R. das Taipas, 14. Tel. 327256.

A KAVERNA

cantam: Celeste Maria, Tina Santos, Renato Mota. Tocam: Armandinho Maia e José Maria Carvalho. Cons. mín. 90$00. Travessa dos Fiéis de Deus, 37. Telef. 35593.

LAR PORTUGUES

cantam: José Borges, Armando Miranda, Folclore pelo Conj. Típico do «Lar Português». Cons. mín. 50$00. R. da Barroca, 133. Telefs. 36960 e 30532. Encerra às terças-feiras.

SOLAR DA MADRAGOA

cantam: César Morgado, Maria Amélia Proença, Maria de Lourdes e Judite Teixeira. Tocam: Sales Correia e Agostinho Dias. Cons. mín. 30$00. Rua das Trinas, 67. Telef. 669857. Encerra ao domingo.

ADEGA MACHADO

cantam: Esmeralda Amoedo, Ivete Pessoa, Nazaré Maria, José Vilela, Tina Ferreira. Fados de Coimbra por João Queiroz, Trio Arautos. Fandango pelo Grupo de Vila Franca de Xira. Tocam: Jorge Fontes e Américo Silva. Conc. mín. 70$00. Rua do Norte, 91. Telefs. 30095-328713. Encerra à segunda-feira.

O ARABITA DE ALFAMA

cantam: Alice do Carmo, Rossana Lima, João Cabra. Tocam: Edgard Nogueira (guitarra) e Armindo Gonçalves (viola). Encerra aos domingos. Rua da Adiça, 9. Telef. 86345

O FORCADO

cantam: António Rocha, Mariana Silva, Cecília de Jesus, Miguel Silva e João Sobreira. Tocam: Acácio Gomes e Miguel Silva. Cons. mín. 40$00. Rua de Rosa, 219. Telef. 368579.

GUITARRA DE ALFAMA

cantam: Vitorino dos Santos, Tucha Mascarenhas e José Manuel Osório. Tocam: António Besso e Fernando Reis. Encerra ao domingo. Cons. mín. 35$00. Largo do Pereiro, 7 (Alfama). Telf. 863505

BALEEIRA

cantam: Filipe Duarte, Maria Emília, Ana Madalena e Julieta Reis. Tocam: José Alves e Armando Silva. Encerra às 2.as-feiras. Cons. mín. 40$00. Av. Marginal, 21-22 (DAFUNDO). Telef. 213259.

RESTAURANTES, BARES, «BOÎTES» E «DANCINGS»

HIPOPPOTAMO

Av. Ant. Augusto de Aguiar, 3-A. Telef. 48384 — Mário Simões e o seu conjunto. Encerrado aos domingos

NOCTURNO

Travessa Fiéis de Deus, 28. Telef. 370889. Poesia com Correia da Silva. Encerra às 3 e 30

POP-FADO

R. Ferreira Lapa, 38-D. T. 561949

MAXIME

Conjunto 6. Reacção e Maximiliano. «Show» turístico. Variedades internacionais. Praça da Alegria, 58. Telef. 55366

ARCHOTE-CLUB

Discos. Rua D. Filipe de Vilhena

TERRAÇO DAS ESTRELAS (HOTEL EMBAIXADOR)

Conjunto Manuel Viegas. Avenida Duque de Loulé, 73. Telef. 530171.

SANZALA

Av. Marechal Carmona, 2. Campo Grande. Telef. 790172. Encerra às 3.30

BAIUCA

R. da Barroca 86. Telef. 34700

LORD

Rua Victor Cordon 14-A. Telef. 323098

GALERIA REAL

Estrada de São Pedro. SINTRA. Telef. 981661. Encerra à meia-noite.

BONAPART CLUBE

Últimas novidades em discos, recebidos directamente dos E. U. A. R. de S. Miguel, 70 (Alfama). Tel. 872761 6-D.

FLOR DE LIS

Rua da Atalaia, 18 (Bairro Alto). Telef. 367136. Encerra às 3 horas.

TAGIDE

Variedades: Max e o conjunto Zé Pedro. Largo da Biblioteca, 13-22. Aberto ao domingo.

SNOB

Rua de «O Século», 178. Telef. 33723

TAMILA

Marão e s/ Conjunto. Avenida Duque de Loulé, 69—Telf. 534117. Matinées todos os dias. Encerro aos domingos

ADAGGIO

Apresentação de Teresa Paula Brito e Carlos Portugal no seu novo reportório. Discos recebidos directamente de Inglaterra, Estados Unidos e Brasil. Rua Carlos Reis 51-A. Telef. 775695

CASINO DO ESTORIL

Jogo autorizado. Variedades internacionais. Telefs. 264521 - 264526 264596 264621 - 264946

FORTE VELHO

Paço. S. João do Estoril. Telef. 261337.

II — A INTERVENÇÃO AMERICANA NA GRÉCIA

Fazermos uma ideia exacta do caso da intervenção dos E. U. A. na Grécia e da «doutrina Truman» (a esse caso directamente ligada) teremos que determinar qual era então a situação em Atenas.

Esta situação era encarada em Washington com objectividade e serenidade. Pregava-se mesmo a moderação aos ingleses, que, como já dissemos, estavam muito interessados em mostrar-se inquietos e «nervosos» a fim de arrastarem os americanos.

No dia 14 de Fevereiro de 1947 — ou seja uns dias antes da diligência «ultimativa» de Londres — o Secretário de Estado, Marshall, fizera uma extensa declaração sobre a «questão grega», declaração que constituia um apelo aos «elementos moderados de todos os partidos da Grécia» e um apelo á «união de todos os gregos». O Secretário de Estado apresentara mesmo o pretexto da mudança de Governo de Atenas (ocorrida recentemente, apresentando-o como Governo de «união nacional.» «Nenhum país internamente dividido — dizia o general Marshall — pode esperar resolver os problemas nacionais que afectam todos os cidadãos»: a restauração económica só poderia ser empreendida com base num programa no qual participasse «o conjunto do povo grego.» E o Secretário de Estado sugeria um «armistício geral», o desarmamento de todas as forças «ilegais» — isto é, dos rebeldes — bem como dos «grupos de combatentes nacionais) organizados pelo Governo) uma série de reformas administrativas.

Com estas declarações, o Secretário de Estado não tratava apenas as duas partes adversárias no mesmo pé; ao recomendar reformas administrativas, censurava, de certo modo, o Governo, acusando-o veladamente de não estar á altura da situacão. Encontra-se este mesmo ponto de vista nas memórias de Truman — escritas muito tempo depois destes acontecimentos.

Um caso sombrio

Todo este caso se desenrolou sob o signo da surpresa e da urgência, enquanto — como vimos — o Governo americano

Por ATTICUS

não esperava por aquilo e nao tinha razões para se apressar. No momento em que Londres alertou Washington, o presidente preparava-se para partir em visita oficial ao México. Devia tomar o avião no dia 6 de Março. Nesse mesmo dia, um comunicado da Casa Branca anunciava que o presidente adiara a partida.

Londres manobrava hábilmente procurando que Washington não escapasse á sua chantagem, embora a Inglaterra não tivesse qualsquer intenções de sair da Grécia. Enquanto manobrava em Atenas, ia, ao mesmo tempo, «aquecendo» a «crise iraniana», a qual — como veremos adiante — lhe irá permitir muito mais que a intriga grega) desencadear a intervenção dos E.U.A. no Mediterrâneo Oriental e no Médio Oriente, intervenção essa que arrastará o conjunto da «nova política» dos Estados Unidos.

O antigo secretário de Estado, Byrnes, explica o êxito da manobra dos ingleses, nas suas memórias «Cartas na mesa»): «o presidente Truman — escreve Byrnes — tomou precipitadamente a decisão de intervir na Grécia, porque não podia agir de outro modo.»

No «New York Herald Tribune» de 1 de Março de 1947, Stewart Alsop, que escrevia em Atenas, citava um relatório confidencial de um correspondente britanico «experimentado», o qual predizia que a «Grécia iria claramente cair sob o domínio soviético após a evacuação das tropas britanicas.» Por conseguinte, o futuro de Grécia dependia todo dos E. U. A. E o comentador político do mesmo jornal explicava a decisão da Inglaterra pela impossibilidade em que ela se encontrava de «continuar a desempenhar o papel de obstáculo principal á extensão soviética no Médio Oriente.» Stewart Alsop, conhecido pelas quadro apocalíptico da situação que resultaria da retirada das tropas britanicas. «Se a Grécia caisse nas mãos dos soviéticos — escrevia ele— a Turquia seria logo tomada.» Os russos encontrar-se-iam depois em óptimas condições de realizar as suas ambições no Médio Oriente.» A Inglaterra perderia as suas posições no Mediterraneo e o equilíbrio de forças mundial seria destruído.

Não há duvida de que estes artigos de Stewart Alsoh, conhecido pelas suas boas relações com o Pentágono, não eram reflexo da chantagem dos ingleses (isto é, não eram consequência do relatório «confidencial» do jornalista britanico). Estes artigos, voluntáriamente alarmantes, traiam o que se tramava, no mesmo sentido, em Washington. Porque os ingleses não estavam a agir sózinhos.

Por seu lado, carregavam no acelerador, tanto mais que a partida estava longe de ser ganha. Na Casa Branca, olhava-se a situação com certa desconfiança. Os que não estavam directamente interessados no êxito da manobra britanica viam as coisas com toda a clareza. Truman bem gostaria de ter esperado pelo resultado do inquérito da Comissão Especial do Conselho de Segurança da O. N. U. (que se encontrava na Grécia, desde 1944) antes de tomar a decisão final.

Sob o signo da confusão

Logo que recebeu a nota «ultimativa» de Londres de 24 de Fevereiro, Truman convocou o Secretário de Estado, general Marshall, e os secretários da Guerra e da Marinha, Paterson e Forestal, para lhes pedir que estudassem a situação. «A urgência da situação — nota Truman, nas suas Memórias — era ainda sublinhada pelos despachos «vindos do embaixadores dos E. U. A., em Londres e em [illegible] covo. O general [illegible] Smith (o de Moscovo) «exprimia a convicção que só a presença [illegible] tropas britânicas [illegible] pedido até agora [illegible] cia de ser [illegible] a órbita [illegible] seu lado, o [illegible] americano em [illegible] NcVeagh, «pintava o [illegible] dro da depressão [illegible] da e do desencorajamento dos dirigentes [illegible] os quais pareciam [illegible] resignados á catástrofe e pensavam que só [illegible] auxílio imediato pod[illegible] mostrar-se util.» «O [illegible] tor tempo — repetia [illegible] embaixador — era ab[illegible] lutamente essencial.»

Ter-se-á notado [illegible] tudo parecia girar á vo[illegible] da intervenção dos E. U. A. na Grécia e que a «[illegible] gência» desta parecia [illegible] o factor decisivo. O caso [illegible] do este caso iria to[illegible] um desenvolvimento [illegible] em muito transcendia[illegible] caso da Grécia, revela[illegible] do o auxílio a este pa[illegible] não passava de um pre[illegible] texto.

No dia 26 de Fevereiro, o secretário de Estado

O presidente Truman (primeir norte-americano, general Marsh situação era sublinhada por «a

VIVA num ambiente de ar puro dentro da cidade

A 5 minutos do Marquês de Pombal, a SIURBE constroi um grande conjunto habitacional que preenche as modernas exigências do habitar.
As torres de Alferragide foram projectadas pelo atelier Conceição Silva e construídas pela AC - Trabalhos de Arquitectura e Construção SARL.
Visite a construção, o pavilhão de exposições e o andar modelo totalmente equipado.
Informe-se no local das condições de venda.

Equipamento da torre Pára-raios, antena colectiva de televisão dois elevadores selectivo-colectivos (com duas velocidades) e um monta-cargas

Equipamento por apartamento Fogão, frigorífico, exaustor de fumos, máquina de lavar pratos, lava-louças em aço inox e máquina de lavar roupa.

VISITE OS 5 APARTAMENTOS MODELO

SIURBE
SOCIEDADE DE INVESTIMENTOS URBANOS SARL
TORRES DE ALFERRAGIDE RUA PINHEIRO BORGES - ALFERRAGIDE

Cofres de
Av. [illegible]
BANCO DO AL

primeiro plano à esquerda) e o secretário da Defesa Marshall (segundo plano, á direita) — a urgência da por «avisos» dos embaixadores em Londres e Moscovo.

apresentou ao presidente «o resultado dos estudos» dos «técnicos» dos três departamentos. Mas o relatório que iria ser realmente tido em consideração não foi o que Truman pediu aos seus três ministros. O relatório que lhe foi entregue foi outro, que, entretanto, tinha sido elaborado pela Comissão de Coordenação Estado-Guerra-Marinha e que o subsecretário de Estado, Acheson, aproveitou, logo o primeiro minuto, [illegible] se anunciou a [illegible] de Londres de [illegible]iro. Este do[illegible] não tinha na[illegible] com a Grécia. [illegible] de coordena[illegible] — ainda segundo in[illegible]ações de Truman — [illegible]va em acordo sobre [illegible] *recomendação de política geral*». Por seu lado, o general Eisenhower, na sua qualidade de chefe de Estado-Maior interarmas, forneceu outro memorando, que, do ponto de vista militar, apoiava o relatório da comissão de coordenação.

Nas suas memórias, Truman sente-se lisonjeado pelo facto de as conclusões dos «especialistas diplomáticos e militares» serem as mesmas a que ele própro tinha chegado logo que se ocupara da «crise grega». Isto porque ele parecia supor que se tratava apenas disto que a Grécia tinha necessidade de auxílio imediato e maciço.

Mas aquilo que saiu da «recomendação de política geral» da comissão de coordenação dos 3 departamentos (Estrangeiros, Guerra, Marinha) já não tinha nada que ver com a Grécia.

Próximo artigo:

«A CHAMADA DOUTRINA TRUMAN»

ora diga-nos...

— Penduras-te nos carros eléctricos?

Não se paga bilhete, faz-se um pouco de ginástica — mas o melhor de tudo é puxar o «troley»

● *Disse-nos Carlos Manuel Nunes de Castro aluno da 2.ª classe:*

— Não, que o pai não deixa

— E se deixasse...?

— Não corria. Tenho medo de apanhar uma *carambola*...

● *Palavras de António Carlos Pinheiro Meneses, aluno da 4.ª classe:*

— De vez em quando. E...

— E?...

— E salto para o estribo. É uma borla muito engraçada...

● *Agora ouçam José Manuel Lopes Rodrigues, aluno da 3.ª classe:*

— Corro, pois! E faço uma coisa dos diabos...

— Qual coisa?

— Puxo o «troley», o eléctrico pára, toda a gente protesta — e eu a rir como um doido pela rua fora...

A P. J. investiga o assassínio de Montes de Meixide

MONTALEGRE, 22 — Chegaram esta tarde a esta vila os elementos da 2.ª brigada da 2.ª secção da Subdirectoria da Polícia Judiciária do Porto, srs. inspector Onofre Moreira chefe Adalberto Costa e agente José Amarelhe, a quem foi conferida competência para investigar o caso das bárbaras agressões nos Montes de Meixide, de que foram vítimas três fiscais da Comissão Venatória Regional do Norte, um dos quais faleceu, encontrando-se os outros dois internados, ainda em perigo de vida.

Para já, apenas há um suspeito, Venceslau Gomes dos Santos, de 41 anos, casado, de Pedrario, que se ausentou para França. É pois muito provável que as autoridades portuguesas venham a pedir a colaboação da Interpol para o localizar.

Não conciliação no processo movido à Associação de Estudantes de Ciências

Após uma tentativa de conciliação ontem efectuada, e que se gorou, foi marcado para o dia 16 de Março de 1971 a audiência de discussão e julgamento da secção proposta pelo sr. Francisco Rosa contra a Associação de Estudantes da Faculdade de Ciências de Lisboa, e que corre seus termos pela 8.ª Vara do Tribunal de Trabalho.

O autor da acção, que pedia uma indemnização de 99 962$50 por serviços prestados que não lhe teriam sido pagos, concordara em sessão anterior em receber apenas 15 000$00 — o que ontem, porém, não aceitou. A A. E. F. C. L. não se considera responsável pela indemnização pedida.

OURIVESARIA

BARATEIRO DE S. DOMINGOS

RUA BARROS QUEIROZ, 56

Na passagem do seu XX ANIVERSÁRIO.

OS SÓCIOS-GERENTES:

JOSÉ DA SILVA
e ANTÓNIO GOMES

Cumprimentam e agradecem a todos os seus estimados Clientes, Fornecedores e Amigos a preferência com que os têm honrado. E participam a abertura da sua nova Casa.

OURIVESARIA **SANTO ANTÃO**
Rua das Portas de Santo Antão, 44

Duas Casas a mesma ORIENTAÇÃO!
BEM-SERVIR OS CLIENTES!

PIANOS

VERTICAIS E DE CAUDA

ALUGAM-SE

Estabelecimentos

VALENTIM DE CARVALHO

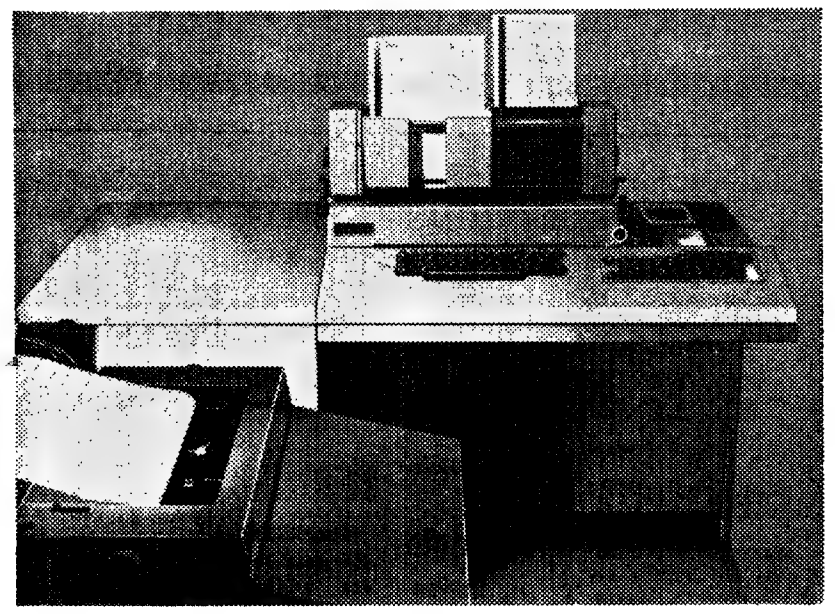
Comércio e Industria, S. A. R. L. — 95, Rua Nova do Almada, 99 — LISBOA

As suas jóias estão antiquadas? Pode vendê-las ou trocá-las pelos últimos modelos
GRANDE OURIVESARIA DA MODA
RUA DA PRATA 257

Em PORTALEGRE o «DIÁRIO DE LISBOA» vende-se na Papelaria JOSÉ DOS ANJOS TAVARES — Rua do Comércio, 90-92.

de aluguer
epública, 3
ALENTEJO

Não pense!



NIXDORF pensa por si e para si

Computador modular digital compatível. 240 a 15.000 posições de memória. Programas livres e fixos. 2x1024 posições de registo e leitura em fichas de tarja magnética.
Periferia: leitores de cinta, de cartão e cassetes magnéticas; perfuradores de cartão e de cinta; memorização em cassetes de fita magnética. Terminais on e off line.

RIMA

RACIONALIZAÇÃO E MECANIZAÇÃO ADMINISTRATIVA, LDA.

NOVAS INSTALAÇÕES

Serviços Comerciais — Av. 5 de Outubro - 122 B - LISBOA
Exposição — Gabinete de Estudos e Stand - Av. Elias Garcia, 86 - LISBOA

CENTRO INTERNACIONAL DE LÍNGUAS

Director — PROF. VASCO BOTELHO DE AMARAL

1.ª Secção — RUA MOUZINHO DA SILVEIRA, 25 (Metro — Rotunda)
2.ª Secção — AVENIDA FONTES PEREIRA DE MELO 25 (Metro — Picoas)
Telefone geral 53 84 94

APARTAMENTOS MOBILADOS

J. PIMENTA, S. A. R. L.

Passe as suas férias na nossa melhor zona turística ★ Apartamentos para 2, 4 e 5 pessoas
Informe-se das excepcionais condições de aluguer do Aparthotel em Paço de Arcos

Para venda preços desde 190 contos

LISBOA: Praça Marquês de Pombal, 15, 1.º — Tel. 4 58 43 - 4 78 43
QUELUZ: Rua D. Maria I, 30 — Tel. 95 20 21 / 22
REBOLEIRA: Amadora — Serviço Permanente — Tel. 93 36 70
PAÇO DE ARCOS: Bairro Comendador Joaquim Matias — Tel. 2 43 35 11
CASCAIS: Rua Regimento Infantaria 19, n.º 30 — Tel. 28 25 75
Conjunto Turístico da PAMPILHEIRA — Tel. 28 39 88

S. R.

MINISTÉRIO DA ECONOMIA
SECRETARIA DE ESTADO DA INDÚSTRIA

Direcção-Geral dos Serviços Eléctricos

ÉDITOS

Faz-se público que, nos termos e para os efeitos do artigo 19.º do Regulamento de Licenças para Instalações Eléctricas, aprovado pelo Decreto-Lei n.º 26 852, de 30 de Julho de 1936 estará patente na Direcção-Geral dos Serviços Eléctricos, sita em Lisboa, na Rua de S. Sebastião da Pedreira, 37, e na Secretaria da Câmara Municipal do Concelho do Barreiro em todos os dias úteis, durante as horas de expediente, pelo prazo de quinze dias, a contar da publicação destes éditos no «Diário do Governo», o projecto apresentado pela União Eléctrica Portuguesa para o estabelecimento, na freguesia e concelho do Barreiro, de um desvio da linha aérea a 60 kV Colina-UFA, entre os apoios n.º 6 e 14, actual n.º 15, com um aumento no comprimento de 107 m.

Todas as reclamações contra a aprovação deste projecto deverão ser presentes na referida Direcção-Geral, ou na Secretaria daquela Câmara Municipal, dentro do citado prazo.

Repartição de Licenciamento, em 15 de Outubro de 1970.

O Engenheiro Chefe
GUILHERME MARTINS

Propriedades

— VENDAS —

SR. CAPITALISTA

Faça progredir o seu capital com um bom e seguro rendimento, investindo-o com sólidas e reais garantias em HIPOTECAS de propriedades.

ORCOSI

Rua 1.º Dezembro, 45-3.º
LISBOA
Telefs. 36 74 44 - 32 31 72

Contacto
H. NUNES

PUBLICIDADE
Telef. 84 72 60

DINHEIRO

EMPRESTA-SE com rapidez qualquer quantia em 1.ª ou 2.ª hipoteca de prédios, parte de prédios ou construção. TRATA LAIRES, Rua da Prata, 291, 2.º-Dt.º (junto á Praça da Figueira). Telefs. 32 54 87 e 37 06 18.

Quintinha

Vende-se com facilidades de pagamento a 20 km de Lisboa, tendo uma moradia de construção moderna c/ diversas divisões, água própria, etc. Área total, 3 hectares aproximadamente, muito bem localizada.

Trata. F. Fernandes & Costa, Lda., Av. Almirante Reis, 104, 2.º — Tel. 536111/2/3.

CASAS para alugar

Procure V. Ex.ª nos n/ escritórios, onde temos sempre variadíssimos andares e lojas para alugar em Lisboa e arredores. Não cobramos qualquer importância a título de comissão aos inquilinos.

Trata: SOC. CONST. INVICTA, Rua do Ouro, 292, 1.º — Telefs.: 39-34755.

ANDE 1.000 KM. E PAGUE SÓ 250$00

ALUGUE UM AUTOMÓVEL NA
AUTO-ARGUS INTERNACIONAL

P. Olegário Mariano, 6-D — 1elef. 553843
Av. da República — FARO — Telef. 05-23928

PAPELARIAS

Com um vasto sortido de artigos de escritório, livros de escrita e agendas de vários modelos, a conhecida PAPELARIA FERROS vem de há muitos anos servindo com eficiência a sua numerosa clientela. Antes de renovar os livros da sua escrita consulte a Papelaria Ferros — Rua de S. Julião, 64-66.

Automóveis

VENDAS:

Automóveis e Furgonetas de diversas marcas e modelos. Não compre, sem consultar. Florindo M. Coelho — R. António Pedro, 40, cave, Tel. 44846.

Contacto
H. NUNES

Telef. 847260
PUBLICIDADE

Opel 1700 de 63, 32 c.; Opel Kadet de 65, 30 c.; Opel 1500, 20 c.; Austin 850 de 62, 20 contos; Austin 65, 24 c.; Wolkswagen de 60, 20 c.. Tenho novas unidades. R. António Pedro, 40, c/v. Telef. 44846.

AUTOMÓVEIS de todas as marcas aos melhores preços.

MAIA
Av. João XXI, 8-A

ALUGUER:

SERVIÇOS DE NÚMEROS TELEFÓNICOS PARA AUTOMÓVEIS S/ CONDUTOR:

- **534657 — L. St.ª Bárbara, 5-B**
- **769847 — EUROCAR — Av. Barbosa du Bocage, 1**
- **42890 — Táxis Universo, Lda. — Av. Republica, 26.**
- **727654 — Auto Monumental do Areeiro, Lda. — Av. Padre Manuel da Nóbrega, 10-E.**
- **539169/539345 — BRUNAUTO, Rua Joaquim Bonifácio, 10-A.**
- **424391 — OLIVAUTO — Av. de Madrid, 16-B.**

CAMINHOS DE FERRO

LEILÃO

Em 26 do mês de Outubro e dias seguintes, ás 10 horas, na **estação de Lisboa (Santa Apolónia)** proceder-se-á á venda, em hasta pública, de todas as mercadorias que não tenham sido reclamadas nos prazos estabelecidos, bem como de outros artigos entregues e donados e que não tenham sido reclamados.

Avisam-se os Srs. Consignatários das remessas de que ainda podem ainda retirá-las, pagando à Companhia os débitos que corresponderem, para o que deverão dirigir-se ao Serviço de Promoção do Tráfego — Escritório de Reclamações (Rua Victor Cordon, n.º 45 — Lisboa), nos dias úteis, até ao dia 23 daquele mês, das 10 ás 17 horas, excepto aos sábados.

Nas estações estão ainda afixados Avisos em que se enumeram as remessas acima referidas, os quais podem ser consultados pelas pessoas interessadas.

Capitais

TEM PRÉDIO?
TEM CARRO?
ENTÃO TEM DINHEIRO
CONSULTE JÁ A
ORCOSI
Telefs. 367444/323172
Rua 1.º de Dezembro, 45

PRÉDIO

VILA FRANCA DE XIRA

No centro, construção de cimento armado, entrada a mármore, composto por 7 pisos, 14 inq., hab. de 4 div. soalhadas, cozinha, casa de banho, dispensa, marquise, hall, elevador, todo alugado, rendas baixas.
PREÇO — 2.000.000$00.
MOSTRA E TRATA
«A CONFIDENTE»
ROSSIO, 3, 2.º — TELS. 339384/5/6 — 328232/3 — 361756

Sociedade Estoril

Venda de bilhetes para os domingos

Aos sabados na estação do Cais do Sodre das 15 as 22 horas.

ENGENHEIRO CIVIL ESPECIALIZADO EM ESTRUTURAS

Gabinete de Estudos precisa, em regime de tempo parcial, para projectos e assistência técnica.
Indicar experiência e idade, em resposta dirigida a este jornal ao n.º 620.

SÓCIO(S)

Firma industrial e comercial, com sede em Arganil, com grande movimento, admite sócio(s), de preferência para ficar(em) na gerência.
Resposta a este jornal ao n.º 621.

O «Diário de Lisboa» vende-se no Porto

O «Diário de Lisboa» encontra-se á venda nas tabacarias de Leça, Matosinhos, Foz, Avenida da Boavista, Carvalhosa, Carvalhido. Rotunda da Boavista, Praça Marquês de Pombal, Rua de Costa Cabral, Constituição, Praça da Republica, Bonfim e Antas, a partir das 19 e 30, e na Tabacaria do Bar-Restaurante do Aeroporto em Pedras Rubras, a partir das 20 horas.

Feira das Mercês

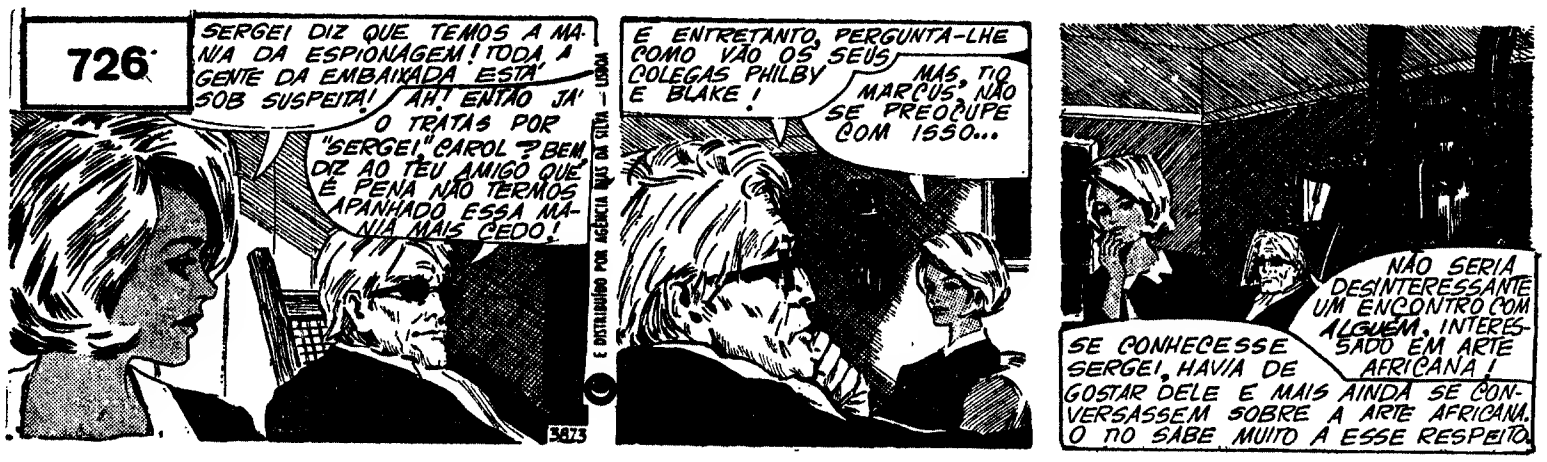
A Empresa Eduardo Jorge comunica que nos dias 18, 25 e 26 do corrente efectua carreiras consecutivas, entre:

BENFICA - MERCÊS
BELÉM - MERCÊS
e vice-versa

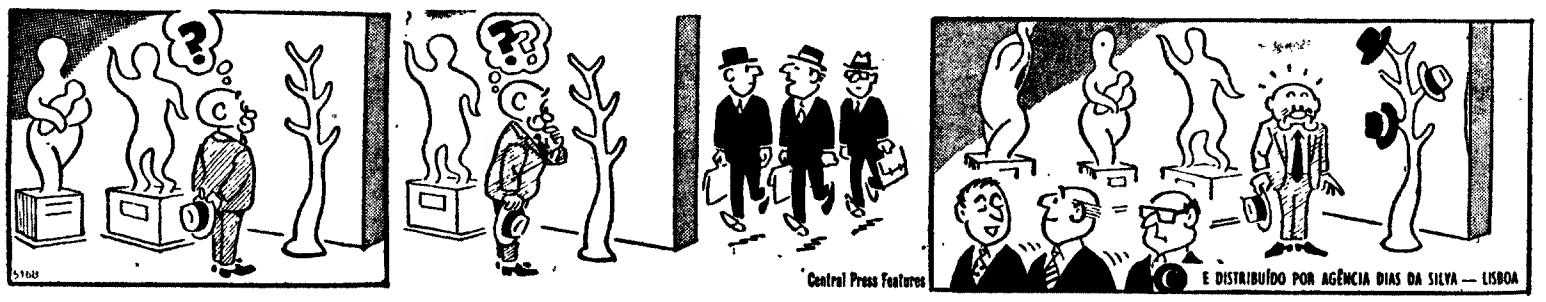
Pequenos anúncios • Pequenos anúncios • Pequenos anúncios •

Os Peanuts

Carol Day



Aventuras do Tio Carlos



HÁ 30 ANOS

O «Diário de Lisboa» de 23 de Outubro de 1940 publicava:

NOVA YORK, 23 — O subsecretario de Estado para a Marinha, Knox, num discurso pronunciado ontem nesta cidade disse o seguinte: «A guerra tornou-se, essencialmente, uma guerra de produtos alimentares e de petróleo. A Europa não dispõe dentro dos seus limites de recursos adequados, quer em petroleo, quer em alimentos para a sua população. Por consequência, a nação que dispuser do dominio do mar nos caminhos marítimos de acesso a Europa tem nas suas mãos uma vantagem imensa. A Inglaterra possui o dominio dos mares. A posse do dominio dos mares que negou as forças de desembarque alemãs a possibilidade de atravessar o canal da Mancha, so por si, fornece a Inglaterra os elementos necessários para organizar a sua esplêndida defesa.

TRANSUL

CARREIRA N.º 45
CACILHAS-PAIO PIRES

Iniciou-se no dia 22 10 70 a exploração desta nova carreira, com o seguinte

HORÁRIO

PARTIDAS DE

Cacilhas		Paio Pires	
6.45 b)	15.15	6.30	17.40 b)
7.00	16.50 b)	7.10	18.00
7.15 b)	17.30	7.30	18.40
7.30	18.10	7.45 b)	19.00
8.00	18.30	8.00	19.20
8.15 b)	18.50	8.15 b)	19.50
12.30 a)	19.20	8.30	20.10
13.00 a)	19.40	9.00	20.40
13.15 a)	20.00	13.00 a)	
13.30 a)	20.25 b)	13.15 a)	
13.45 a)	20.50	13.30 a)	
14.00 a)	21.15	13.45	

a) Só se efectuam aos sábados
b) Não se efectuam aos domingos

Palavras cruzadas

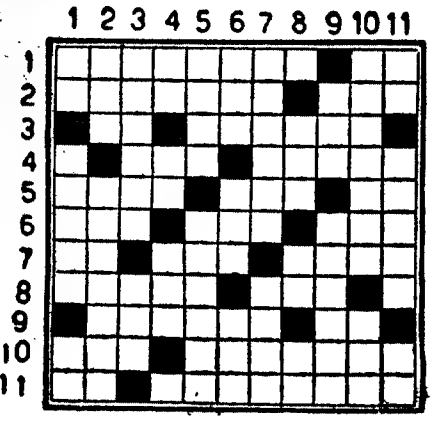
(COM PROVÉRBIO)

PROBLEMA N.º 5694

HORIZONTAIS: 1 — Erguera em moirão. Cério (s. q.). 2 — Ventre. Colocar 3 — Idem. Brumas 4 — Pronome pessoal. Despejada 5 — Ladrão do mar Utensílios domésticos. Quinhentos e um em romano. 6 — Magnete natural. Cabelos brancos. Afecto. 7 — Abreviatura que se usa em música Negativa. Vivenda. 8 — Uma das Espórades Preposição e artigo definido (pl.) 9 — Traços. Campeão. 10 — Possui Prazer 11 — Artigo definido Acostumara (Fig.)

VERTICAIS: 1 — Prefixo que designa afastamento. Grupos de três. Porco 2 — Cardeal e escritor italiano que em 1822 publicou fragmentos importantes da República de Cícero. Seguros. 3 — Manda. Pronome pessoal 4 — Caminhar. Nota musical. Pronome pessoal. 5 — Escarnecedor. Degolar. 6 — Procede. Ssustento Olá. 7 — Guarneci de asas. 8 — Conjunção Coordenativa (s. q.). Duas consoantes desiguais. 9 — Sostra por casamento. 10 — Remendados. Mar em inglês. 11 — Érbio (s. q.) Encoteriças. Em partes iguais.

Resolveu completamente este problema? Procure agora em segundo passatempo o PROVÉRBIO nele inscrito.



SOLUÇÃO DO PROBLEMA N.º 5693

HORIZONTAIS: 1 — Reformariam. 2 — Alito Barra. 3 — Pala Lãs. It 4 — Ira. Terçado. 5 — Dá. Fui. Ada. 6 — A. Fra. VII. 7 — Aal. Vis. Am. 8 — Alzótia. Grã. 9 — Ri. Sia. Miar. 10 — Acaso. Calor. 11 — NECESSIDADE.

VERTICAIS: 1 — Rápido. Aron. 2 — Elora Alice. 3 — Filo. FAZ. AC. 4 — Oto. Filasse. 5 — Ro. Tua. Tios. 6 — LEI. Via. 7 — Abar. Via Cl. 8 — Rascais. Mad. 9 — Ir. Adi Gila. 10 — Árida. Doara. 11 — Mato. Amarre.

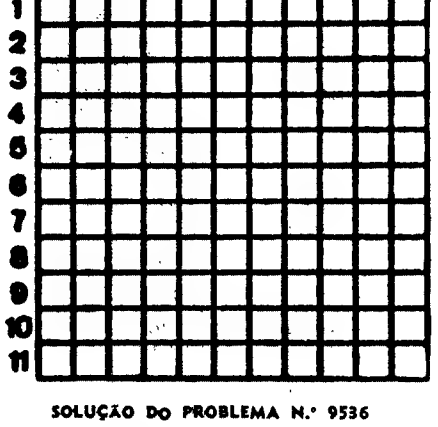
(Provérbio: A NECESSIDADE FAZ LEI)

(NOVA MODALIDADE)

PROBLEMA N.º 9537

HORIZONTAIS: 1 — Cadáver. Infalível. 2 — Mamífero desdentado espécie de tatu Dai mios. 3 — Lírio Desgasta por fricção O mesmo que amar. 4 — Vila e sede do concelho (Santarém). Farrapo 5 — Lavrais Encolerizas 7 — Petas Tolera. 8 — Aguçou. Navios 9 — Troças Espaço de doze meses. Irmã da mãe 10 — Rei Cigade da Roménia 11 — Fio de fatão. Ardor.

VERTICAIS: 1 — Bonança. Basófia 2 — Preparar com ópio Aguçar. 3 — Reles. Rol. 4 — Prasiodímio (s. q). Espécie de andorinha Antes do meio dia 5 — Colocou Transpira. 6 — Pronome pessoal Níquel (s. q). 7 — Sufixo que designa pequenez Anteposeado. 8 — Preposição, Sorriste. Atmosfera. 9 — Verseiar. Prefixo latino que exprime a ideia de excessivamente. 10 — Ilha pertencente á provincia de Macau Fronteiras 11 — Naipe das cartas jogar Guarnecida de asas.



SOLUÇÃO DO PROBLEMA N.º 9536

HORIZONTAIS: 1 — Curva. Posta. 2 — Aria. Pies. 3 — Lãs Tem. Ais 4 — Mi. Belém. Mi. 5 — Assar. Sacam 6 — Ir. La. 7 — Som. Via. Ota 8 — Pã. Carro. Ri. 9 — Lemas Aviar. 10 — Cravo Maomé. 11 — Aoros Asses.

VERTICAIS: 1 — Calma. Salga 2 — Urais Opero. 3 — Ris Sim. Mar. 4 — Vã. Bar. Cavo 5 — Tem. Vasos. 6 — Mel. Vir 7 — Mês Aroma. 8 — Op Mal. Ovas 9 — Sia. Cão. Ios 10 — Tema. Trame 11 — Assim. Aires

S. R.

MINISTÉRIO DA ECONOMIA

SECRETARIA DE ESTADO DA INDÚSTRIA

Direcção-Geral dos Serviços Eléctricos

ÉDITOS

Faz-se público que, nos termos e para os efeitos do artigo 19.º do Regulamento de Licenças para Instalações Eléctricas, aprovado pelo Decreto-Lei n.º 26 852, de 30 de Julho de 1936, estará patente na Direcção-Geral dos Serviços Eléctricos, sita em Lisboa, na Rua de S. Sebastião da Pedreira, 37, em todos os dias úteis, durante as horas de expediente, pelo prazo de quinze dias, a contar da publicação destes éditos no «Diário do Governo», o projecto apresentado pela União Eléctrica Portuguesa para o estabelecimento na freguesia da Cova da Piedade concelho de Almada, de uma modificação da linha aérea para a Estação de Captação de Águas da Câmara Municipal de Almada, incluindo a mudança de tensão de 6 para 15 kV e que passa a ter o comprimento total de 430 metros, passando a derivar do apoio n.º 10 da linha Laranjeiro-Cova da Piedade.

Todas as reclamações contra a aprovação deste projecto deverão ser presentes na referida Direcção-Geral, dentro do citado prazo.

Repartição de Licenciamento, em 15 de Outubro de 1970.

O Engenheiro Chefe
GUILHERME MARTINS

SINTRA ESPERA-O NO DOMINGO

Para a sua deslocação utilize os comboios eléctricos.

NOVOS MODELOS

FIAT *Giannini*
FIAT *Giannini*
FIAT *Giannini*
FIAT *Giannini*
FIAT *Giannini*
FIAT *Giannini*
FIAT *Giannini*
FIAT *Giannini*
FIAT *Giannini*
FIAT *Giannini*
FIAT *Giannini*

EM EXPOSIÇÃO NO

SportKar

AV. DEFENSORES DE CHAVES, 87-C-TELEF. 771556-LISBOA

Actualidade internacional

O CASO DAS ARMAS PARA A ÁFRICA DO SUL

KAUNDA CRITICOU A «ARROGÂNCIA» DE EDWARD HEATH

LUSAKA, 23 — (F. P.) — Kenneth Kaunda, presidente da Republica da Zâmbia, falando ontem numa reunião publica, denunciou a «atitude arrogante» observada por Heath, primeiro-ministro britânico, para com a delegação da Organização da Unidade Africana quando a recebeu em Londres na semana passada.

O presidente zambiano, que conduziu á Europa e á América a delegação da O.U.A., afirmou insistentemente que o seu país não é racista e recomendou aos seus compatriotas que evitem o ressentimento contra o povo britânico por causa da atitude de Heath. «Não se pode odiar o povo britânico — frisou ele — por causa da atitude de um unico homem».

Kaunda acrescentou que não fará nenhuma declaração enquanto os países da O.U.A. e não alinhados, de que foi mensageiro, não tiverem sido informados oficialmente dos resultados da sua missão.

PIETER BOTHA CONTRA-ATACA

CIDADE DO CABO, 23 — (R.) — O ministro sul-africano da Defesa, Pieter Botha, acusou a Zâmbia e a Tailândia de lutarem a favor do comunismo ao tentarem impor uma boicotagem de armas á África do Sul.

Discursando a noite passada em Wellington, nas proximidades desta cidade, durante um comicio politico, Botha disse que tais Estados negros «lutavam a favor dos seus verdadeiros governantes — a União Soviética e a China Comunista».

Comentando novamente a declaração feita ontem em Paris pelo presidente Kenneth Kaunda de que a França prometera não renovar um contrato para o fornecimento de helicópteros com a África do Sul, o ministro declarou que o Governo de Pretória possuía helicópteros suficientes para repelir com êxito quaisquer ataques dos guerrilheiros.

O dirigente da Zâmbia sugerira, também, que a França reconsiderasse a venda de armamento ligeiro e de pequenos veículos blindados á África do Sul.

Botha observou: «Estamos a fabricar todas as armas e munições de que precisamos para combater o terrorismo. Essas armas incluem carabinas e veículos ligeiros Panzer, assim como munições para a Marinha e Força Aérea».

Acentuou que a África do Sul não necessitava de armas. «Não queremos a guerra, mas a paz. Estamos a aumentar a nossa força de defesa para garantir a nossa própria liberdade.

«O presidente Kaunda estava muitíssimo errado se pensava que a África do Sul ficaria numa situação difícil se a França não renovasse um contrato de helicópteros» — notou o ministro.

«Se o presidente Kaunda continuar a trilhar esse caminho, desgraças o aguardam» — afirmou Botha.

O AVIAO DA AEROFLOT soviética desviado para a Turquia por dois lituanos, pai e filho. A URSS pediu a extradição dos dois assaltantes. O Governo turco irá apreciar se o caso é ou não um crime político. Do assalto resultou a morte de uma assistente de bordo

DESAPARECIMENTO DE UM OFICIAL AMERICANO

ATENAS, 23 — (F. P.) — Há três dias que desapareceu um capitão de corveta americano, membro há alguns anos da missão militar do seu país na Grécia. Uma carta encontrada em sua casa anuncia a intenção de pôr termo á existência. Mas o oficial americano teria dado sinal de vida a um amigo na quarta-feira, sem contudo, indicar onde se encontrava. Dispunha de dois automóveis, um de serviço, que foi achado abandonado, 10 km a leste de Atenas, e outro pessoal que não apareceu ainda.

ANSIEDADE ANTE O SILÊNCIO DOS RAPTORES DE CROSS

MONTREAL, 23 — (A. N. I.) — A Polícia manifesta certa preocupação sobre o silêncio de quatro dias do diplomata britanico James R. Cross e dos seus raptores da FLQ, e anunciou hoje que a sua «caça ao homem» chegou ao fim das possibilidades.

Desde que o delegado de comércio britanico foi raptado da sua casa, no dia 5 de Outubro, nunca se passou um período tão longo sem notícias, que de Cross — através de mensagens manuscritas — quer de comunicados da FLQ, cujo pedido para a libertação de 23 prisioneiros «políticos» foi rejeitado pelo Governo.

CURIOSIDADE TURÍSTICA NA BASE DA ATERRAGEM DO AVIÃO AMERICANO NA URSS?

ANKARA, 23 — (F. P.) — Agências de Imprensa turcas pensam que foram vítimas da sua curiosidade turística os generais americanos Scherrer e McQuerrie, cujo avião pousou em Leninakan. O aparelho U-8 americano, observam, desviou-se da sua rota normal aparentemente com o fito de voar sobre ANI, o célebre centro arménio situado em território turco, perto da fronteira soviética.

Ora, a fronteira acompanha nesta zona o curso sinuoso do rio Aras e o aparelho americano, que voava a grande altitude, terá atravessado involuntáriamente a linha divisória e foi interceptado pela caça soviética.

De origem oficial turca esclarece-se que «a presença de um oficial turco a bordo do avião em nada altera o facto de que o caso deve ser considerado únicamente da competência das autoridades soviéticas e americanas.

Nos círculos oficiais de Ankara não se comentam as informações de que o avião, um pequeno bimotor de ligação, teria sido interceptado por dois caças soviéticos sobre o espaço aéreo turco.

TITO CONVIDOU A RAINHA DA HOLANDA A VISITAR A JUGOSLÁVIA

AMESTERDÃO, 23 — (A. N. I.) — Num comunicado conjunto distribuido ao fim das conversações do presidente Tito da Jugoslávia com o chefe do Governo holandês, Pieter de Jong, afirma-se que ambas as partes «concordaram que as relações mutuas eram excelentes e exprimiram o desejo de reforçarem a sua cooperação em numerosos campos.» Quanto ao aspecto internacional das conversações, no comunicado afirma-se que as duas partes prestaram especial atenção á cena europeia.

«Estabeleceram que era essencial estipular a cooperação das nações europeias e continuar a zelar pela segurança da Europa.

«Em relação ao Médio Oriente, «exprimiram a sua preocupação sobre a crise actual e sublinharam a necessidade de uma solução pacífica, baseada na resolução do Conselho de Segurança de 22 de Novembro de 1967.»

Duzentos tanques para Israel

WASHINGTON, 23 — (A. N. I.) — Os Estados Unidos vão fornecer a Israel 200 tanques modernos no valor de 500 milhões de dólares (14.2 milhões de contos), a coberto de um programa de auxílio de armas — informa o «Washington Post».

A situação no Chile

(Continuação da 1.ª página)

tado a tiro ontem feito contra o comandante do Exército, general René Schneider, que nos círculos esquerdistas se atribui a uma conspiração da extrema direita destinada a perturbar a vida do país e a impedir que o marxista Salvador Allende seja amanhã eleito para a Presidência da Republica.

Schneider é amigo pessoal de Allende, o chefe da União Popular cuja eleição amanhã no Congresso está praticamente assegurada devido ao apoio dos democratas-cristãos.

O general Schneider, atingido a tiro no estômago, encontra-se em estado grave no hospital, onde foi ontem submetido a uma intervenção cirurgica.

Elementos ainda não identificados fizeram parar o seu automóvel quando o general seguia para o seu gabinete de trabalho e alvejaram-no com vários tiros.

DIREITISTAS PRESOS

Forças do Exército e da Polícia foram colocadas de prevenção rigorosa controlando as estradas de acesso á capital.

Poucas horas antes do atentado contra Schneider a Polícia anunciou ter prendido cinco [illegible] das direitas [illegible] com uma conspiração subversiva que tinha ramificações em todo o país. Essa conspiração, descoberta graças [illegible] dadas ás autoridades por elementos [illegible] da União Popular de Allende.

Salvador Allende mostrou-se indignado com o atentado contra Schneider e conferenciou com o presidente Frei sobre o assunto.

ALLENDE: AS BASES DO SOCIALISMO

BERLIM, 23 — (F. P.) «O meu Governo não será socialista, sómente abrirá o caminho ao socialismo», declarou o dr. Salvador Allende, presidente eleito do Chile aos jornalistas alemães que o entrevistaram em Santiago para a estação de rádio berlinense (Oeste) «SFB».

A pergunta se o Chile continuaria, sob a sua presidência, a aceitar o auxílio militar americano e se manteria no sistema de defesa americano, o dr. Allende respondeu: «Cumpriremos todas as obrigações e respeitaremos todos os acordos vantajosos para nós. Nunca nos intrometeremos na política dos outros países».

Por outro lado, o «Neues Deutchland» (comunista, de Berlim Oriental) publica também uma entrevista com o futuro presidente chileno, em que este delineia o seu programa destacando-se os seguintes pontos: Estabelecimento de relações diplomáticas e comerciais com todos os países do mundo, independentemente de posições ideológicas e políticas internas, respeito absoluto pela autodeterminação dos povos, não intromissão nos assuntos de terceiros países, reforço da completa autonomia do Chile, política e económicamente, orientação latino-americana e anti-imperialista, relações e amizades com os Estados socialistas.

A Polícia procura um só suspeito pelo assassínio dos Ohta

SANTA CRUZ, 23 — (R.) — A Polícia anunciou hoje que as suspeitas sobre o extermínio da família Ohta recaem sobre John Frazier, um indivíduo de 24 anos que usa barbas e vivia na região.

O procurador distrital de Santa Cruz, Peter Chang, ao anunciar que foi passado um mandato de captura contra Frazier preveniu que ele anda armado com uma pistola.

Chang disse estar convencido de que os cinco crimes foram cometidos por uma única pessoa e salientou que a Polícia não teria deslindado o caso se não fosse a colaboração dos «hippies» que vivem na região

As vítimas do crime foram o dr. Victor Ohta, um oftalmologista de origem japonesa, sua mulher, dois filhos de 11 e 12 anos e a secretária. Os corpos apareceram a boiar na piscina da residência com as mãos amarradas e um tiro na nuca.

A Polícia inclinou-se pela primeira vez para a teoria de que os crimes teriam sido obra de um maníaco isolado ao encontrar uma nota redigida em termos confusos e assinada com nomes que as cartomantes empregam para ler o futuro nas cartas de jogar.

Esta nota dizia que tinha começado a terceira guerra mundial, feita «pelo povo do universo livre» contra todos aqueles que «corromperem o meio ambiente.»

A Polícia admite que o ódio do assassino contra a família Ohta teve origem na construção da luxuosa vivenda e da piscina numa zona até aí virgem de mata, que foi desbastada por tractores, sendo aberta uma estrada até ao local da construção.

Frazier, o principal suspeito, é considerado um «fanático pela Natureza» e quando foi visto pela última vez usava um chapéu de palha de aba larga com uma faixa vermelha, [illegible] branca.

As autoridades apuraram que Frazier vivia [illegible]heses numa casa [illegible] da residência [illegible] Ohta, de onde partiu dois dias antes do crime dizendo que ia para Nova York.

Segundo os investigadores, apuraram junto de amigos de Frazier ele quando partiu levava uma pistola carregada e uma mochila com alimentos.

Dias antes Frazier teria dito a um amigo: «As pessoas que vivem como os Ohta são demasiado materialistas e deviam ser liquidadas.»

Segundo o mesmo informador Frazier afirmou ainda: «Na segunda-feira vão acontecer grandes coisas.»

Ao perguntarem-lhe se pensava que uma só pessoa poderia ter cometido os cinco crimes, incendiado a casa e bloqueado a estrada de acesso para impedir a chegada dos bombeiros, Chang disse que sim.

O procurador revelou que a comunidade «hippie» não gostava de Frazier e prestou-se voluntàriamente a dar informações por se encontrar igualmente revoltada com os crimes.

«Black-out» no México

CIDADE DO MÉXICO, 23 — (A. N. I.) — Durante uma hora e treze minutos houve falta total de energia eléctrica, ontem á noite, na capital mexicana de oito milhões de habitantes, que ficou mergulhada na mais completa escuridão.

A Polícia calcula que milhares de pessoas ficaram bloqueadas nas duas novas linhas do metropolitano e que outras centenas de pessoas ficaram imobilizadas nos elevadores, na mais angustiosa das situações.

BUZINAS IGUAIS

BRUXELAS, 23 — As buzinas dos automóveis fabricados nos seis países do Mercado Comum Europeu passam a ter o mesmo som a partir de Janeiro de 1972 — decidiu o Conselho de Ministros da Comunidade.

Todos os Bancos se parecem...

visite-nos
e
veja
a
diferença

BANCO ESPÍRITO SANTO E COMERCIAL DE LISBOA
onde cada um conta mais do que a sua conta

HOJE À NOITE

ANDEBOL — Sorteio do Campeonato de Lisboa de Juniores, na Associação de Lisboa, ás 21 e 30.

Campeonato de Lisboa de Reservas, no Pavilhão de Campo de Ourique: Tecnico-Belenenses, ás 20 e 30; Benfica-Passos Manuel, ás 21 e 45; e Almada-Campo de Ourique, ás 23.

BASQUETEBOL — Campeonato de Lisboa da Divisão de Honra: Carnide-sporting e Atlético-C. I. F., ás 21; Algés-Nacional e Belenenses-Benfica, ás 22 e 15, no Pavilhão da Ajuda.

BILHAR — Torneio Aniversário do Ateneu Comercial na sua sede ás 21.

HÓQUEI EM CAMPO — Assembleia na Associação de Lisboa para votação do relatório e contas e eleição dos novos dirigentes, ás 21.

UNIÃO MAGNA — No Clube Desportivo da Cova da Piedade para apreciar problemas da secção de futebol, ás 21.

JOGOS DE MESA — Reunião dos corpos gerentes da Associação de Lisboa, ás 21 e 30.

DESPORTO DESPORTO DESPORTO DESPORTO

O BENFICA NO RESTELO

«A GRANDE ARRANCADA COMEÇA NO DOMINGO». A promessa é de Meirim. Mais uma. E o domingo dirá se o Belenenses arranca ou não...

ANDRADE E SANTIAGO

(DO SANGALHOS PARA LUANDA?)

AGITAM UMA QUESTÃO DO CICLISMO

Um telegrama de Luanda informa que a firma «Fagor», daquela cidade, contratou os ciclistas profissionais do Sangalhos Joaquim Andrade e Joaquim Santiago para passarem a fazer parte da representação velocipédica daquela empresa. Fazendo-se eco de uma notícia publicada no «Diário», da capital angolana, o referido telegrama informa tudo indicar que tais transferências (ao contrário de outras, anunciadas sem posterior confirmação) são dadas como certas.

Esta notícia, ainda que por confirmar, vem levantar de novo e avolumar um problema em que se debate desde há anos, o nosso ciclismo.

Talvez que a pretendida transferência destes dois ciclistas do Sangalhos para uma equipa comercial de Angola, possa vir a ser a gota de água que, como se aguarda há longo tempo, faça transbordar o cálice da impaciência dos clubes metropolitanos, os quais, até á data, não tiveram ainda motivo para manifestar o seu descontentamento perante uma situação lesiva dos seus interesses.

Não reagiu o F. C. Porto aquando da transferência de Mário Silva para a «Fagor» porque o clube nortenho, na altura, não pareceu ficar muito contrariado com a saída daquele ciclista, apenas se mostrando interessado em que ele se não incorporasse em qualquer das equipas do Continente.

Com o Sangalhos, no entanto, tudo poderá vir a ser diferente, pois os dois atletas decidiram tomar o rumo de Angola por incompatibilidade com o clube. Tão depressa se confirme a notícia agora chegada de Luanda, o Sangalhos assumirá, por certo, imediatamente uma atitude no sentido de salvaguardar os seus direitos, colocando o organismo federativo face a uma situação que os seus dirigentes se têm esforçado por evitar, sem, no entanto, ver coroadas de êxito as suas diligências nesse sentido.

ANDRADE

Com efeito desde há vários anos que o actual presidente da Federação tem procurado que as Associações Provinciais de Angola e Moçambique procedam á regularização da sua filiação. Para esse efeito já lhes enviou toda a regulamentação necessária sem que, no entanto, até á data, tivesse obtido qualquer resposta. Como é do conhecimento geral as Associações Pronvinciais dependem directamente dos Conselhos Provinciais de Desportos, entidade que, por sua vez, se encontra sob a alçada do Ministério do Ultramar. No entanto, no caso específico do futebol, as relações com a Metrópole de há muito que se encontram perfeitamente definidas, de acordo com a legislação em vigor, o que quer dizer que, neste ambito das transferências, tudo se processa com inteira normalidade. Para isso contribuiu a situação desigual em que se encontravam os clubes ultramarinos, que viam partir para a Metrópole os seus melhores jogadores, sem que os seus interesses fossem respeitados, isto é, em que se cumprisse o que em tal capítulo estava regulamentado no futebol metropolitano. Levantada a questão não tardou, como era inevitável, que as suas justas reivindicações fossem atendidas.

Com o ciclismo acabará por se passar o mesmo. Este caso das anunciadas transferências de Joaquim Andrade e Joaquim Santiago para a «Fagor», pode vir a ser decisivo. O Sangalhos quererá fazer valer os seus direitos, como é legítimo que o faça, e, perante o seu protesto não poderá a Federação deixar de proceder em conformidade. Antes de tomarem qualquer decisão sobre o despacho a dar a estes pedidos de transferência que, certamente lhes vão ser presentes, os dirigentes federativos terão, por certo, de rever todo o processo das tentativas feitas para que as Associações Provinciais regularizem as suas filiações segundo os termos legais, encaminhando-se agora nesse objectivo, pelas vias mais rápidas e eficientes.

Mais tarde ou mais cedo o problema acabaria por assumir a aquidade que o caso vertente lhe veio conferir, exigindo a pronta intervenção federativa, como entidade responsável da hierarquia desportiva. Chegou a hora dos clubes metropolitanos, tal como os ultramarinos, no caso do futebol, ouvir a sua voz.

Aguardemos, pois, a confirmação da notícia, e o desenrolar dos acontecimentos...

SANTIAGO

«Dia do Belenense» e «Dia do Sporting»

Os dois clubes de Lisboa cujas equipas jogam nos seus estádios, para o campeonato nacional de futebol da 1.ª Divisão, resolveram considerar o próximo domingo como «dia do clube».

Assim, tanto os associados do Sporting que pretendam assistir ao jogo com a Académica, como os do Belenenses que se proponham assistir á partida com o Benfica, devem munir-se de bilhetes especiais para o ingresso nos estádios.

Conta Infantil
BANCO DO ALENTEJO

O JULGAMENTO DO CASO DA HERANÇA SOMMER

Com a 37.ª audiência, prosseguiu o julgamento, na Boa-Hora, sob a presidência do corregedor Bernardino de Sousa, do caso da herança Sommer. A sessão foi preenchida com diversos pedidos de esclarecimento feitos pelo dr. Sidónio Rito, patrono do industrial António Champalimaud.

Recapituladas algumas das declarações feitas pela sr.ª D. Maria Ana Champalimaud Jardim na audiência anterior, aquela esclareceu que os membros da família, em especial os seus irmãos, desempenhavam cargos nas empresas, onde possuíam interesses comuns, acrescentando:

— *Tínhamos direito a exercer essas funções, sem embargo de ser o nosso irmão António quem dirigia e decidia. Confiámos a ele os nossos bens para os governar e gerir, como entendesse, a bem de todos. Estávamos convictos de que o António assim fazia para aumentar os proventos do grupo Champalimaud ou grupo familiar, como, como o meu irmão dizia. Tinha qualidades de chefe como nenhum outro, e comportava-se como tal. Tinha nascido chefe. Não admitíamos a possibilidades de que um membro da nossa família se comportasse menos honestamente. Todos falávamos na capacidade do António, da sua inteligência e do seu génio para gerir negócios. Nunca ninguém pôs em causa o problema da sua honestidade, pois jamais alguém pensou que ele ou algum familiar não tivesse aquela qualidade.*

A uma pergunta formulada pelo sr. dr. Sidónio Rito, por intermédio do presidente, a sr.ª D. Ana Maria Champalimau Jardim respondeu: «*O meu irmão António tomou, primeiramente a posição do nosso pai, e, ulteriormente, a do tio Henrique, gerindo os bens que nos couberam, como se um e outro ainda fossem vivos.*»

A declarante, por motivo de uma instância abordou um ponto, ligeiramente: «*O meu irmão, não obstante ter casado em 1941 com uma senhora muito rica, em regime de separação absoluta de bens, não tinha uma posição económica superior à dos seus irmãos*». E, com ironia, acrescentou: «*O António, sempre através de palavras veladas e de insinuações, queixava-se de que sua esposa não recebia do pai dinheiro suficiente para se vestir...*»

Neste momento, as instâncias mudaram de rumo. A depoente, a uma delas, esclareceu: «*O António detinha, materialmente, as acções que herdámos do nosso pai, trocando algumas, empenhando outras, para o engrandecimento do grupo Champalimaud. Nunca me deu qualquer satisfação quanto à prática dos seus actos, nem eu a pedi. enfim, por motivos já expostos. Declaro, ainda, que só recentemente tive conhecimento de determinados factos, embora não possa, como é evidente, precisar quais foram as acções objecto de troca ou empenhamento*».

Durante a sessão intervieram os srs. drs. Marques Cordeiro e Saraiva Lima, juízes-adjuntos, Antero Monteiro Dinis, adjunto do procurador da República, Filinto Elísio e Sidónio Rito.

O Ministério Público, ao interpretar o pensametno da sr.ª D. Maria Ana Champalimaud Jardim, ditou para a acta o que ele traduzia para melhor compreensão, o mesmo fazendo o presidente do colectivo.

Reviveram-se numerosas declarações prestadas em audiências anteriores, tiraram-se conclusões mais positivas para um juízo certo.

Durante algum tempo pairou uma confusão (dada a complexidade da matéria em debate), mas os julgadores conseguiram determinar posições acerca do significado de diversas passagens das declarações da sr.ª D. Maria Ana Champalimaud Jardim.

Em três linhas

O dr. Artur Beleza Moreira de Sá foi nomeado secretário da Faculdade de Letras de Lisboa.

///

O dr. Carlos das Neves Tavares foi nomeado director do Museu, Laboratório e Jardim Botânico da Faculdade de Ciências de Lisboa.

///

O dr. Germano da Fonseca Sacarrão foi nomeado director do Museu e Laboratório Zoológico e Antropológico da Faculdade de Ciências de Lisboa.

O dr José Emílio dos Santos Pinto Lopes foi nomeado secretário da Faculdade de Ciências de Lisboa, sendo nomeado bibliotecário o dr. António de Almeida Costa

///

Está aberto concurso de provas públias de habilitação e de provimento de um lugar de graduado de pediatria da Maternidade do dr. Alfredo da Costa.

///

Foi autorizada a elevar o seu capital social, de um milhão para milhão e meio de contos, a Sociedade Financeira Portuguesa

///

Foi concedido a vila de Cacuaco, sede do concelho do mesmo nome do distrito de Luanda (Angola) o privilégio de usar escudo de armas e bandeira próprios.

///

Foi apresentado, em redacção ao ano cultural em curso pela Sociedade Agrícola do Incomati, um segundo compromisso suplementar de fornecimento ao continente de 3577870 kg de açucar.

Maxi-moda para "mini-gente"

De pequenino... é que se afina o bom-gosto.
No «pronto-a-vestir» da Lanalgo há para seus filhos pop-roupas bem estudadas e confeccionadas, que os situam na Moda, cultivando-lhes o gosto pela elegância. Roupas que avivam a alegria, o gesto fácil, a espontaneidade desses maravilhosos 3, 6 e 10 anos... Roupas para seus filhos no «pronto-a-vestir» da Lanalgo. Um encanto para eles. Um regalo para os pais, um delírio para os avós. ...e talvez uma primeira e furtiva olhadela feminina... Mini-gente escolhe o «pronto-a-vestir» da Lanalgo!

RUA DE SANTA JUSTA
RUA DOS CORREEIROS
RUA DA PRATA

Pronto a Vestir
Lanalgo
três entradas para uma saída feliz

O Município de Coimbra interessado em desviar a linha da Lousã

COIMBRA, 23 — O Plano de Urbanização do Concelho, a solução para o problema da passagem da linha férrea da Lousã pela cidade, a construção da Avenida Central e melhoria dos serviços de limpeza na cidade foram temas abordados na reunião da Camara Municipal de Coimbra.

O eng.º Araujo Vieira, presidente do Município, informou, quanto ao Plano Regulador, que havia sido recebido pelo ministro das Obras Publicas e Comunicações, juntamente com o chefe do distrito, para análise de vários problemas, incluindo o Plano de Urbanização, cujo estudo necessita de elementos a fornecer pelos diferentes serviços daquele Ministério. Acrescentou que aquele membro do Governo indicara a forma prática de os obter e prometera a sua ajuda.

Quanto á linha férrea da Lousã, o presidente do Município informou que o Serviço de Obras contactou já com um técnico especializado para a elaboração do projecto da ponte da Arregaça, sobre aquela linha. Acrescentou que a ponte abrangerá a Avenida da Lousã, permitindo o acesso ao Instituto Industrial e Bairro Marechal Carmona, evitando a passagem de nível de São José e entroncando na Estrada da Beira.

Quanto á Avenida Central, da maior importancia para a cidade, referiu-se ao empréstimo de dez mil contos, para continuar as expropriações e afirmou:

— *Embora estejam gastos cerca de vinte mil contos nas expropriações efectuadas, há ainda muito dinheiro a investir e dadas as dificuldades encontradas ultimamente, torna-se urgente corrigir o programa existente, estabelecendo outro mais realista e mais coerente com os preços das expropriações e segundo o projecto aprovado. Com as possibilidades da Camara e o produto da venda de terrenos, estabelece-se um programa financeiro para o empreendimento que vai ser submetido á apreciação do ministro das Obras Publicas com o fim de conceder a necessária ajuda. Para esse trabalho que terá de ser urgente e cuidadoso a Camara Municipal pede a melhor compreensão das pessoas que ocupam os prédios na zona da expropriação para facilitarem o mais possivel o trabalho dos funcionários que terão de proceder aos respectivos inquéritos.*

Um aspecto da festa da Siemens

Milésimo colaborador da Siemens de Portugal

Siemens, a maior empresa electrotécnica da Alemanha, acaba de festejar a admissão do seu milésimo colaborador de Portugal.

Para comemorar o relevante acontecimento desta firma que se encontra há mais de 60 anos no nosso País, foi levada a efeito uma pequena festa no Sabugo, onde se situa a fábrica de produção e montagem de motores e transformadores e, igualmente, um sector especializado na construção de matrizes para memórias electrónicas.

A cerimónia decorreu na ala principal deste último sector fabril onde trabalha o milésimo colaborador da Siemens de Portugal, uma gentil aprendiza recentemente admitida, tendo-se reunido todo o pessoal feminino daquela unidade, comportando no momento cerca de 300 pessoas.

Presidiu ao acto o dr. Alfredo Filipe, Presidente da Mesa da Assembleia Geral, que, proferiu algumas palavras alusivas ao significado deste encontro, estando presentes os drs. Jorge Gonçalves Pereira e Filipe Nobre Guedes, respectivamente, Presidente do Conselho de Administração e Membro do mesmo Conselho, Wolfgang Georg Bühler, Administrador-Delegado, e eng.º João Vaz de Araújo Franco e Helmut Stübing, Directores Técnicos, além de outros dirigentes da empresa.

A festejada, Olinda Maria Santos Patrocínio, a quem foram oferecidas lembranças e uma placa comemorativa, teve a companhia neste dia especial e ímpar na história da Siemens de Portugal das suas colegas classificadas com os N.os 999 e 1001 e às quais foram entregues bonitos ramos de flores.

Ainda, para vincular o dia excepcional que se viveu, a Direcção decidiu sortear lembranças entre o pessoal da Sede em Lisboa, Delegação Técnica no Porto e Fábricas de Évora e Sabugo.

DR. PINTO BULL

Na próxima segunda-feira, vai ser prestada homenagem á memória do dr. James Pinto Bull, um dos quatro deputados falecidos num desastre de helicóptero, ocorrido na Guiné, em Julho passado.

Promovida pela Liga dos Amigos da Guiné, a homenagem compreende uma missa de sufrágio, ás 18 horas, na igreja da Memória, a Belém, seguindo-se o descerramento, ás 19 horas, de um retrato do dr. Pinto Bull na sede da associação (Rua General João de Almeida, letras DN, 3.º-direito). Usa da palavras, neste acto, o vice-presidente da instituição, dr. Raimundo Brites Moita.

CINQUENTA ANOS COMO PROFISSIONAL DE SEGUROS

Por ter completado 50 anos como profissional de seguros, vai ser homenageado, amanhã, á noite, no Restaurante «Lunar», o sr. Pedro Pinho de Brito Ayres.

DOIS LARÁPIOS A CONTAS COM A POLÍCIA

Foram detidos pela P. S. P. e enviados á Polícia Judiciária Fernando dos Santos Alves, de 36 anos, solteiro, barbeiro, e Graciano Rodrigues Silva, de 28 anos, solteiro pintor de automóveis, acusados de assaltarem uma residência no bairro da Quinta do Charquilho, em Benfica, de onde furtaram diversos artigos no valor de 5750 escudos.

No momento da captura foram-lhes apreendidos os objectos furtados.

Empregado infiel

A P. S. P. enviou á Polícia Judiciária com a respectiva participação, António da Silva Santos, de 48 anos, casado, ajudante de motorista, natural de Lisboa, acusado de ter praticado diversos furtos na firma onde estava empregado. O montante dos roubos que vinham a ser praticados desde 1964 elevava-se a 6500 escudos.

PRÉDIO
ZONA DA FONTE LUMINOSA
Construção moderna, de cimento armado, composto por 6 inq., hab. 3 div. soalhadas, cozinha, casa de banho, despensa e hall.
PREÇO — 1.750.000$00.
MOSTRA E TRATA
«A CONFIDENTE»
Rossio, 3-2.º — Telefs. 36 93 84/5/6 - 32 82 32/3 - 36 17 56

É IMPOSSÍVEL NOVO ENCONTRO COM PETER BROOK

— Peter Brook já se encontra em Paris e a Secção de Teatro da Fundação Gulbenkian ignora qualquer pedido de artistas portugueses para um novo encontro com aquele encenador — declarou-nos, esta manhã, o sr. Carlos Wallenstein, director daquela Secção.

O sr. Carlos Wallenstein respondia a uma pergunta nossa relacionada com o desejo formulado por actores, críticos e encenadores (de teatro, cinema e televisão) da possibilidade de um outro encontro com Peter Brook, pois admitem «*que, talvez por lapso, não tenham recebido convite para participar no encontro da passada quarta-feira*».

1800 VISITANTES EM 15 DIAS NA EXPOSIÇÃO DE CARGALEIRO EM PARIS

Nos primeiros 15 dias, a exposição de pintura do artista português Manuel Cargaleiro, patente ao publico no Centro Cultural Português de Paris, da Fundação Gulbenkian, registou já 1800 visitantes. O imprensa tem dedicado a sua melhor atenção á exposição, tendo o jornal «Carrefour» afirmado que «os guaches e pinturas de Cargaleiro revelam verdadeiro talento de pintor» e que «depois de ter ultrapassado o pensamento abstracto, a mão ágil e delicada do artista atingiu sabor colorido próximo do encanto.»

Também o crítico R. Cogniat, no jornal «Le Figaro», dedica elogiosa notícia á exposição de Manuel Cargaleiro, qual se mantém aberta ao publico até ao dia 22 de Novembro próximo.

Necrologia

FALECIMENTOS

Manuel Bravo Gomes

Em Vila Real de Santo António, de onde era natural, faleceu o sr. Manuel Bravo Gomes, de 78 anos, proprietário, casado com a sr.ª D. Maria Carmelinda Celorico Medeiros Bravo. Era pai de D. Maria Rosa Medeiros Bravo, já falecida, e dos srs. Manuel Medeiros Bravo, vice-presidente da Camara Municipal de Vila Real de Santo António, casado com a sr.ª D. Maria Adelaide Frade Medeiros Bravo; Damião Luís Medeiros Bravo, casado com a sr.ª D. Maria de Lourdes Martins Leiria Medeiros Bravo, e Valentim André Medeiros Bravo casado com a sr.ª D Maria Henriqueta Trabuco Medeiros Bravo.

O funeral, precedido de missa de corpo presente, realizou-se com grande acompanhamento para o cemitério de Vila Real de Santo António.

D. Maria Manuela da Silva Alves

PINHAL NOVO, 23 — Faleceu a sr.ª D. Maria Manuela da Silva Alves, de 20 anos, casada com o sr. Fernando da Silva Alves.

Vítima de acidente de viação, há dias, em Jardia, Montijo, quando seguia de carro com o marido, fora internada no Hospital de S. José, em Lisboa, não resistindo, porém, aos graves ferimentos recebidos.

SUFRÁGIOS

D. Lucília Anta Leite e Silva Dias Antunes

Se fosse viva, fazia anos amanhã, a sr.ª D. Lucília Anta Leite e Silva Dias Antunes, pelo que a família manda rezar missa, ás 18,30, na igreja da Encarnação ao Chiado.

Rainha D. Amélia

O conselho administrativo da Fundação da Casa de Bragança na segunda-feira, pelas 12 horas, em Sua Excelência de Fora, manda celebrar missa por intenção da rainha D. Amélia, falecida há 19 anos.

Coronel Julio Duarte Costa

MISSA DO 30.º DIA

Mandada dizer por sua família, reza-se amanhã, sábado, pelas 9 horas, na basílica da Estrela, missa sufragando a sua alma.

Eng.º Manuel António Godinho de Almeida

Missa do 1.º aniversário

Sua família participa que amanhã, dia 24, pelas 18 horas na, na igreja dos Jerónimos será celebrada missa pelo seu eterno descanso, agradecendo desde já a todas as pessoas que se dignarem assistir.

Bolsa de Lisboa

FUNDOS DO ESTADO	Efec.	Compra	Venda
Consolidado 4 3/4%	—	—	500$
Consolidado 3%	—	—	500$
Consolidado 3 1/2%	—	—	6 2$
Centenários 4%	—	—	1.440$
Obrigs Tesouro 5%	—	—	1.000$
Externo 1.ª Série	—	575$	—
Externo 2.ª Série c.	600$	560$	600$
Externo 3.ª Série	—	730$	—
Externo 3.ª Série c.	700$	690$	710$
Cautelas 3.ª Série	—	142$	—
OBRIGAÇÕES			
Aguas Lisboa 5%	—	—	—
A P I 5% 56	860$	—	900$
A P I 5% 58	845$	—	890$
C P 4 1/2% 65	—	—	—
C P 5 1/2% 67	870$	—	875$
C U F 6%	830$	980$	900$
C U F 6% 68	—	900$	920$
Gás Elect 4% 48	—	—	840$
Gás Elect 4 1/2% 51	—	850$	—
Gás Elect 5% 52	—	800$	—
Gás Elect 5% 58	780$	780$	—
Gás Elect 5% 59	—	—	—
Gás Elect 5% 62	—	—	—
Gás Elect 5% 63	—	—	—
Gás Elect 5% 65	—	—	—
Gás Elect 5% 67	940$	—	950$
H E A Alentejo 5%	—	—	—
H E Cávado 5%	—	—	750$
H E Cávado 6%	—	950$	—
H E Douro 5%	—	—	750$
H E Douro 6%	950$	950$	955$
H E Norte Port 5%	—	860$	—
H E S Estrela 6%	—	—	935$
H E Zêzere 5% 55	—	—	—
H E Zêzere 5% 57	—	—	750$
Lisnave 6%	—	—	—
Metropolitano 4%	—	870$	—
Metropolitano 5 3/4%	—	—	—
Moçambique 5%	—	720$	—
Nac Elect 5%	—	790$	820$
Nitratos 5%	—	—	—
Nitratos 5% 60	—	—	—
Petroquimica 5%	—	—	—
Port Celul 5%	—	—	—
Sacor 5% 54	900$	900$	—
Sacor 5% 60	800$	—	800$
Siderurgia 5% 2.ª	—	—	—
Siderurgia 5% 3.ª	—	—	—
Siderurgia 5% 4.ª	—	—	—
Sonete 5%	—	815$	—
T A P 4%	—	—	900$
Termoelect Port 5%	—	—	—
U E P 3 3/4%	—	84$	—
U. E P 4%	—	85$	—
U E P 1/2%	—	90$	—
U E P 5%	74$	—	75$
U E P 5% 60	—	—	—
U E P 5% 63	—	835$	—

Ultramarinas	Efec.	Compra	Vende
Buz	77$	76$	78$
Cabinda	214$	214$	216$
Diamantes Angola	2 350$	2.340$	2 360$
H E Revue	650$	630$	—
Ilha do Príncipe	800$	800$	820$
Moçambique	—	182$	184$
Sonete n	—	—	—
Sonete p	430$	430$	435$
Zambézia	78$5	78$	80$
Diversas			
Cidla	—	6 750$	—
Cim Leiria	4.090$	4.000$	4.100$
Cel Navegação	7 700$	7.700$	7 800$
C U F	—	1.440$	1.450$
Ind Aliança	—	—	1.590$
Nac Navegação	—	600$	800$
Petroquimica	—	3.650$	3.700$
Port e Colónias	—	1.550$	1.600$
Port Celulose	1.400$	1.400$	—
Port Pesca	—	—	—
Port Tabacos	1 050$	1.040$	1.050$
Sacor	690$	685$	695$
Siderurgia Nac	—	—	4 550$
Sonae	2.200$	2 190$	2 210$
Tabacos de Portugal	3 250$	3 260$	3 270$
Tabaqueira	—	—	—
J F Azeite	—	6.600$	7.000$
	—	770$	780$
Agua Elect. e Gás			
Aguas Lisboa p	—	400$	—
Aguas Lisboa 34	—	405$	410$
Aguas Lisboa 36	—	390$	405$
C P Electricidade	1.180$	1.180$	1.181$
C P Electricidade nom	1.180$	1.178$	1.180$
C P Electricidade 1969	—	—	—
Eléct Beiras	—	1 650$	1.720$
Gás Electr	421$	420$	420$5
H E Alto Alentejo	177$5	177$	178$
H E Norte Portugal	—	262$	275$
H E S Estrela	—	—	—
Nac Electricidade	—	—	—
J E P	186$5	86$	187$
FUNDOS DE INVESTIMENTO			
F I Atlântico	—	196$1	202$
F I D E S	—	122$	125$7

ALMEIDA, BASTO & PIOMBINO & C.ª
TODAS AS OPERAÇÕES BANCÁRIAS
Rua do Ouro, 52-54 — Lisboa — Tel 366056/7
Teleg ALMEIRO — Telex 47 ALBAPI P

ACÇÕES			
Bancos			
Agricultura	2.280$	2.275$	—
Alentejo	1.124$	1 123$	1.127$
Angola	3.500$	3 500$	3.520$
Burnay	—	—	—
Créd Predial	—	8.700$	8.750$
E Santo	—	20.900$	21.2[illegible]$
E Santo n	—	—	—
Fonsecas S p	—	—	—
Fomento	—	2.450$	2.480$
L G Açores p	6.850$	6.900$	6.850$
L G Açores n	—	—	—
P Atlântico p	5 800$	5.700$	5.800$
Portugal n	—	3.110$	3.150$
Portugal p	—	4.050$	4.150$
Totta Aliança	6.080$	6.000$	6.050$
Ultramarino n	—	3.260$	—
Ultramarino p	—	3.650$	3.670$
Seguros			
Alentejo	156$	155$5	157$
Douro	—	1.500$	—
Mundial	—	980$	995$
Sagres	—	1.800$	—
Tranquilidade	—	55 000$	65.000$
Ultramarino	—	25 000$	—
Ultramarinos			
Açúcar de Angola	—	780$	785$
Ag Cassequel	670$	665$	670$
Ag Incomati	—	—	—
Ag Neves	420$	420$	430$
Ag S Tomé e Príncipe	290$	280$	295$
Boror	—	—	—

ÍNDICE BORGES & IRMÃO

COTAÇÃO DAS ACÇÕES (Base: Dez 65 100)

	16/10/70	22/10/70	23/10/70
GERAL	147,3	146,3	146,2
METROPOL.	140,2	139,3	139,3
ULTRAM.	199,3	198,0	196,7

PAÍSES	Compras	Vendas
África do Sul — Rands	34$00	36$50
Alemanha — Marco	7$75	8$05
América:		
— Dólares, de e 2	28$20	28$70
— Dólares de 5 a 000	28$50	28$90
Argentina — Peso Novo	5$50	7$50
Austria — Schilling	$10	$16
Bélgica — Franco	$56	$59
Brasil — Cruzeiro	4$50	6$00
Canadá — Dólar	27$70	28$20
Dinamarca — Coroa	3$70	4$00
Espanha — Peseta	$40,5	$42
França — Franco	5$00	5$30
Holanda — Florim	7$80	8$10
Inglaterra — Libra	67$70	69$70
Itália — Lira	$04,4	$04,7
Marrocos — Dirham	4$80	5$40
Noruega — Coroa	3$85	4$15
Suécia — Coroa	5$35	5$65
Suíça — Franco	6$60	6$82
Ouro:		
Ing aterra — Libra Isabel	290$00	310$00
Inglaterra — 1/2 Libra	290$00	310$00
Ouro fino — Barra	36$00	38$50

J. BURNAY L.DA Notas estrangeiras
Papéis de crédito
RUA DO OURO, 72 Tel. 231273

CARTAZ DOS CINEMAS *

Estreias de hoje—CHUVA NA PRIMAVERA—S. Luiz e Alvalade

* SÃO LUIZ
(Adultos) Tel. 327172
HOJE, ás 21.30 — ESTREIA
TECHNICOLOR
INGRID BERGMAN
E ANTHONY QUINN
CHUVA
NA PRIMAVERA

Às 18.15 — Últimas exibições «**O CRIADO**» — (Adultos)

* ALVALADE
(Adultos) Tel. 717480
HOJE, ás 21.45 — ESTREIA
TECHNICOLOR
INGRID BERGMAN
E ANTHONY QUINN
CHUVA
NA PRIMAVERA

Às 18.15 — Últimas exibições «**O CRIADO**» — (Adultos)

Sábado e domingo, ás 18.30 Uma das ultimas palavras em boa disposição — **Para todos** ABBOT E COSTELLO em «**A GALINHA DOS OVOS DE OIRO**»

* AVIS
(Adultos) Tel. 47163
As 15.30 e 21.45
2.ª SEMANA
Uma comédia alegremente vestida de luto!
AS VIÚVAS
com **Alberto Closas** e **Julia Caba**

* MONUMENTAL
(Adultos) Tel 555131
As 15.15 e 21.30
2.ª SEMANA
Um filme espectacular
AEROPORTO
com **Burt Lancaster Jean Seberg e Dean Martin**

* RESTELO
(M. 17 anos) Tel. 610375
As 21 e 30:
O maior sucesso de Lisboa num filme de **G. Jacopetti**
MUNDO MULHER

* CHIADO TERRASSE
Às 15 e 21 h (M 17 anos)
TOPÁZIO
CHOQUE NA ALTA RODA

* POLITEAMA
(M. 12 anos) Tel. 326305
Às 15.15 e 18.15 (p. r.) e 21.30
GRANDE ÊXITO
Extraordinários e autênticos episódios filmados na selva
SAFARI AFRICANO
Uma realização de **Ron Shanin** que durou cinco anos e meio em rodagem
Comentado em português

* MUNDIAL
(Adultos) Tel. 538743
As 18.30 e 21 45
EM 5.ª SEMANA
DE SENSAÇÃO
Bibi Andersson, Robert Stack, Annie Girardot e James Farentino numa alta comédia em maravilhoso technicolor
A VIDA DE UMA MULHER
— O primeiro amor será de facto, o mais forte?
AR CONDICIONADO

* CONDES
(Adultos) Tel. 322523
2.ª SEMANA
As 14.15 16.30, 18 45 e 21.45
Sharon Tate impressionante de beleza no seu ultimo filme
(12+1)
DOZE MAIS UMA
com **Vittorio Gassman**

* LIZ
(M 17 anos) Tel. 48560
As 21 horas
CHICAGO, CHICAGO
DUELO EM DIABLO
Ar condicionado

* CASINO ESTORIL
Às 17 e 1.30 (M. 17 anos)
A BORBOLETA VERMELHA
com **Peter Sellers**

* IMPERIAL
(M 17 anos) Tel. 45933
As 21 horas
BAMSE, PAIXAO IMPOSSÍVEL
A RAPARIGA

* ROYAL
(M. 12 anos) Tel. 86545
VELHA RAPOSA
O BARÃO DE FRANKENESTEIN

* SÃO JORGE
(M 17 anos) Tel. 54153
HOJE, ás 15.15, 18.15 e 21.30
O último filme de
Claude Lelouch
UM HOMEM DE QUEM EU GOSTO
com **Jean-Paul Belmondo** e **Annie Girardot**
DOMINGO, ás 11 da manhã
CINEMA COM CRITÉRIO
JOGO SUJO
Um filme com o patrocínio do Cineclube Católico
Entrada facilitada aos sócios do C. C. C.
Bilhetes á venda — 15$00

* ESTUDIO 444
(Adultos) Tel. 779095
As 15.30, 18.30 e 21.45
4.ª SEMANA
Um filme irónico, poético e malicioso
OS AMANTES
com **Jeanne Moreau** e **Jean-Marc Bory**

* EUROPA
(M. 12 anos) Tel. 661016
Em continuação de estreia
HOJE, ás 21.30
Robert Mitchum e **George Kennedy** em
OS BONS E OS MAUS
Sábado e domingo, ás 18.15
MATINÉE INFANTIL
(Para todos)
Para a pequenada um filme de balbúrdia total com uma foca brincalhona e um cãozinho de luxo
AS DIABRURAS DE SAMMY
Um filme em Technicolor com a assinatura de **Walt Disney**

* VOX
(Adultos) Tel. 720808
As 15.15 18.30 e 21.45
5.ª Semana de êxito
DUSTIN HOFFMAN
e MIA FARROW
JOHN & MARY
AR CONDICIONADO

* LUMIAR
(M. 12 anos) Tel. 795296
As 21 horas
A MORTE ESPERA EM ATENAS
AS FESTAS GALANTES

* ODEON
(M 17 anos) Tel. 426283
As 15 15 e 18 15 (p r.) e 21.30
O CINEMA PORTUGUÊS EM FESTA
2. MÊS! .. ENCHENTES!
5 SEMANA DE GARGALHADA
A MALUQUINHA DE ARROIOS
Realização de **Henrique Campos**
Segundo a famosa comédia de **André Brun**
com **Alina Vaz, Ivone Silva, Artur Semedo, Eugénio Salvador, Linda Silva** e **Óscar Acúrsio**

* BERNA
(Junto a Igreja de Fátima)
(Adultos) Tel 776098
As 18.30 e 21.45
Alain Delon e **Jean-Paul Belmondo** no extraordinário filme em Technicolor de **Jacques Deray**
BORSALINO
A história de dois homens á conquista do Mundo!

* TIVOLI
(M 17 anos) Tel 50595
As 3 e 6.15 da tarde (p r.) e 9.30 da noite
ELIZABETH TAYLOR
e WARREN BEATTY
QUANDO O JOGO É O AMOR

* IMPÉRIO
(M 12 anos) Tel. 555134/5
As 15.15 e 21.30
Panavision — Color
A vida de um homem que alterou o curso da História e da Liberdade
CROMWELL
c/ RICHARD HARRIS e SIR ALEC GUINESS

* ESTÚDIO
(Adultos)
As 15.30 18.30 e 21.45
2.ª SEMANA
Grande Premio S. E. I. T. — Prémio Int. Femina Prémio Fot e Realização CUNHA TELLES
O CERCO
com **Maria Cabral** e **Rui de Carvalho**

* EDEN
(M 12 anos) Tel 320768
2.ª SEMANA
As 15 15, 18.30 e 21.45
Um espectacular «**western**» na melhor tradição do clássico do género
«CHISUM, O SENHOR DO OESTE»
com **JOHN WAYNE**

* ROMA
(Adultos) Tel 727778
As 15.30 e 21 45
2.ª SEMANA
A divertida comédia
DOZE MAIS UMA
(12 + 1)
TECHNICOLOR
com **Vittorio Gassman, Sharon Tate, Orson Wells** e **Vittorio de Sica**

* LIDO
(M 17 anos) Tel 851593
As 21 30 horas
Um drama violento onde vibra o culto da honra!
O CLÃ DOS SICILIANOS
com **Jean Gabin** e **Alain Delon**

* outros espectáculos

● LISBOA

CIRCO

COLISEU — Às 21 e 30: «Circo de Moscovo» (12 anos).

TEATROS

LAURA ALVES — Às 21 e 45: «O Preço» (17 anos)
MARIA VITÓRIA — Às 20 e 45 e 23: «Pimento na língua» (17 anos)
CAPITÓLIO: Às 21 e 45: «O Vison Voador» (17 anos)
MARIA MATOS — Às 21 e 45: «A Relíquia» (17 anos)
A B C — Às 20 e 45 e ás 23: «Alto lá com elas» (17 anos)

CINEMAS

JARDIM — Às 21: «A sereia do Mississipi» (17 anos).
IDEAL — Às 15 e 15 e 21: «Os caminhos da violência» (17 anos)
PARIS — Às 21: «A Princesa» (17 anos).
CINEARTE — Às 21: «Sigo o meu caminho» (17 anos).
MOSCAVIDE—Às 21: «Deus perdoa, eu não» (17 anos).
PROMOTORA — Às 21: «O diabo á solta»
ARCO IRIS — Às 21: «Espiões de mini-saias» (17 anos).
OLIMPIA — Às 19: «Viver um pouco, amar um pouco» (12 anos).
CINE-ORIENTE — Às 21: «A Piscina» (17 anos).
SALÃO LISBOA — Às 21: «O ódio que gerou o amor» (17 anos).

● PORTO

TEATROS

SA DA BANDEIRA — Às 21 e 45: «P'rá frente Brasil» (17 anos)
ANTÓNIO PEDRO — Às 21 e 45: «Bodas de sangue», pelo T.E.P.» (17 anos).

● Linha de Cascais

ALGÉS — STADIUM — Às 21 e 30: «Como roubar milhões sem fazer força» (12 anos)
ESTORIL — CASINO — Às 17 e ás 21 e 30: «A Borboleta Vermelha» (17 anos). PALÁCIO — Às 21 e 30: «Longe da multidão» (12 anos).
CASCAIS — S. JOSÉ — Às 21 e 30: «A Ponte de Remagem» (17 anos)

● Outra Banda

ALMADA — INCRIVEL — Às 21 e 15: «A Bala do Homem Solitário» (12 anos)
LARANJEIRO — INSTRUÇÃO E RECREIO — Às 21 e 30: «O Milagre de Milão» (17 anos).

● Linha de Sintra

DAMAIA — D. JOÃO V — Às 21 e 30: «A doce vida» (17 anos)
AMADORA — RECREIOS DESPORTIVOS — Às 21 e 15: «A Felicidade» (17 anos).
SINTRA — CARLOS MANUEL — Às 21 e 15. «Alfredo, o grande» (12 anos)

CINEMAS

COLISEU — Às 21 e 30. «O clã dos sicilianos» (17 anos)
SÃO JOÃO — Às 21 e 30: «Arabela» (17 anos)
BATALHA — Às 21 e 30: «O que há de novo gatinha» (17 anos
TRINDADE—Às 21 e 30: «Cromwel» (12 anos)
ESTUDIO — Às 21 e 30: «A minha noite em casa de Maud» (17 anos.
OLIMPIA—Às 21 e 30: «Sabata» (17 anos)
AGUIA DE OURO — Às 21 e 30: «Encruzilhada para uma freira» (12 anos)
CARLOS ALBERTO—Às 21: «Uma arma entre mil» e «O prazer de matar» (12 anos).
JULIO DINIS — Às 21 e 30: «A rapariga do auto-stop» (17 anos.
VALE FORMOSO — Às 21 e 30: «O reino de Buda» (17 anos)
RIVOLI — Às 21 e 30: «Para o melhor e para o pior» (12 anos)
N U N'ÁLVARES — Às 21 e 30: «Noites de outros tempos» (17 anos).

● COIMBRA

GIL VICENTE — Às 21 e 30: «Assalto quase... imperfeito» (12 anos).
AVENIDA — Às 21 e 30: «Easy Rider» (17 anos).
TIVOLI — Às 21 e 30: «Dossier 202: destino Norte» (17 anos).

VIÇO ● FARMACIAS DE SERVIÇO ● FARMACIAS DE SERVIÇO ● FARMACIA

● LISBOA

ALCANTARA — Nogueira, R do Creche. 2 (63 635)
ALFAMA — Nacional. R de S João da Praça 26 (863632)
ALVALADE — Cartaxo, Avenida da Igreja, 2-C (776358 * **Brisália,** Av Rio de Janeiro 66-A (722368)
ANJOS — Matos, R Alvaro Coutinho. 0 (40471)
AREEIRO — Avis, Av de Roma 56-B-C (7 5370) * **João XXI,** Av João XXI, 6-A (726462) * **Nova Lisboa,** Rua Guilhermina Suggia 2 (72772)
AVENIDA DA LIBERDADE — Nacional, R do Salitre, 1 (46858)
AVENIDAS NOVAS — Fátima, Av 5 de Outubro, 47-A (763 07) * **Avenidas,** Av da República, 27-A (533688, * **Império, Lda.,** R Filipe Folaque 40-A e 40-B (48002) * **Ducal,** Av Duque de Loulé, 2 (48946) * **Palma,** Av Duque de Avila 25-31 (47088)
BAIRRO DOS ACTORES E ALAMEDA — Nunes, Rua Ângela Pinto, 32 (49756).
BAIRRO DA ENCARNAÇÃO — Ascenso. R 27, n.º 4 (3 2 6)
BAIXA — Barral, R Augusta 225 (36 534/5)
BELÉM — Remísio, R dos Jerónimos 4-C (63 699).
BENFICA — Lisboa Rua Cláudio Nunes, lote 2 (703393) * **Sousa,** Est de Benfica 429-43 (780027)
CAMÕES — Modelar, L Dr António de Sousa Macedo. 1-A (678896 * **Véritas,** R da Misericórdia. 33 (324554 327563/4
CAMPO DE OURIQUE — Castro Fonseca Rua 4 de Infantaria 28-A (688857) * **Ourique.** Rua Freitas Gazu 32-B (67 661)
CAMPOLIDE — Lab., R Rodrigo da Fonseca, 0-0-A (682333 * **Pátria,** Calçada dos Mestres, 30-A (á Rua das Amoreiras) (680627)
CARNIDE — Leal de Matos, R Neves Costa 33-35 (780'81)
ENTRECAMPOS — Galena, Aven Óscar Monteiro Torres, 38-A (774920)
ESTEFÂNIA — Estefânia, Rua Pascoal de Melo, 90 (44438)
ESTRELA — Janeiro. Avenida Alvares Cabral, 100 (66 453)
GRAÇA — Monte, R Senhora do Monte, 30-A-B (867842) * **Rosa & Viegas,** R de S Vicente, 31 (86435) * **St.º António,** Rua Leite de Vasconcelos, 72-C (88233)
JANELAS VERDES — Carrasco, R Presidente Arriaga, 39 (667460)
LUMIAR — Alameda, A das Linhas de Torres. 201-B (790942 * **S. Tomé,** Est. do Desvio, lote 2-C (790704)
MADRAGOA — S. Nunes Simões. Suc., R do Quelhas (66 275)
OLIVAIS — Olivais, Rua Alves Gouveia, 9 (31 237) * **Nova dos Olivais,** R E, Lote 469 (Olivais Sul) (3 6402)
PALHAVÃ — Aguiar, Av Columbano Bordalo Pinheiro, 98-A (754 96-764629).
PENHA DE FRANÇA — Carrando, Rua Padre Sena Freitas. 0-A (8425'8)
PICHELEIRA — Luzmar, Rua João do Nascimento Costa 6-A (728395-720703)
REGO — Universitária, R. Alfredo Roque Gameiro, 29- (Hospital de Santa Maria) (778953)
S. AMARO — Sepol, Calç. da Boa Hora, 94-A (63 958) * **Teles,** R João de Barros, 4 (638249)
DE SANTA APOLÓNIA AO BEATO — Salter, R de Xabregas, 65 (381'85) * **Oriente,** Rua Lopes, 20 84358)
MOSCAVIDE — Banha, Av Moscavide. 22 (25'85'8)

● Linha de Cascais

ALGÉS — Almeida Nito —Av Comb G Guerra, 64 (Tel 2'2070)
CAXIAS — Nova, Rua Bernardim Ribeiro. -A (Tel 242839
PAÇO DE ARCOS — Trindade Brás, R Costa Pinto, 86 (Te 2432034)
OEIRAS — Godinho, R. Cândido dos Reis 98 (Tel 2430090)
PAREDE — Macau — R. I Elias Garcia. 62-B (Tel. 247 785)
ESTORIL — S João. (T 26 86)
MONTE ESTORIL — Costa Av Saboia, 29-B (Telefone 260085)
CASCAIS — **Marginal,** Av Marginal (Tel 280078) * **A. Costa,** Rua Freitas Reis, 24-C (Tel 280214).

● Linha de Sintra

AMADORA — Amadora — Praceta 28 de Maio, 3-A (Tel 935518) * **Carmele** — Rua Elias Garcia, lote 28 (Tel 933303) * **Helénica** — R Elias Garcia, 2 (Tel 933613) * **S. Jorge** — R Pedro del Negro, 5 Reboleira (Telef 938703)
DAMAIA — Damaia — P Alexandre Gusmão. 9-A (Te 970523)
QUELUZ — André, Av. Elias Garcia, 5 (Tel. 950043) * **Queluz,** Av. Miguel Bombarda. 23-A (Tel 95 841)
CACEM — Central, R Elias Garcia 55 (2940034)
MEM MARTINS — Químia Est Mem Martins 185 (Telef 29'00'2)
S PEDRO DE SINTRA — Valentim (Tel 980456).
SINTRA — Marrazes, L Rainha D Amélia, 20 (Tel 980'55)
VENDA NOVA — Nova, Rua Elias Garcia, 10 (Tel 933920
COLARES — Colares. Abrelo (Te 299088.

● Outra Banda

ALCOCHETE — Nunes — L. Coronel Ramos da Costa (Telef 234 37)
ALHOS VEDROS — Gusmão — Rua Cândido dos Reis. 30 (224020)
ALMADA — Macedo Henriques — R Bernardo Francisco da Costa, lote 1 (Te 27 297
BAIXA DA BANHEIRA — Aliança — Estrada Nacional 14 (224302)
BARREIRO — Moderna R D Henriqueta Gomes de Araujo, 259 (Tel 2273012)
COVA DA PIEDADE — Castro Rodrigues, Lg 5 de Outubro 62 (T 270'2'1)
MOITA — União Moitense, Av Dr Teófilo Braga (Tel 239025)
MONTIJO — Diogo, R. Almirante Cândido dos Reis 42 (Te 230082)
SESIMBRA — Lopes, R. Cândido dos Reis. 67 (Tel. 229028)
SETUBAL — Marques. R Arronches Junqueiro (T. 22783 * **Bonfim,** Av Rodrigues Manitto, 2 (Telefone 24558)
SEIXAL — Godinho — L da Igreja. 5 (Telefone 22'858)

● PORTO

Aliança, Rua da Conceição 2 (Te 2-42-03) * **Bonfim,** R do Bonfim, 13 (Te 5-2444 * **Cardona dos Santos,** Rua D Manuel II, 90 (Te 2-7 88 * **Correia,** Praça Mouzinho de Albuquerque, 77 (Tel. 6-0869) * **Cosme,** R Costa Cabral, 584 (Tel 4- 5'1) * **Ferreira,** Pr Afonso V, 55 B (Tel 68- 975) * **Ferreira de Carvalho,** Rua do Bonjardim, 354 (Tel. 2-7640 * **Gomes Ferreira,** Rua Fora de Guimarães, 449 (Tel 4'907) * **Henriques,** Pr da Batalha, 64-64-A (Telef 2-5'73) * **Luso Francesa,** Rua Sá da Bandeira 40 (Tel 2-6'34) * **Morena,** L S Domingos, 44 (Te 2-3545) * **Porto,** Pr da Republica, 22 (Tel. 2-0294) * **Prelada,** Rua C. de Francos, 3 6 (T 6-43'2) * **S. Diniz,** Rua de S Diniz 478 (Tel 4-228) * **Campos,** P L Cabral, 943 — Foz (Tel 68-01'3).

● COIMBRA

S. Sebastião — Rua António Jardim (tel. 28802) * **Silcar** — Rua Ferreira Borges (tel. 22923) * **Universal** — Praça 8 de Maio (telef. 23744) * **Adriana** — Praça da Republica (tel. 23609).

Diário de Lisboa
Renascença Gráfica, S.A.R.L.
Administração e Publicidade:
Rua Castilho 185-1.º
Telef 65 45 31-2-3-4
Redacção e Serviços Técnicos
Rua Luz Soriano, 44
Telef 32 02 71-2-3 e 32 11 54-5
End. Tel DIBOA Telex 1363
Lisboa — Portugal

NOVAS REFINARIAS DE PETRÓLEO

(Continuação da 1.ª página)

seus 58 artigos, nomeadamente, a autorização concedida á Sacor para ampliar a sua refinaria do Porto, «mediante a instalação de novas linhas de combustiveis e de aromáticos», ficando a sua capacidade aumentada de um minimo anual de quatro milhões de toneladas de petróleo bruto e seus resíduos».

Não se refere, porém no texto do diploma o volume do investimento necessário a esta grande ampliação.

Por outro lado, o Governo autoriza ainda «o exercício da industria petroquímica de aromáticos a uma sociedade portuguesa promovida pelo Amoniaco Português, pela Cuf e pela Sacor, com um capital inicial minimo de 150 000 contos, com capacidade de produção previstas para 25 000 ton. anuais de caprolactama, cuja matéria-prima deverá ser fornecida pela citada refinaria do Porto.

Esta fábrica será instalada em Estarreja, junto do actual complexo do Amoniaco Português.

O Sul do Pais vai contar com uma nova refinaria de petróleos brutos e seus resíduos, explorada por uma sociedade a constituir, com um capital inicial mínimo de 500 000 contos, segundo o mesmo despacho. A capacidade de laboração prevista é de 6 milhões de toneladas, com as infra-estruturas preparadas para ir até 10 milhões de toneladas, logo que o Governo tal venha a determinar. Esta refinaria terá um terminal marítimo de armazenagem anexa, com instalações de apoio aptas para receber navios até 300 000 toneladas de porte.

Junto desta nova refinaria do Sul será instalada uma fábrica de industria petroquímica de olefinas, com capacidade mínima de laboração de 200 000 toneladas anuais de etileno. O capital social previsto para este complexo industrial é de 500 000 contos.

Prevê-se o desaparecimento da refinaria de Cabo Ruivo

O diploma prevê ainda a possibilidade de o Governo revogar, «quando entender oportuno, a autorização concedida para a instalação e exploração» da refinaria da Sacor em Cabo Ruivo, «consideradas, em face da evolução do consumo e da capacidade da oferta, as limitações da respectiva produtividade».

O diploma não especifica a localização da nova refinaria do Sul. No seu preambulo, acentua ainda o despacho que tais medidas foram tomadas devido ao facto de o Governo ter presentes diversos requerimentos e propostas concernentes á «expansão da capacidade de refinação e á instalação de petroquímicas de aromáticos e olefinas no Continente.»

o tempo

INFORMAÇAO DO SERVIÇO METEOROLOGICO NACIONAL

SITUAÇAO GERAL AS 9 HORAS DE HOJE — Em Portugal continental, o céu estava limpo e o vento era fraco ou moderado de Leste

TEMPERATURAS EXTREMAS OBSERVADAS NA REDE NACIONAL DO CONTINENTE ATÉ AS 9 HORAS DE HOJE — Máxima, Porto, 20°, mínimo: Penhas da Saude, —2°

TEMPERATURAS DO AR AS 9 HORAS DE HOJE — Porto, 0°, Penhas Douradas, 3°; Coimbra 2°; Portalegre, 9° Lisboa, 2°; Faro, 5°; Funchal, 9°

TEMPERATURAS OBSERVADAS NA COSTA DO SOL AS 9 HORAS DE HOJE — Na água do mar: 15°; na atmosfera 3°.5

PREVISAO GERAL ATE AS 24 HORAS DE AMANHÃ:

Céu limpo; vento fraco ou moderado, predominante de Leste; geada nos locais abrigados.

Amanhã
Nascer ás 7 e 54
Ocaso ás 18 e 47

Dia 30 — Dia 6 — Dia 13 — Dia 21

MARÉS:

PREIA-MAR: **Hoje** — 11 e 12 (3,5 m); **Dia 24** — 0 e 02 (3,7 m); 12 e 23 (3,4 m) **Dia 25** — 1 (3,3 m); 13 e 6 (3,5 m)
BAIXA-MAR: **Hoje** — 4 e 32 (2,1 m); 17 e 43 (1,9 m) **Dia 24** — 6 (2,0 m); 8 e 44 (1,8 m); **Dia 25** — 6 e 51 (1,9 m) 19 e 21 (1,6 m).

O Candi Monza ofereceu 2 mil contos ao hoquista Fernando Adrião

LOURENÇO MARQUES, 23 — A projecção do extraordinário hoquista português Fernando Adrião — aquele que foi o melhor jogador do Mundo — é pretendido pelo Candi Monza que vai propor ao jogador o ingresso naquele clube oferecendo-lhe cerca de dois mil contos de «luvas», revela o jornal «A Tribuna»

Entretanto, a ficha do hoquista foi para Lisboa, a fim da Federação Portuguesa de Patinagem se pronunciar

CONTRATO DE TRABALHO DO «COMÉRCIO DE AUTOMÓVEIS E ACESSÓRIOS»

Com intervenções de interesse por parte de muitos dos 800 associados que assistiram, efectuou-se, na Casa do Alentejo, uma assembleia geral extraordinária da secção de actividade «Comércio de Automóveis e Acessórios», do Sindicato Nacional dos Profissionais de Escritório do Distrito de Lisboa, para apreciação e votação do clausulado do Contrato Colectivo de Trabalho a apresentar ao Grémio dos Importadores, Agentes e Vendedores de Automóveis e Acessórios do Sul.

Dado que a assembleia, presidida pelo sr. Fernando Vasconcelos Silva, entendeu discutir cada cláusula separadamente, a assembleia continuará dentro de dias.

PODERÃO SER 17 AS MULHERES IMPLICADAS NOS ROUBOS DE FARO

FARO, 23. — Embora as investigações prossigam em «segredo de justiça», é já possível calcular que atinja 17 o numero de mulheres implicadas na venda de artigos por elas roubados nos principais estabelecimentos de modas desta cidade, onde eram empregadas.

O volume dos furtos é importantíssimo mas não é possível, por enquanto, calcular o seu valor total. De qualquer modo, sabe-se que se eleva a centenas de contos

Segundo se encontra já apurado, as mulheres actuavam como uma autêntica quadrilha, pois os roubos de umas eram guardados pelas outras e depois vendidos como contrabando. Por outro lado, foi montada uma «boutique» na raia espanhola, aparentemente para dar a impressão de que os artigos á venda eram autêntico contrabando.

O ministro da Educação visita (durante dois dias) Vila Real, Régua e Chaves

VILA REAL, 23 — O ministro da Educação Nacional iniciou hoje, nesta cidade, uma visita oficial de dois dias a Vila Real, Régua e Chaves.

De tarde o prof. Veiga Simão reuniu-se na Escola Industrial e Comercial com os professores do ensino secundário e do magistério primário. Em seguida, o ministro reuniu-se com os presidentes da Camara e autoridades escolares do distrito.

Amanhã, aquele membro do Governo presidirá, cerca das 10 horas, a uma sessão na Camara Municipal de Régua, e visitará a Escola Tecnica e a secção liceal daquela cidade. Após o almoço, na Casa do Douro, na Régua, o ministro Veiga Simão parte para Chaves, onde descerrará uma lápida na Escola Industrial e Comercial e se reunirá com os professores do ensino secundário. Ao fim da tarde, haverá um acto de variedades pela Academia e o ministro partirá para o Porto.

Operações de Bolsa
BANCO DO ALENTEJO

O CHEFE DO ESTADO VISITA A ESCOLA AVÉ-MARIA

O Chefe do Estado preside amanhã, pelas 11 horas, na Escola Avé-Maria, a uma sessão comemorativa do 25.º aniversário daquele estabelecimento de ensino, durante a qual será prestada homenagem á sua directora e fundadora, sr.ª D. Maria Alexandra Ranito de Almeida Euséblo.

COZINHA VELHA
QUELUZ — TELEFONE 950232

Informamos os nossos Ex.mos Clientes que amanhã, sábado, dia 24, as nossas «SALAS» e o «TERRAÇO» se encontram totalmente reservados para um LANCHE DE CASAMENTO, não nos sendo possivel servir os nossos habituais Almoços, Chás e Jantares.

A DIRECÇAO

Nos restantes dias, agradecemos que a resreva de mesas para os Jantares sejam feitas até ás 19 horas.

CASA HAVANEZA
Largo do Chiado, 25
LISBOA

DECORADA DE NOVO
REABRE AO PÚBLICO EM 24 DO CORRENTE

PARIS E LONDRES
SALÕES DO AUTOMÓVEL
(Reportagem de Avelãs Coelho e Philippe Toussaint)

motor

SAIU HOJE

AINDA NESTA EDIÇÃO:

- LISBOA «PERDEU» O RALLYE DE MONTE CARLO (Augusto Vilela)
- MOTOCROSS EM AGUEDA (Maria do Céu)
- ESTILISMO (Pina da Silva)
- KARTING — AS «3 HORAS DE LISBOA» (Herlânder Garcia) E UM COMPLETO NOTICIÁRIO SOBRE A ACTUALIDADE DO MUNDO AUTOMÓVEL

48 PÁGINAS 2$50

A SITUAÇÃO NA REGIÃO DEMARCADA DOS VINHOS VERDES

Os intelectuais e o povo ignoram-se mùtuamente

ENTREVISTA COM O DR. ARMANDO DE CASTRO

Dr. Armando de Castro — um sétimo do salário

O aumento súbito de produção de vinhos verdes e o seu reflexo no trabalho colectivo que na região decorre, insere-se na linha de preocupações a que o «Diário de Lisboa» tem ultimamente atendido. «Mesa-Redonda» entrevistou no Porto, o investigador Dr. Armando de Castro, submetendo-lhe algumas questões prévias, sobre o desconhecimento, mais ou menos generalizado, dos problemas dos camponeses da região. O divórcio intelectuais-povo, o desconhecimento dos problemas dos trabalhadores por inexistência de informações, a importância do Censo de 1970 no encontro de novos dados e a urgência dum estudo sério sobre a situação foram alguns dos pontos abordados.

— Quais são, nesta altura e de um modo geral, as condições de trabalho (e do trabalhador rural) na região dos vinhos verdes?

— Sòmente uma investigação «in loco», inquirindo da actual situação (situação que aliás devido aos fortes movimentos migratórios que atingem a região particularmente desde meados da década de «60» se modifica com uma relativa rapidez) permitiria trazer uma informação concreta, real e viva, acerca das condições dos trabalhadores rurais na Região Demarcada objecto do estudo.

— Mas, não há elementos, digamos que oficiais, que nos permitam fazer uma ideia do problema?

— Não disponho desses elementos de informação, motivo pelo qual tenho de me abster de tecer considerações que mais não seriam de que discretear em abstracto, um discretear «teórico» no sentido popular e pejorativo da palavra, quer dizer, estender um coniunto de considerações de costas voltadas para a «vida vivida», uma cadeia de raciocínios de base livresca e pedante, em vez de trazer qualquer ajuda á compreensão dos sérios problemas postos.

— Parece levantar a questão do divórcio entre o «intelectual» e o trabalhador...

— E lamento sinceramente que assim suceda. Se aproveito a oportunidade para estas considerações é porque desejaria sublinhar uma vez mais a trágica dicotomia reinante no nosso País entre os intelectuais e estudiosos dum lado e, do outro, o povo trabalhador: ignoram-se mutuamente, o que só é prejudicial a todos e antes de mais nada aos próprios intelectuais e estudiosos que só podem vivificar a sua intervenção se mergulharem as raizes na realidade nacional directa e concreta. Estão por isso impossibilitados de conhecer o «país real» e de trazer a sua contribuição teórica á definição e resolução dos seus problemas, ao passo que a população trabalhadora não poderá em tais condições aproveitar da sua ajuda.

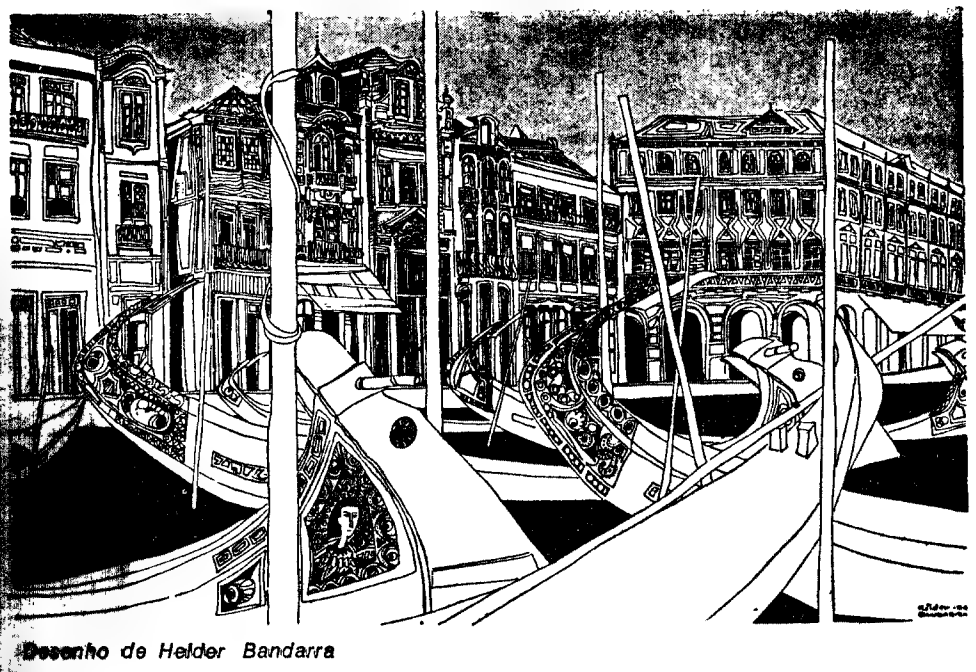
Esta observação tem um tal interesse que suponho que apenas para a vincar mais uma vez (pois outros estudiosos a têm apontado, com toda a razão) já teria valido a pena aproveitar o momento para a avançar.

Posto isto, poderia, quando muito, afirmar aquilo que uma experiência extremamente limitada e um conhecimento dos indicadores económicos e sociais existentes — não obstante serem muito genéricos — dão a entender.

— Fale-nos desses indicadores gerais.

— Por um lado estou convencido de que a indis-

Cont. na pág. 4



Desenho de Helder Bandarra

Aveiro prepara o congresso de cinema amador

(Ler artigo polémico na pág. 5)

- ***Debate sobre a reforma de Económicas e Financeiras***

(Pág. central)

- ***Polémica acerca da linha do Vale do Vouga***

(Pág. 9)

- ***Desacertos inexplicáveis no negócio da batata***

(Pág. 12)

Inquérito

Para quando o regime de 40 horas?

Já tivemos ocasião de abordar nestas páginas o problema da duração do trabalho em Portugal. O assunto volta a ter oportunidade agora que o governo enviou á Câmara Corporativa um projecto de lei sobre o regime de duração do trabalho em que estabelece como limite as 8 horas diárias e as 48 horas semanais.

Ainda em 1848, especialistas como Ducpétiaux e Visscheres publicaram um relatório sociológico, «Sobre a condição da classe operária e sobre o trabalho das crianças», no qual se analisavam as condições de trabalho na Bélgica e se propunha ao governo a redução de trabalho a 12h e 30 por dia, a limitação da duração de trabalho das crianças de 14 a 18 anos para as 10h e 30 e das crianças de 10 a 14 anos para as 6h e 30 e ainda a proibição do trabalho ao domingo e nocturno para os jovens até 18 anos. Entre nós, ainda no final do século XIX, o dia de trabalho chegava a atingir as 16 e 18 horas sem que as autoridades se preocupassem em agir nestes casos tão frequentes. Em 1919 apareceu a nossa lei das 8 horas de trabalho mas, no entanto, ontem como hoje, uma grande distância separa a escrita da prática.

O que se pretende agora é precisamente tornar real a efectivação das 8 horas diárias de trabalho e das 48 horas semanais, tal como fora exigido pela Conferência Geral da Organização Internacional de Trabalho em Washington a 25 de Outubro de 1919. Mas se se reconhece neste projecto de lei a vantagem fisiológica e psicológica de não se ultrapassarem as 8 horas diárias, abre-se a porta a um largo exceder deste limite através da semana-inglesa e semana americana. Ora, sendo a semana-inglesa e sobretudo a americana um direito, especificamente, humano não se compreende que tenha de ser «conquistado» á custa de dias sobrecarregados, nos quais se arrisca a saude (e portanto a produtividade...) do trabalhador.

O progresso da industrialização, o ritmo do processo técnico e as exigências sociais têm continuamente pressionado a diminuição da duração do trabalho. O não reconhecimento, a não condução firme de esforços para uma mais vasta conquista do tempo livre, liga-se a uma ideia falsa do significado de tempo livre ou ócio.

Que a decisão adoptada na 46.ª sessão da Conferência Internacional do Trabalho, realizada em Junho de 1962, segundo a qual se deverá encetar, em cada Estado, toda uma política conduzida para as quarenta horas semanais, se torne uma realidade em Portugal, foi o desejo expresso por todos aqueles que contactámos na rua.

A diminuição da duração de trabalho é um direito que os trabalhadores devem conquistar forçando o espírito da lei, na certeza de que estarão também por essa via a conquistar o reconhecimento da sua dignidade de homens.

(Ler inquérito na pág. 3)

ASSIM VAMOS NÓS

Domésticas

Embora visando, evidentemente, os seus próprios interesses, não deixa de ser positivo que um jornal de uma Compunhia de Seguros chame a atenção para o seguro de domésticas. Classe desprotegida em diversos aspectos, o facto dos patrões colocarem as suas empregadas no seguro, é um dos mínimos que devem reclamar. E nem seque sai dispendioso: uma empregada doméstica recebendo 600$00 mensais (uma remuneração altamente compensadora nos tempos que correm...) e que esteja segura por 300$00, poderá em caso de determinados acidentes, custar aos patrões cerca de 50 contos. Isto é muito positivo, como diziamos. Mas não seria bem mais importante que tornassem o regime de Previdência extensivo a esta classe, se estabelecesse o seu horário de trabalho e se cuidasse da sua sindicalização?

Moçambique

Continua a tendência para um agravamento, que já há alguns meses se vem verificando na balança de pagamentos de Moçambique. Assim, enquanto nos primeiros cinco meses de 1969 se registara um saldo negativo de 738 515 contos, em igual período deste ano este saldo elevou-se a 790 278 contos Este saldo é proveniente de saldos negativos elevados nas transacções com a Zona do Escudo e nas transacções com o estrangeiro.

Participação

Vai a APDCP promover, no próximo mês, o o IV Encontro Nacional dos Directores e Chefes do Pessoal, no qual será fundamentalmente abordado o problema da participação do pessoal na empresa. Neste encontro, que decorrerá de 5 a 7 de Novembro, procurar-se-á, por um lado, diagnosticar a situação actual do pessoal face á participação na gestão empresarial e, por outro, avaliar as perspectivas de evolução nesse sentido.

Entre os temas discutidos, ressaltamos: «Definição e Conceitos de Participação», «A Participação na Gestão de Empresa». «A Participação do Pessoal na Gestão dos Problemas Humanos da Empresa», «Produtividade, Lucro e Participação» e «A Participação como Factor de Reformas de Estruturas, de Desenvolvimento e de Progresso na Europa».

No programa deste Encontro, afirma-se que se pretende analisar as perspectivas de integração do trabalhador na gestão da empresa, através dos múltiplos ângulos que envolve, e expressa-se a intenção firme de não tornar este objectivo «um slogan de significado ambíguo, conteúdo movediço e objectivo impreciso». Em função destes propósitos, não podemos deixar de nos admirar com o facto de o valor da inscrição para não-sócios da A.P.D.C.P. atingir os 900$00. Parece-nos que esta limitação irá impedir «o homem do pessoal» de participar nos trabalhos que o visam directamente, e daí que a discussão se ressinta, apresentando apenas um dos pontos de vista.

Quando a participação começa a ser restringida, logo á partida, poucas esperanças há que ter quanto ao futuro...

Supermercados

A organização internacional de supermercados «Pão de Açúcar» está a estudar projectar uma rede de supermercados em Angola e Moçambique. Os supermercados «Pão de Açúcar» parecem, portanto, estar a tentar cobrir os principais centros de consumo portugueses. A centralização da distribuição do consumo parece obrigar á criação de associações de consumidores nos diversos polos de distribuição. A monopolização a que corresponde as diversas redes de supermecados obriga a um correspondente esforço de controle.

Exemplo

O planeamento não cria a coordenação, limita-se a facilitá-la.

Esta é uma das teses do pequeno artigo «Valem a pena os planos?», publicado na página de Economia e Finanças do «Diário de Notícias» de 13 do corrente.

A certo ponto, o autor exemplifica: «O planeamento, apenas por si, não foi capaz, entre nós, de suscitar uma eficaz coordenação entre os departamentos oficiais encarregados da política económica e da política financeira. Tal coordenação foi ensaiada com a nomeação, há cerca de ano e meio, de um único ministro para as pastas das Finanças e da Economia; e teria, até, o maior interesse conhecerem-se, de fonte autorizada, os resultados — ainda que provisórios — desta experiência, na qual se depositaram tantas esperanças».

ASSIM VAI O MUNDO

Prudência

No princípio do mês, oitenta estudantes armados ocuparam as instalações administrativas da Universidade de Santiago, o que provocou a intervenção da polícia. Esta acção foi empreendida pelo M. I. R., o movimento que logo após a vitória de Allende se proclamou vigilante revolucionário do comportamento da Universidade Popular.

Porta-vozes de Allende denunciaram essa acção como nefasta para a esquerda chilena, acusando o leader do M. I. R., Victor Toro, de ser um homem das direitas encarregado de criar dificuldades ao futuro Governo.

No passado dia 12, Salvador Allende, falando numa sessão da Universidade Popular, aconselhou os trabalhadores a mostrarem-se «responsáveis». «Os trabalhadores devem defender firmemente os seus direitos, mas ser prudentes no uso do direito de greve».

Nem... Nem

Há um processo peruano em curso que ninguém pode saber com rigor aonde levará. Em 3 de Outubro, ao comemorar o 2.º aniversário do seu governo o general Velasco Alvarado reconheceu «a necessidade absoluta de o povo peruano participar no processo revolucionário». Uma das características do reformismo peruano reside em as medidas antioligárquicas serem levadas a efeito sem a participação popular.

Mas — advertiu a seguir o general — «há grupos de extrema-esquerda que fazem objectivamente o jogo da reacção» (...) «crêem que a nossa revolução servirá de antecâmara a um outro tipo de revolução que eles consideram a única verdadeira».

Mais adiante, Alvarado repetiu novamente a definição da «revolução peruana»: «Trata-se de uma revolução nacionalista e popular, cuja vocação profunda é humanista e libertadora. A sociedade que estamos a construir não será capitalista nem comunista».

Bolívia

É oportuno lembrar o estado económico-social em que se encontra a Bolívia.

As terras baixas, que são férteis, estão despovoadas e pouco exploradas.

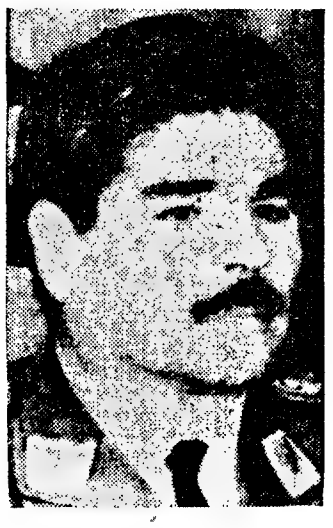
Dois terços da população concentram-se no Altiplano desértico, subsistindo de uma agricultura débil e da criação de lamas. O rendimento «per capita» é o mais baixo da América Latina com excepção do Haiti. O analfabetismo chega a 70 por cento, e só metade das crianças vai á escola.

No Altiplano, a vida em média não ultrapassa os 32 anos. Os 10 por cento de brancos da população açambarcam praticamente toda a riqueza do país.

A Bolívia não chega a contar com mil médicos, sendo a sua população aproximadamente de cinco milhões de habitantes.

Democrático-Nacional

«É preciso notar que os militares liberais são claramente minoritários no Exército boliviano. Foi a aliança com as organizações universitárias e a Confederação operária, e não o numero de tanques que permitiu ao general Torres dominar a situação» (Marcel Niedergang).



A face disto podia pensar-se num desequilíbrio para a esquerda da aliança no poder. Mas os factos mostram que não é assim. Philippe Labreveux, correspondente do «Monde» em La Paz, transmitiu ao seu jornal no dia 12: «O general Torres rejeita as reivindicações das forças populares». E compreende-se que as rejeite, primeiro — dada «a ausência de unidade das forças populares» (Philippe Labreveux), segundo — porque a ideologia de Juan José Torres não vai além de um nacionalismo anti-imperialista. «Na Bolívia não há burguesia nacional e a classe trabalhadora não está sólidamente constituída como motor da revolução, e assim as forças armadas têm que representar temporáriamente o seu papel» (Torres, 28 de Janeiro de 1970). É claramente a posição da Junta Peruana.

Mas, por um lado a classe operária boliviana tem largas tradições revolucionárias (1936, 1944, 1952), e por outro a Bolívia é muito diferente, do ponto de vista do desenvolvimento económico-social, do Peru. O que uma governação democrático-nacional tem a fazer na Bolívia não parece que seja muito.

Rurais

Realizou-se tempos [illegible] Congresso Mundial da [illegible] ção Internacional dos [illegible] tos Cristãos dos Operários Agrícolas, que teve lugar em Roma, nas salas da F. A. O. Participaram mais de cem dirigentes nacionais, entre os quais vários asiáticos e latino-americanos. Principais acordos adoptados pelo Congresso:

— Criar uma verdadeira Federação Camponesa mundial, agrupando os trabalhadores agrícolas assalariados da Europa, da América Latina, da Ásia e da Africa; todos os camponeses do Terceiro Mundo que se encontrem, pela sua situação social e económica, nas mesmas condições que os assalariados.

Foi igualmente decidido transformar o nome «Federação Internacional dos Sindicatos Cristãos dos Operários Agrícolas em «Federação Internacional dos Sindicatos dos Operários Agrícolas».

Açúcar

Rádio Havana anunciou que a colheita de açúcar deste ano atingiu 8,5 milhões de toneladas. Este valor foi o máximo atingido até agora.

inquerito

Quantas horas trabalha por semana?

Aldina Herculano Neves

E JUSTO TRABALHAR TANTAS HORAS?

Aldina Herculano Neves é operária não especializada na fábrica Luso-Belga. Interrogada sobre o problema do horário de trabalho, disse-nos:

— O meu horário normal é de nove horas e meia. Pego ás 8 horas e largo ás dezoito e trinta, com uma hora para almoço. Chego a casa e ainda tenho muitas horas de labuta á minha frente. Tenho uma menina de 5 anos que tive de pôr na escola infantil. Não tinha quem me ficasse com ela e depois da escola, apesar de muito cara sempre arranjo e estou descansada. O pior é que do ordenado é que sai. Tenho dois rapazes hospedados cá em casa e tenho de lhes tratar de tudo. Sempre é mais alguma coisinha que vem. Agora tive de aceitar as horas extraordinárias e actualmente estou com um horário de onze horas diárias. Demoro nos trajectos para o emprego cerca de meia hora. Por isso não me pergunte pelos meus tempos livres. Não sei o que isso é. Tenho sábado todo livre, costumo eu dizer sem pensar sequer no que significa livre. Não trabalho ao sábado pois bem dei durante a semana a compensação. Mas passo o fim de semana a tratar de roupas, da casa. Eu só pergunto: é justo trabalhar tantas horas? Se realmente forem para um regime mais brando, (eu nem li no jornal não ouvi nada e a ser sincera não acredito muito) acho muito bem.

ONDE ESTÁ O NOSSO TEMPO DE VIDA?

Uma jovem empregada na industria de vestuário na fábrica Melka advertiu-nos:

— Parece-me que não se trata só de se modificar o horário de trabalho mas de nos prevenirmos não vá essa diminuição trazer ainda um maior aumento do ritmo de trabalho. Por vezes pensa-se que numa determinada industria se trabalha menor numero de horas e não se atenta que essas seis horas, por exemplo, correspondem quase ao dobro por causa do ritmo de produção a que somos sujeitas. No nosso caso temos um horário de trabalho pesado e ainda por cima temos um mínimo de produção (que é tudo menos mínimo), ao qaul temos de corresponder. Nove horas de trabalho diárias e as manhãs de sábado, percursos no meu caso e em tantos outros, coisas a fazer em casa (não somos sempre nós as mulheres que temos a obrigação de fazer tudo?), eu não sei onde está o nosso tempo de vida. Sim porque se para alguns muito poucos, o tempo de trabalho é tempo de vida, não acontece connosco. Qualquer modificação só será aceitável se estabelecer as oito horas diárias com semana americana ou sempre que necessário trabalho ao sábado mas sem exceder as quarenta horas de trabalho.

Ana Maria da Silva Dias

A APREGOADA SEMANA AMERICANA

Fernando Assunção Fernandes, empregado na Bantista Russo e Irmão, tem um horário estabelecido um pouco complicado:

— Olhe, de segunda a quinta trabalho das 8 horas ás 18,30 horas e á sexta-feira trabalho das 8 horas até ás 19. Este horário assim distribuído é para ter a semana americana, mas é escusado dizer que a apregoada semana americana não quer de nenhum modo dizer diminuição de horário de trabalho. A mim e a tantos colegas meus também jovens calhava particularmente bem uma diminuição do tempo de trabalho. Estudo á noite, por isso até saio normalmente meia hora mais cedo. A escola fica aqui mesmo em Moscavide mas nunca perco menos de meia hora para lá chegar. As aulas acabam tarde, como é que tenho tempo para estudar? E depois também não tenho quase tempo livre. As horas que me sobram são para passear e sobretudo namorar. Olhe agora vou ter com a minha namorada que está na paragem de autocarro, quer vir?

Fernando Assunção Fernandes

Lá fomos ao encontro de uma jovenzinha, Ana Maria da Silva Dias, operária na Fapae:

— Também trabalho 9 horas diárias e que não é pouco. E estudo também á noite, tenho grande vontade de continuar mas o problema é sempre o mesmo, falta de tempo. As oito horas diárias, mantendo a semana inglesa é que nos vinha mesmo a calhar.

DE PROMESSAS ESTÁ O MUNDO CHEIO...

Alberto Fernandes Custódio, operário há 30 anos na Sociedade Nacional de Fósforos, que fomos encontrar na pausa do almoço com alguns camaradas, disse-nos:

— Trabalhamos oito horas e meia diáriamente e á segunda-feira nove horas. Embora o horário estabelecido seja de oito horas, fazem assim para nos darem a semana inglesa. Há já algum tempo, estabelecemos conversações para chegarmos a acordo acerca da semana americana, foi-nos prometida uma solução mas de promessas está o mundo cheio e até á data nada se resolveu. Ao sábado trabalhamos cinco horas e almoçamos na fábrica Nós pediamos o sábado integral e como não nos davam já almoço, isso revertia a favor deles.

Eu moro em Rio de Mouro, levo pelo menos duas horas de transporte, aqui este meu colega, que mora no Albarraque, ainda demora muito mais e gasta vinte e tal escudos por dia Os transportes estão cada vez piores. Vejo as mulheres chegarem aí pela manhã com os filhos nos braços, carregadas desde casa, coitadas, ás vezes passa das oito e nem sempre o guarda as pode deixar passar. E ainda por cima falam em que vai acabar a creche e o recreio que temos cá. Eu não acredito que o Estado deixe assim acabar uma obra social.

Alberto Fernandes Custódio

NÃO ÀS 12 HORAS DE TRABALHO

Na praça de táxis do Aeroporto, um momento de descanso, de conversa amena entre os motoristas. Abordámos o sr. Francisco Faria das Neves, há oito anos motorista de táxi:

— Já que agora se fala em proposta de lei sobre a redução de trabalho, acho muito bem que venham falar connosco. Em nenhuma parte do mundo se exercem as doze horas de trabalho como acontece na nossa classe. Temos efectuado umas reuniões no nosso Sindicato a fim de estudarmos o assunto mas até agora nada está resolvido. Moro na Amadora e normalmente levo uma hora de percurso, mas ainda esta semana me aconteceu que o autocarro onde eu ia demorou só a atravessar os três quilómetros da estrada de Benfica mais de uma hora. Eu que tinha largado ás 20 horas cheguei a casa ás 22. Que tempo é que me sobra para estar com a família e que disposição tenho depois destas 12 horas de trabalho mais o tempo perdido nos transportes?

Um motorista que se encontrava no circulo que nos rodeava atentamente, intrometeu-se de modo agastado:

— O que realmente acontece é que eles nem sequer chegam a trabalhar oito horas. Eu bem sei como é: estão para pegar ás seis da manhã e são oito horas e ainda não chegaram. E além disso têm duas horas para almoço.

A onda de protestos que se levantou foi tão animada que tivemos dificuldade em entender todos os argumentos aceses.

— Quem é que tem 2 horas para almoço? Só se forem vocês que não têm ao fim do dia de entregar a folha de serviços.

— Pudera, és empregado de ti próprio!

— Por isso é que vocês compram direitos de setecentos e tal contos.

O nosso entrevistado, o sr. Custódio, apenas disse com toda a sua boa calma de alentejano:

—O que me interessa é que oficialmente nós temos doze horas de trabalho. Não temos nada com o que acontece na sua garagem. Na minha terra diz-se que quando um burro está a falar, o outro baixa as orelhas...

E deixando atrás de nós uma polémica acesa, retiramo-nos para a redacção a passar ao papel o que ouvimos ao acaso na rua...

Francisco Faria das Neves

HELENA NEVES

ESCLARECIMENTO

Experiência sobre iniciação moderna da matemática

Recebemos da senhora D. Lucinda Atalaia, directora do Jardim-Infantil Pestalozzi, um esclarecimento ás suas declarações sobre o ensino infantil em Portugal, publicadas no último número do nosso suplemento. A senhora D. Lucinda Atalaia considera que as suas palavras não foram convenientemente compreendidas no que respeita á experiência sobre iniciação moderna da Matemática, ora em curso pelo Centro de Investigação Pedagógica da Fundação Gulbenkian. Porque naturalmente nada temos quanto á divulgação do pensamento daquela educadora acerca da referida experiência é com todo o gosto que passamos a transcrever o texto que nos remeteu:

«O Centro de Investigação Pedagógica da Fundação Gulbenkian tem em curso uma experiência sobre iniciação moderna da matemática ao nível do ensino primário, num número muito restrito de classes, como é evidente, visto tratar-se de uma experiência. Claro que só o próprio Centro poderá enunciar os seus objectivos. É de crer, entretanto, que, a seu tempo, virá a informar sobre um ou alguns dos caminhos que se podem seguir na iniciação da matemática em Portugal. Assim, o trabalho levado a cabo por uma equipa especializada é, em minha opinião, do maior interesse para o País.

Quanto à forma ou formas pelas quais a experiência virá a ser aproveitada no futuro, não estou em posição de o saber.

Acerca da inclusão de uma nova técnica de ensino da matemática ou de qualquer outra matéria num esquema de ensino dito «tradicional», não me parece que faça piorar este. Penso que para os professores profundamente interessados na promoção do ensino, o conhecimento e a prática de novas técnicas pode facilitar-lhes a integração no espírito de uma pedagogia renovada».

Situação e perspectivas dos trabalhadores rurais

Cont. da pág. 1

curtos dos salários nominais no campo verificada há uns anos não deve permitir-nos exagerar a situação dos trabalhadores na Zona Demarcada do Vinhos Verdes, não obstante origina dificuldades as pequenas e médias explorações surpreendidas por um concorrencionalismo técnico-económico muito precário, tazendo assim pesar o custo da mão-de-obra no equilíbrio da exploração, tanto mais que, de harmonia com as conclusões dum estudo de há uns dois anos, na região do Minho e do Douro Litoral, a percentagem do custo da mão-de-obra no custo total da produção a desde 19 até 76% do total, predominando taxas da ordem de 30 a 50%; é que, efectivamente, todas as indicações disponíveis radicam a opinião de que as reais rarefacções mais ou menos localizadas ou regionais de mão-de-obra por causa duma migração maciça tanto para as zonas industriais como para o estrangeiro não impedem que reine um subemprego crónico para o pessoal assalariado. É pena que os índices oficiais do desemprego não nos ministrem informações a este respeito, visto incidirem predominantemente sobre as actividades de tipo industrial. Ora, para se compreender o teor efectivo de vida dos assalariados rurais seria indispensável multiplicar o montante dos salários que auferem pelo número de dias de trabalho efectivo. feito isto, o total deveria dividir-se pelos dias do ano (sem excluir domingos e feriados). — Assim se teria uma ideia dos rendimentos reais que haveria que confrontar com a evolução dos preços no consumo, os quais, como é sabido, tiveram um agravamento sensível em 1969; continuando a crescer no ano corrente em resultado do processo inflacionista que está desencadeado no nosso país.

— Tem melhorado, apesar de tudo, a situação dos trabalhadores do campo na região?

— Se tomarmos os números globais disponíveis excepto quanto a desemprego pois os dados do Fundo de Desenvolvimento da Mão-de-Obra incidem mais sobre a penúria sazonal de diversos tipos de trabalhadores em algumas fainas agrícolas do que pròpriamente sobre o grau de subemprego neste sector de trabalhadores) podemos antever a situação dos camponeses assalariados nesta região. É assim que, não obstante uma ligeira melhoria de posição desde 1950-1960, em 1964 a quota-parte do rendimento líquido da agricultura que cabia aos assalariados andava em torno de 27,2%, contra perto de 35% nas indústrias transformadoras, 61,2% nos bancos e seguros e dentro duma média geral da ordem de 44,3%, o que nos faz supôr que se situará hoje, dentro desta tendência, em torno duns 30% pouco mais ou menos. Por outro lado, o rendimento médio do assalariado agrícola andará em torno da quarta parte do rendimento doutras pessoas activas na agricultura.

— Qual a posição (mesmo que relativa) do trabalhador português face aos trabalhadores rurais dos países da E. F. T. A.?

— Da combinação do baixo nível de desenvolvimento técnico - económico agrário com as razões de distribuição intersectorial do rendimento desta actividade resultaria que há uns anos atrás (reportamo-nos a 1963 mas a posição relativa pouco se deve ter modificado em favor do trabalhador português do campo) o salário médio seria em média de um terço do existente então na Áustria, um quinto da Inglaterra e da Suíça e de um sétimo em confronto com o da Suécia.

— Podemos procurar aí a raiz da emigração maciça dos nossos trabalhadores do campo para os países industrializados?

— É sabido que se tem intensificado a fuga dos campos dirigindo-se a população em ritmo crescente para os centros industrializados ou para o estrangeiro (à roda de 70% desta corrente emigratória é fornecida pela população do campo), daí surgindo problemas sociais, económicos e humanos para a gente do campo que passa para a indústria; por isso compreende-se o interesse de saber qual a situação daqueles que saem da Zona Demarcada do Vinho Verde como parcela substancial do fluxo migratório para os centros industriais.

— Qual a importância do fenómeno, projectado num futuro mais ou menos próximo?

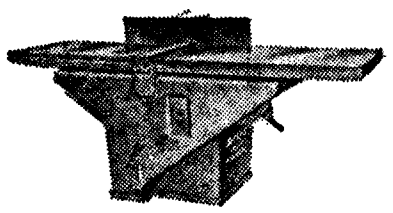
— Não temos dados numéricos que permitam apreciar a magnitude do fenómeno tanto na dimensão nacional como regional; sòmente o próximo Censo Populacional a realizar em Dezembro deste ano poderá lançar alguma luz sobre uma situação que indubitàvelmente está profundamente transformada em relação àquela que existia dez anos atrás, muito embora Como é igualmente claro que esta mão-de-obra tem de ser predominantemente uma mão-de-obra não-especializada, auferindo salários que portanto se situam na parte inferior da respectiva tabela geral.

Também temos de admitir a hipótese de que a tradicional situação dos agricultores — tanto proprietários de minifúndios como rendeiros, como ainda assalariados que tradicionalmente predominam no Norte, incluindo a região que se estuda aqui, caracterizada pela existência duma parcela muito vasta de gente com um pé na agricultura e outro no trabalho oficinal ou fabril, desdobrando a sua acção pela arroteia dum pedaço de terra e «jornas» de trabalho e o labor industrial contínuo ou intermitente, que tal situação se deve encontrar bastante reduzida; talvez que, em vez disso, caiba um papel mais importante a uma divisão familiar do trabalho, fazendo a mulher e os filhos mais pequenos as terras, enquanto os homens trabalham dentro dum raio de algumas dezenas de quilómetros (ou migraram para as cidades) em actividades de tipo industrial, desde a construção civil aos diversos sectores da indústria transformadora e outros.

Mas, claro, trata-se de meras hipóteses que só um inquérito sistemático poderá esclarecer. Averiguações que incidam sobre estas e tantas outras questões são duma urgência difícil de exagerar pois constituem um elemento de informação indispensável a fim de estabelecer os meios de orientação a partir da respectiva reelaboração teórica a fim de se poder realmente intervir, guiando assim aquela prática esclarecida sem a qual não podemos verdadeiramente tornar o nosso meio disponível para todos os portugueses.

Impossibilitados de conhecer o «País real»

«MIDA»



UMA FABRICA ALTAMENTE ESPECIALIZADA NO FABRICO DE MAQUINAS PARA AS INDÚSTRIAS DE:

- SERRAÇÃO
- CARPINTARIA
- MARCENARIA

GARLOPA
Mod. GA

Fábrica: — TROFA Tel. 94923/4/5

FILIAL EM LISBOA:
AV. DEFENSORES DE CHAVES, 3/A (TELEF. 44147)

TELEVISORES
DAS MELHORES MARCAS
DESDE
51 CMS. COM UHF ... ... 3.500$00
61 CMS. COM UHF ... ... 4.000$00
OFERTA DE ANTENA PARA OS 2 PROGRAMAS
GARANTIA DE 2 ANOS
...E A PRONTO SOMOS NÓS QUE MAIS BARATO VENDEMOS
JOVICA
LISBOA (Avenida 5 de Outubro, 53-C — Telef. 47769
(Largo de D. Estefânia, 12-D — Telef 534536
CACÉM — CASCAIS — SINTRA — VENDA NOVA

KONI

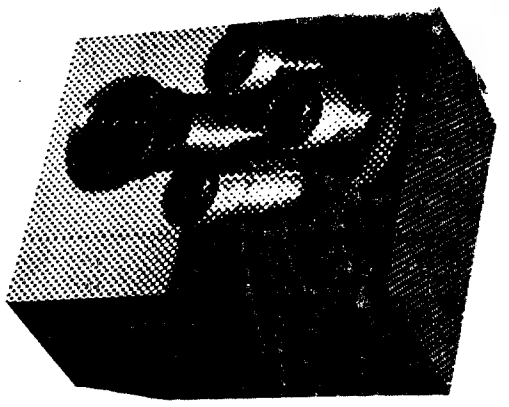
a chave da segurança
De um molho de chaves vulgares, destaca-se a mais importante.
KONI é realmente importante para si.
A sua segurança encontrou a chave certa.
Representante:
SOGERIM · SOCIEDADE GERAL DE IMPORTAÇÃO, LDA.
Av. António Augusto de Aguiar, 23-ABC · Lisboa
Telef. 560156

se é capaz de se barbear com gilete também sabe aparar o seu cabelo com a isitrime

PREÇO $0400 RECUSE IMITAÇÕES
COM 4 LÂMINAS PARA UM ANO
UMA SOLUÇÃO MODERNA PARA GENTE DO NOSSO TEMPO
TOLEDANA - ROSSIO 41 • TABACARIA CARAVELA - ROSSIO, 16 • PORFIRIOS CONTRASTE
TABACARIA PORTUGUESA - RUA AUGUSTA, 117 • SUPERMERCADOS MODELO
OU PEÇA A COBRANÇA ESCREVENDO UM SIMPLES POSTAL AO APARTADO Nº 5102 - LISBOA
é nova • é prática • é económica • é jovem

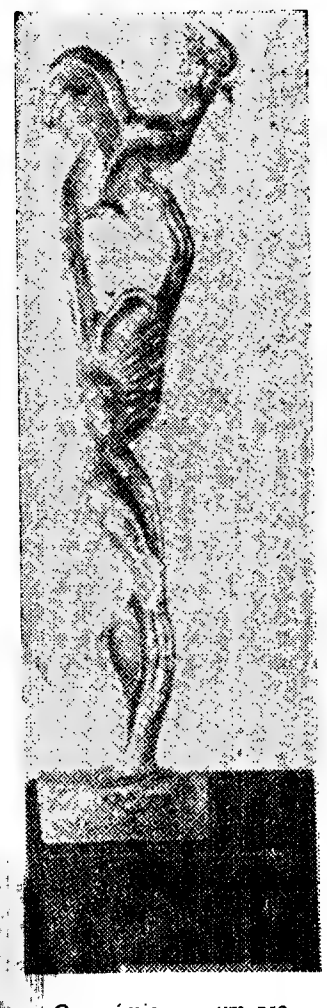
A PROPÓSITO DO I CONGRESSO NACIONAL A REALIZAR EM AVEIRO

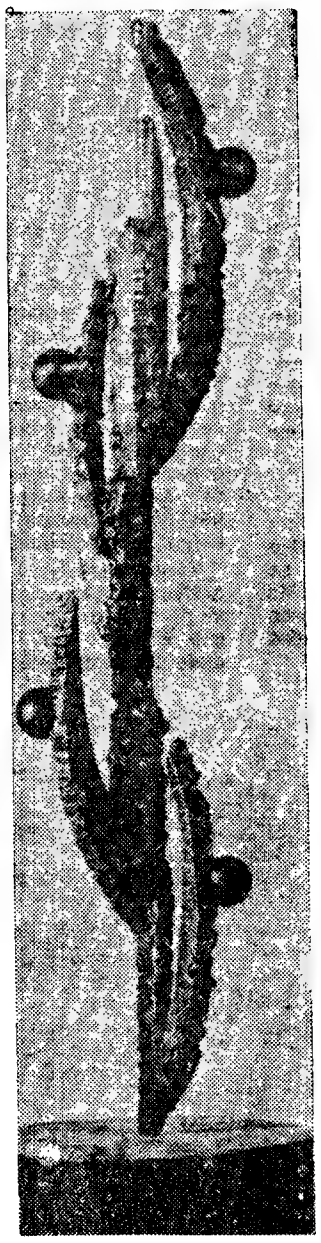
Valerá a pena fazer cinema amador?



O cine-amadorismo volta a ser tema em debate, com a realização, em Aveiro, do I Festival Mundial de Cinema Amador e do I Congresso Nacional de Cinema Amador, em organização simultânea do Clube dos Galitos.

Como os leitores habituais deste suplemento estarão recordados, já há meses que foi acesa a polémica em redor do assunto. Se esse facto demonstra o interesse e a





O «prémio» — um problema a discutir. «Não podemos esquecer que o filme amador é, na maior parte, feito em função da busca ao prémio em todos esses já miseráveis festivais...» M. Matos Barbosa (cineasta amador)

força intrínseca que o fenómeno do cinema «caseiro» pode adquirir entre nós, põe também em causa o caminho seguido até certa altura pela maioria dos cineastas amadores portugueses, e a sua propensão para os pequenos e múltiplos festivais onde pudessem brilhar os seus talentos em troca de uns tantos prémios e medalhas.

O que um grupo de jovens de Coimbra, meses atrás, veio pôr à consideração ds leitores de «Mesa-Redonda» foi, exactamente, a lógica e utilidade hipotética de semelhantes festivais. As suas opiniões foram contestadas. Tempos após, realizava-se o III Festival Nacional de Cinema Amador da Queima das Fitas da Universidade do Porto (Abril de 1970), onde de novo foi levantada a questão, em termos polémicos. Alguns filmes foram apupados, mormente quando os prémios vieram a público. Em 5 de Junho, «Mesa-Redonda» publicou o debate que, nessa altura, se travou na capital do Norte, e na qual dirigentes cineclubistas e críticos de cinema debatiam e contestavam a alegada inutilidade daquilo que na matéria se tem feito.

ARTE E DIVERSÃO

Alguns realizadores de cinema amador afirmam com certa frequência que a sua actividade nada tem a ver com o cineclubismo. Em princípio, está certo. Acontece, porém, que o fenómeno adquiriu importância e os cineclubistas, lógicamente interessados em tudo o que diz respeito ao cinema e na defesa dos seus valores humanos, assumiram uma posição crítica que proporcionou a abertura de novos horizontes para o debate. De resto já o malogrado Roberto Nobre, no seu último livro, reconhecia, com reticências normais, a importância do cinema amador em Portugal.

No catálogo do 1.º Festival Nacional de Aveiro (1967), dava-se já conta de um certame diferente na essência e nos seus fins: alargamento do júri a críticos de arte e de cinema, a sociólogos e cineclubistas. Nessa altura, e partindo de uma nota jornalística de Afonso Cautela, publicada em «República», desenrolou-se um debate geral nas páginas do semanário aveirense «Litoral» que terá sido a primeira e mais ampla posição crítica face ao cinema amador tornada pública até então. «*Se a arte não conhecida é como nada-morta, o festival quer criar cinema criando público; se também o cinema vive do estilo e o estilo nasce do ponto de vista, pelo que o artístico supondo o humano, deve ter as dimensões não apenas de quem o faz, mais ainda de quem o vê, o festival pretende originar mais arte provocando maior humanismo*» — afirmava-se na referida apresentação do I Festival Nacional de Aveiro. E logo a seguir: «*Acto de fé no cinema amador é, pois, em última palavra, o festival, liberto de peias burocráticas, pelo que deverá ser mais livre; desguarnecido de apoios técnicos, pelo que terá de ser mais criador, o cinema amador deve ser ele cinema por excelência*».

A PRÉ-SELECÇÃO

Outra tomada de posição crítica e esclarecida que merece realce nesta luta pela valorização humana de uma actividade que, sendo embora quase um feudo de ricos burgueses mais ou menos talentosos (há excepções...) equivale a um dispêndio razoável de dinheiros e divisas, verificou-se com o relatório do júri de pré-selecção do 1.º Festival Nacional de Cinema Amador organizado pela casa de pessoal de uma emoresa aveirense, em 1969.

«*Partiu o Júri do princípio de que um filme de amador a apresentar num festival tem, antes de mais, de constituir uma obra de arte. Mas, para tanto, não pode o cineasta limitar-se a repetir lugares-comuns de temas já ultrapassados ou vazios, muitas vezes desligados da realidade e do humano, reduzindo-se certos filmes uns, no pior dos casos, a meros exercícios tecnicistas, outros, a obras pouco válidas em que se cai um num puro formalismo ou num conteudismo frio. (...). Por outro lado, quanto ao frio conteudismo, lamenta o Júri que certos filmes, embora revelem uma procura de temas válidos que traduzem problemas do homem e da realidade, não cheguem a exprimi-los em arte, visto que esta exige uma unidade profunda entre a forma e o conteúdo*».

Posto isto, parece-nos que a tendência é para ver o problema em termos de utilidade, levando em linha de conta a realidade total da sociedade em que nos inserimos.

Discussão básica

Simultaneamente com o I Festival Mundial de Cinema de Amadores, a secção respectiva do Clube dos Galitos promove, em Aveiro, o I Congresso Nacional de Cinema Amador, tendo como tema principal «o cinema de Amadores e os Problemas do Mundo em que Vivemos». Esta iniciativa insere-se na linha a que damos realce: a discusão básica do cinema amador, seus deveres e efeitos na sociedade em que vivemos. Interessar o público pelo problema será a sua tarefa essencial. Desaburguesar a produção, contestar as torres de marfim, colocar os responsáveis perante o julgamento público, eis uma súmula dos efeitos salutares que a dupla iniciativa pode revestir. Os organizadores do Congresso prevêem também discussões em redor dos temas: teses e comunicações de carácter técnico, teses e comunicações de carácter estético e teses e comunicações referentes a organização. Como sugestões concernentes ao primeiro tema (o cinema de amadores e os problemas do mundo em que vivemos) destacamos: o cinema de madores e a luta do homem pela sobrevivência; o cinema de amadores e a crise entre as diferentes gerações; a necessidade de equacionar uma forma válida com um conteúdo significativo; a recolha de valores do nosso artesanato e do nosos folclore — trabalho, os costumes, a tradição; o cinema de amadores como expressão dos «direitos do homem».

O Congresso realiza-se nos dias 24 e 25 do corrente.

O FESTIVAL MUNDIAL

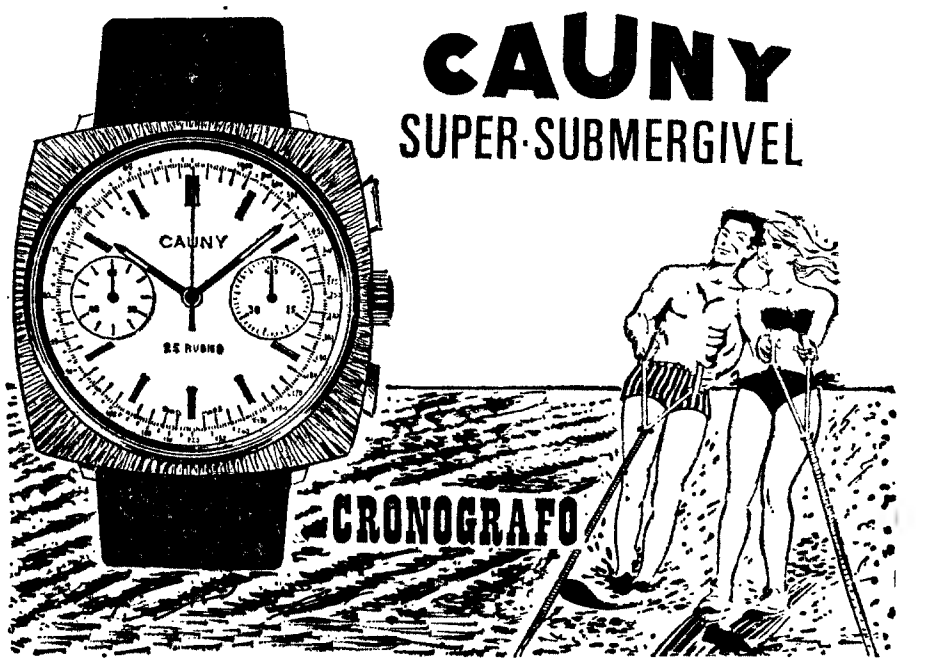
Vale ou não vale a pena os amadores fazerem cinema? Para quem o fazem? É para consumo privado ou para exibição pública? A verdade é que o cineasta amador goza de certas prerrogativas e facilidades que têm necessàriamente, de o responsabilizar conscientemente. Por isso achamos útil transcrever as «Palavras Necessárias» que apresentam o catálogo do I Festival Mundial de Aveiro, a iniciar dentro de dias:

«*Já vai sendo tempo de se afirmar que ao cineasta amador incumbe, hoje, mais do que nunca, assumir uma posição deliberadamente concreta perante a Vida, como perante a Arte, tomadas estas no seu verdadeiro sentido de pensamento e acção, como na sua contextura, aparentemente difícil, de forma e conteúdo.*

Olhando o já vasto panorama de Cinema de Amadores em Portugal, onde algumas vezes têm surgido filmes de vincada posição, no plano da qualidade estética, da dignidade humana e da eficácia social, mas onde principalmente se tem dado a ver muitas fitas de contínua imitação às gratuidades de todos os tempos e de todas as artes, anetece desejar para este I Festival Internacional de Cinema de Amadores em Aveiro um futuro melhor.

Com efeito, salvo raríssimas excepções, o cinema de amadores vive, hoje, entre nós um ex-

Cont. na pág. 11



AUTO-MONUMENTAL DO AREEIRO, SARL
AGENTE OFICIAL DO DISTRITO DE LISBOA
VOLKSWAGEN
AV. PADRE MANUEL DA NOBREGA, 8, 8C e 8D
(AO AREEIROITELEFS.727654-727665-713057

Carros e furgonetas amplas facilidades de pagamento. peças legítimas estação de serviço e oficinas

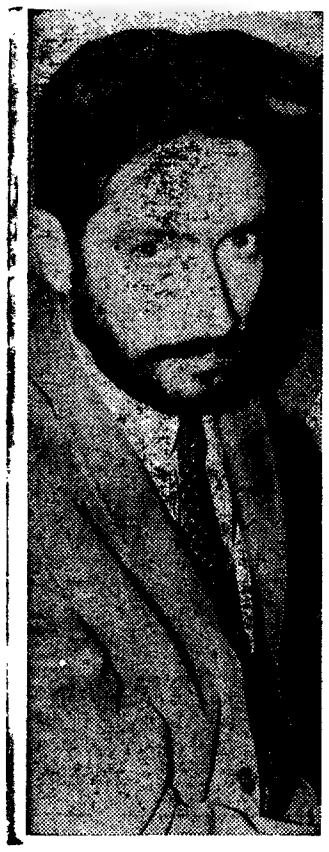
A reforma de Económicas e F

Mesa-redonda em que tomaram parte os drs. Carlos Carvalhas, Eduardo Catroga, Monteiro Alves e Sérgio Ribeiro e os estudantes Eduardo Ferro (4.º ano) e Júlio Dias (5.º ano). Helena Neves interveio como moderadora.

A reforma de Económicas e Financeiras reveste, na actual situação portuguesa, o valor de um símbolo na tão necessária revisão da estrutura universitária. Daí considerarmos de particular interesse o debate que a seguir se publica.

HELENA NEVES — A 4 de Setembro deste ano, por despacho do Ministério da Educação, foi alterado o plano de estudos, datado de Outubro de 1949, referente ao Instituto Superior de Ciências Económicas e Financeiras.

As relações existentes entre a Universidade e a sociedade, particularizam-se especialmente em Económicas, cujo pessoal discente constitui potencialmente os quadros que irão satisfazer uma procura cada vez mais intensificada por necessidades objectivas da estrutura socioeconómica.



Sérgio Ribeiro

Portanto, este despacho, com base na proposta do Conselho Escolar, ultrapassa o âmbito universitário para se inserir numa perspectiva socioeconómica. Gostaria que se debruçassem sobre este aspecto e esclarecessem o tipo de preocupações que impulsionaram a reforma (se é que se lhe pode chamar assim) e até que ponto essas preocupações limitam ou excedem o quadro meramente pedagógico.

APENAS O INÍCIO DE UM PROCESSO

EDUARDO CATROGA — Em primeiro lugar, diga-se que as modificações introduzidas no «curriculum» do Instituto não constituem uma reforma, mas apenas o início de um processo que há-de naturalmente levar à reforma do I. S. C. E. F., depois de amplo debate entre professores, alunos e licenciados.

Então, porquê o conjunto de adaptações que se realizou? A última reforma de fundo, como disse, teve lugar em 1949 e entretanto o desenvolvimento científico e técnico das matérias ensinadas no I. S. C. E. F. foi tal que o plano de estudos estava em boa parte desactualizado.

Por outro lado, pode dizer-se que a estrutura atingiu o *ponto de ruptura*, como ficou demonstrado com as crises dos últimos anos, nomeadamente com a do ano passado.

Havia, portanto, que realizar um esforço urgente de renovação e de dar satisfação a críticas pertinentes vindas de todos os lados, muito especialmente dos alunos.

É neste contexto que eu vejo a tomada de um conjunto de medidas que visam uma modernização da organização do I. S. C. E. F. e uma adequação do seu plano de estudos à realidade da profissão do economista.

Quanto à orientação das alterações, ela foi no sentido de uma maior especialização; o curso de Economia ficou devidamente voltado para a macro-economia, ao mesmo tempo que se deu o primeiro passo no sentido de o curso de Finanças se transformar numa verdadeira licenciatura em Administração de Empresas.

A SUPERESTRUTURA UNIVERSITÁRIA DESACTUALIZADA PERANTE AS EXIGÊNCIAS ACTUAIS DA ECONOMIA PORTUGUESA

JÚLIO DIAS — Podemos analisar a reforma sobre dois aspectos. Primeiro, a reforma como resposta a determinadas exigências actuais da economia portuguesa; segundo, a reforma como reacção das autoridades académicas a um processo desenvolvido pelos estudantes no ano passado.

Cingir-me-ei ao primeiro aspecto. A actual fase de aceleração do processo de industrialização do País, em ordem à economia portuguesa responder aos desafios da integração europeia, dentro do contexto político-económico da guerra que o País suporta há dez anos, impôe à classe dirigente um grande esforço de concentração e centralização de capitais. Isto traduz-se no aumento do poder económico dos grandes grupos já existentes à custa de outros mais fracos, e das pequenas e médias empresas independentes e na formação de empresas com dimensão e produtividade suficientes para poderem concorrer com os grandes grupos estrangeiros no mercado português e no mercado internacional. Enfim, para acudir aos interesses, neste momento, no aumento rápido da procura de técnicos e operários especializados cuja escassez já se faz sentir bastante. Perante estas exigências infra-estruturais, a superstrutura universitária tornou-se, desde há muito, incapaz de cumprir a sua missão, quer no que respeita à formação de técnicos, quer no que respeita à sua função de centro produtor da ideologia da classe dirigente.

Aliás, já foi referida esta desadaptação. O problema é sentido por esta classe dirigente e seus ideólogos desde há muito. Todos se lembram das afirmações de professores universitários a jornais diários e académicos ainda no tempo do prof. dr. Hermano Saraiva, dos discursos do actual ministro da Educação Nacional, do reitor, vice-reitor, etc., dos artigos da Análise Social e dos artigos do prof. Paulo Cunha no «Diário de Notícias», de referências várias do secretário de Estado da Indústria e do Colóquio de Política Industrial à escassez de técnicos e operários especializados, mais recentemente da preocupação mostrada pelo Segundo Congresso da Animação Cristã da Ordem Temporal (o qual reúne o sector mais conservador do regime) ao destinar dois dos pontos fundamentais da sua agenda ao problema universitário, etc.

A maior parte destas pessoas salienta dois pontos importantes: primeiro, por um lado, prevê-se que daqui a poucos anos, os técnicos formados serão poucos em relação à procura das empresas. E, além disso, as actuais estruturas e instalações serão mesmo assim largamente insuficientes para enquadrar os estudantes que vão chegando à Universidade. Portanto, técnicos insuficientes, mas mesmo havendo poucos técnicos, as estruturas que há para os enquadrar são escassas. Por outro lado, propõe-se com mais ou menos arrojo inovador uma reforma de tipo tecnocrático que dinamize os métodos de ensino, que traga até nós as técnicas modernas aplicadas pelas grandes empresas e os grandes centros de investigação estrangeira que, ao fim e ao cabo, permita a formação de mais técnicos e técnicos mais preparados. Evidentemente que o sector mais conservador do regime, embora sentindo a necessidade da reforma, pois conhece os problemas das empresas, procura conciliar as exigências desta reforma com as estruturas tradicionais da Universidade que evidentemente defende.

É bastante claro que isso provoca resistências, enfim, no sector mais conservador, provoca contradições secundárias que no seio da classe dirigente com o tempo se vão resolvendo... Não interessa agora dizer como, até porque é difícil, podendo-se tracar alguma linha de orientação, teòricamente. É neste contexto que aparece a reforma de Económicas: ela é o esforço de determinado conjunto de professores da nossa escola, que sentindo as necessidades do capitalismo português procuraram fazer a reforma mais eficaz, que neste momento podia ser feita.

HELENA NEVES — Para além do contexto político geral em que a reforma se insere e das resistências que provoca, talvez tivesse interesse dizer o que pensa da reforma em si...

Eduardo Ferro

JÚLIO DIAS — Na verdade como resposta a determinadas necessidades da economia portuguesa, a reforma é, de facto, uma coisa bem planeada, pois apresenta potencialidades que permitem pensar na formação futura de um novo tipo de técnicos «esclarecidos», que não sejam simples aplicadores das receitas estabelecidas, mas hábeis intérpretes das necessidades dos projectos do capital, pessoas que podem até vir a ensinar os patrões a serem bons patrões. E quando falo em técnicos «esclarecidos» não me refiro apenas à sua formação técnica, esta reforma de Económicas corresponde perfeitamente às necessidades da classe dirigente não apenas no que respeita à formação técnica dos licenciados, mas também no campo da sua formação ideológica.

Vários sectores «esclarecidos» da classe dirigente já perceberam que a difusão a partir da Universidade de uma ideologia baseada nos valores da técnica, do progresso da Europa, tudo isto cimentado pela ideologia dos direitos fundamentais da pessoa humana, não só está dentro da política actualmente definida pelo regime, como pode constituir um forte apoio à prossecução dos seus actuais objectivos de tendência reformista. E este apoio, sobretudo se for dado de fora dos quadros políticos do regime, pode prestar inestimáveis serviços ao esforço reformista do Governo. Fundamentalmente, primeiro procurando integrar a resposta estudantil universitária, segundo preparando os técnicos para desempenharem cada vez melhor o seu papel de charneira integradora dos conflitos entre a classe empresarial e a outra, terceiro difundindo uma ideologia que incentiva a iniciativa privada dos empresários, condimentando-a com aquele sentido de equilíbrio e planeamento que os tornará mais capazes de defenderem os seus interesses de classe dirigente através de esquemas políticos participativos.

Em conclusão eu queria dizer que se compreende que até certo ponto haja certos sectores da classe dirigente que tenham medo da reforma; compreendo que haja outros sectores intelectuais ou mesmo de empresários, etc., para quem a reforma traga uma série de ilusões.

Eu queria dizer, em síntese, a essas pessoas, para as primeiras não terem medo nem as segundas terem ilusões.

É evidente que esta reforma não pode ser analisada só do ponto de vista político geral. Ela correspondeu a um certo ambiente, a um certo processo concreto da escola.

OS ESTUDANTES COMEÇARAM A PERCEBER O OBJECTIVO E O SENTIDO DAQUILO QUE LHES ENSINAM

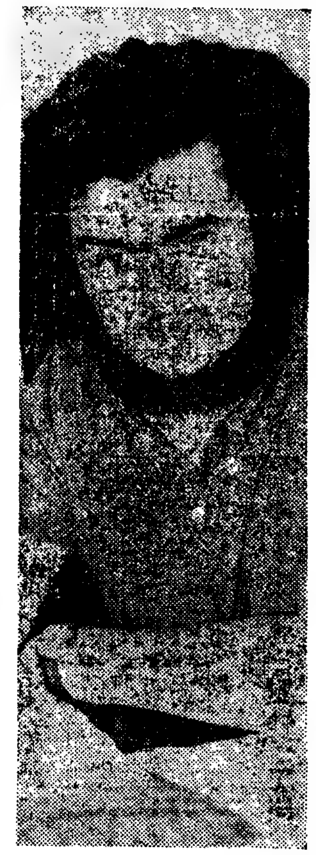
EDUARDO FERRO — O ano lectivo de 69/70 permitiu a largas centenas de estudantes do I. S. C. E. F.

perceber a doutrinação instilada através de um certo tipo de conhecimento vinculados nas aulas. Assim, em Económicas, ao lado de certas cadeiras em que era patente a canalização de uma determinada ideologia, antiprogressiva, havia um largo número de matérias que impunham a apreensão de técnicas de aplicação prática, desligadas da realidade e injectadas aos estudantes sem que estes pudessem compreender o funcionamento e a natureza dos

→

...inanceiras

Monteiro Alves



Júlio Dias

Eduardo Catroga

mecanismos da nossa sociedade.

Um outro facto é que a maioria dos licenciados que têm saído do I. S. C. E. F. ao longo dos últimos anos pouco mais sabem do que aplicar determinado tipo de receitas aprendidas geralmente em livros americanos ou franceses e muitas vezes nem sequer sabem defender os interesses das próprias empresas onde se encontram. Portanto, os estudantes começaram a perceber o sentido e o objectivo daquilo que lhes ensinam e consequentemente reagiram e impediram a realização do funcionamento normal (entre aspas) destas aulas.

Assim, em vez de se limitarem a não irem a essas aulas transformaram-nas em verdadeiras sessões de trabalho científico com os cursos deles. A ideia básica destes cursos era a seguinte: criar as condições necessárias para um debate ideológico fundamental que, partindo da crítica à ciência ensinadas chegasse ao esclarecimento do papel de estudante universitário e mais concretamente do papel do estudante de Económicas na sociedade portuguesa. A participação dos estudantes nesta nova forma de trabalhar na Unidos estudantes nesta nova forma de trabalhar na Universidade, a discussão sistemática de alguns temas até então tabus, a progressiva perda de «contrôle» do Instituto pelo corpo docente, fez ver claramente às autoridades académicas, a necessidade de uma reforma que possibilitasse o funcionamento este ano. Ora para chegarem a esta possibilidade de o Instituto funcionar este ano, havia duas alternativas: ou efectivamente alguma coisa mudava dentro de Económicas, portanto, uma alteração substancial ou não do [illegible]ime das aulas e a di[illegible]gação de conhecimentos [illegible]e processava, ou então [illegible]-la com uma de[illegible] euforia da «libe[illegible] universitária».

ESTE «APERITIVO» DE REFORMA COMO TENTATIVA PARA SAIR DO IMPASSE

CARLOS CARVALHAS — No nosso modo de produção, a educação reflecte o seu desenvolvimento, [illegible] a reforma de Económicas está aí inserida. De [illegible] forma esquemática [illegible]mos afirmar que no [illegible]o País se está a passar da transmissão privilegiada do conhecimento para uma tentativa de aceleração da formação de mão-de-obra a todos os níveis como necessidade de actualização e de sobrevivência.

Ora foi esta aceleração na formação de *«especialistas de parafuso»* aliada a um ensino de cátedra com cadeiras de cunho ideológico marcado que sofreu a maior contestação em Económicas. Portanto, esta reacção não foi um fenómeno imitativo do Maio Francês, embora haja sempre quem imite, mas sim uma reacção contra uma universidade em estado caótico reconhecido pelas entidades oficiais.

O porquê da reforma do ensino está visto: o ensino tal como está já não serve...

Vejamos o caso de Económicas que tem muitos traços semelhantes com outras escolas do País:

Havia ou Há (?!) um conselho escolar que não funciona em que cada Professor vitalício era o senhor feudal da sua cátedra raramente admitindo intromissões, dificultando a coordenação, sem qualquer controle, havendo muito de despotismo.

Matérias desactualizadas ausência de cadeiras como por exemplo, sociologia e de matérias como o não estudo do método dialéctico e outras.

Existência de profesores que nunca lá punham os pés e de outros que liam as suas folhas não as dando aos alunos...

Ensino de memória onde na maioria das cadeiras se seleccionava gravadores. Ora o ensino é cada vez mais construção e desenvolvimento e cada vez menos acumulação de conhecimentos e adestramentos.

Relação alunos-professores incomportável (bastaria que todos os alunos de económicas dos dois primeiros anos fossem ás aulas para o instituto ter de fechar).

Ausência de uma cultura autêntica e ampla dirigida ao Homem, aos seus problemas e ás suas exigências de realização e verdade. A quase ausência de estudo da economia portuguesa. Inexistência de ligação entre os conhecimentos teóricos e práticos.

Tipo de exames e frequências selectivas e «policiais» que estimulava um estudo individualizado, vendo cada aluno no seu colega um concorrente e... um adversário. Portanto tipo de ensino para fazer exames e não para saber.

Não se ensinava a estudar. Quantos alunos passaram por económicas sem quase consultar a biblioteca, sem ter feito um trabalho de busca sem nunca ter tido uns conhecimentos de documentação?

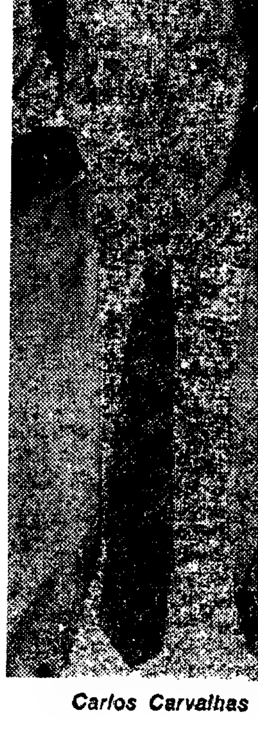
Este clima e a reacção global ao ensino conduziu a um impasse. Por isso vejo este «aperitivo de reforma» como a tentativa de saída de um impasse.

MONTEIRO ALVES — Nas alterações fundamentais que a reforma introduz saliento: 1.º permite um mais amplo acesso aos cursos ministrados em Económicas, nomeadamente pela criação do curso nocturno no 1.º e 2.º anos; 2.º permite diminuir o número de horas teóricas e aumento das aulas práticas, o que possibilita uma maior participação dos alunos nos trabalhos de cada cadeira; 3.º revela a criação de um sistema de cadeiras de opção a partir do 3.º ano com complemento de cadeiras obrigatórias de cada ano, permitindo uma maior responsabilização dos alunos e o começo de definição de áreas de especialização; 4.º diminuição da dispersão de matérias a ensinar nos 2 primeiros anos quer através da diminuição do número de cadeiras quer pela coordenação horizontal das mesmas: 5.º vem introduzir nos primeiros anos o ensino de as cadeiras de Ciências Sociais e História Económica; 6.º caracteriza-se pela criação de ensinos novos, com carácter de autonomia, como por exemplo, moeda e crédito, técnica e aplicação de planeamento, economia internacional, etc.; 7.º leva ao debruçar sobre a realidade portuguesa, em cadeiras como Economia Portuguesa e Economia Aplicada; 8.º organizar o ensino em semestres

Creio que a reforma verificada em Económicas, deve ser entendida fundamentalmente como um primeiro passo, embora, se convenientemente executada, possa ser um passo suficientemente largo no sentido de uma modificação global do que terá de ser a nossa universidade no futuro. O tipo de matérias, que nos últimos anos tem vindo a ser ensinado, está nalguns casos muito desfasado daquilo que é necessário para formar e informar o economista. Quer o corpo docente, entre eles com maior insistência os assistentes, quer muito particularmente os alunos, já há longos anos têm vindo a reconhecer e a evidenciar as deficiências constantes não só ao tipo de matérias ensinadas, como também á ligação entre as mesmas e modos de avaliação de conhecimentos cadeira a cadeira.

Esta contestação tomou nos dois últimos anos em Económicas, uma incidência muito forte e levou a quebrar muitas das estruturas que tradicionalmente estavam ligadas ao ensino típico do Instituto. Portanto por um lado temos a desactualização no que respeita ao ensino ministrado, em muitas cadeiras, por outro temos em relação a Económicas, como aliás na maior parte das escolas superiores portuguesas, uma descoordenação no que respeita quer aos anos, quer ás matérias leccionadas nesses anos. Assistimos portanto a uma descoordenação ao nível vertical e ao nível horizontal, o que não possibilita ao aluno ter em relação a cada área de conhecimento e ao longo dos anos uma apreensão global do fenómeno económico, tal como não possui um conjunto coordenado de técnicas que lhe permita abordar e interpretar convenientemente este fenómeno. Depois, temos também que o ensino ministrado logo nos primeiros não permitia uma compreensão adequada do modo como o fenómeno económico se integra no social e não se ocupava, pelo menos com a intensidade requerida, com o aspecto histórico ligado á Economia. Penso que a reforma, através das novas cadeiras criadas, poderá vir a resolver parcialmente esse problema, desde que na realidade os programas sejam estruturados de modo a atingir esses objectivos. Tínhamos também um ensino predominantemente magistral, embora se tivessem realizado já nos últimos anos, esforços no sentido de um diálogo com os estudantes, de uma certa participação do corpo discente nos diferentes aspectos que reveste o ensino. Mas tanto nas aulas teóricas como nas práticas, o professor via a sua acção reduzida a um contacto breve com grandes massas de alunos. A reforma de Económicas estabeleceu uma redução drástica nomeadamente nos primeiros anos, no que respeita a aulas teóricas. Nestes podemos dizer em termos genéricos, que as aulas teóricas foram reduzidas a metade e houve um substancial aumento das aulas práticas. Esta mudança vem possibilitar, se convenientemente executada, uma maior participação do aluno, um maior contacto professor - aluno, um maior trabalho em profundidade em relação ás matérias que são ensinadas. Havia também, quanto a mim, a ausência de uma cultura ampla que fosse dirigida ao homem, portanto aos seus problemas e exigências de verdade. Ora foi precisamente contra este tipo de ensino desactualizado em muitos pontos e este clima que este ano se verificou uma contestação global por parte dos estudantes, o que aliado aos condicionalismos históricos do presente e á tendência á abertura por parte do Ministério da Educação Nacional e ainda aos esforços do Conselho Escolar Alargado de Económicas, permitiu uma conjunção favorável de factores que deram origem á reforma. Conquanto não se conseguisse ir mais além, isto é o início de um processo de reforma e eu estou convencido que se irá mais além dentro do possível nos próximos anos.

Foi levantado aqui um ponto bastante importante que convém que nós meditemos um pouco sobre ele. Dentro de determinado contexto foi efectuado um conjunto de adaptações que se designaram por reforma do Instituto com aspectos positivos e com outros que, de acordo com a perspectiva que os analisemos, poderemos criticar. No entanto creio que é importante considerar as adaptações que se consubstanciaram na reforma como um primeiro passo e que na realidade durante todo este ano lectivo, e até nos que se lhe vão seguir, é necessário fazer um conjunto de experiências que permitam não só a definição de matérias e o conteúdo das mesmas, como também o processo de trabalho e tipo de participação dos alunos nas aulas de modo á criação de uma verdadeira Universidade nova que múltiplos factores têm dificultado.



Carlos Carvalhas

NA PERSPECTIVA DE PREPARAÇÃO DO ECONOMISTA, O ISCEF ESTAVA BEM A PRECISAR DE REFORMA...

SÉRGIO RIBEIRO — Vim aqui muito ràpidamente dar uma contribuição para problemas que muito me interessa, porque não queria deixar de corresponder ao convite para dizer duas coisas sobre a «reforma de Económicas». Lamento ser-me absolutamente impossível ficar para o debate.

Penso que a razão principal da lembrança da minha participação reside no facto de ser um licenciado já com alguns anos de curso, a correspondente experiência profissional em que esse curso foi posto á prova... Considero essa perspectiva um pouco fechada, um pouco limitada, mas não fujo a ela até porque me parece que, apesar da reserva, é necessário que esse aspecto de preparação para a actividade profissional seja referido e julgo que sou, entre os presentes, o indicado para o fazer, embora lamente que isso resulte de muitos anos já passados sobre a saída da Escola...

Portanto, nessa perspectiva, posso afirmar que o curso estava bem a precisar de reforma. Não afirmo que a Escola não me deu nada para o que tem sido a minha vida profissional, mas deu-me muito pouco. Daí a necessidade de reforma sentida pelo profissional que passou por Económicas. Um curso, tal e fornecedor de uma dimensão universitária e alguma insatisfação mas longe das realidades e das necessidades, ainda que profissionais da economia e da empresa portuguesa. Por exemplo, e não exemplo ao acaso, na cadeira de Economia da Empresa, de há 10 anos, nada aprendi susceptível de me ajudar como economista de empresa que tenho sido. Em resumo: dentro da óptica restrita do profissional que a Escola preparou, posso dizer que a reforma se impunha há alguns anos.

No entanto, preocupa-me bem mais outro tipo de considerações tenho vindo a acompanhar, desde sempre, tudo o que se vem a passar em Económicas e considero que esta reforma, ou este começo de reforma, ilustra bem o que penso das reformas. Assim, passando do muito concreto e localizado, para o mais geral, penso que as reformas (usemos expressões chave ou chavão) aparecem para mudar alguma coisa para que nada de fundamental mude, ou para que mude o menos possível. Assim, no I. S. C. E. F. pode um processo conduzir a um impasse e dele à reforma? Penso que não. Penso que não terminou o processo, nem começou um novo processo em Económicas, com o acabado de sair.

A reforma pode ser um passo em frente desde que aproveitada a necessidade de mudar alguma coisa no sentido de levar a que efectivamente mude alguma coisa.

A reforma será positiva se.

A REFORMA, PASSO EM FRENTE «SE»...

Por outro lado, ainda dentro da óptica mais larga, mas recorrendo á tal expe-

Cont. na pág. 8

Reforma ou início de um processo de reforma?

Cont. da página central

riência profissional, penso que, pelo pouco que me foi possível atentar no que veio a público, aparece mais evidente a tentativa de melhor perspectivar o curso sob o ponto de vista sociológico, prioritáriamente ao ataque visível ás carências técnicas. Claro que também neste aspecto, tudo será determinado pelo modo como se aproveitar a reforma, até porque cadeiras de sociologia e psicologia aplicada podem servir para formar quadros totalmente orientados para relações humanas empresariais, peças de máquina, levada a formação a um requinte de elaboração.

Acrescento, justamente com a importância da reserva da continuidade do processo nas novas condições, que é curioso que, julgo que em 1964, a Associação de Estudantes procurou fazer um curso circum-escolar de sociologia, para suprir carência muito sentida, e esse curso foi proibido, embora se tivesse salvo publicação muito útil. Curiosamente, 6 anos depois entra sociologia em Económicas via-reforma. Será a mesma de que os estudantes sentiam necessidade? Também aqui, depende de como a reforma for «tratada».

Um princípio de reforma passo em frente se...

SOBRE A AVALIAÇÃO DE CONHECIMENTOS

HELENA NEVES — Internacionalmente e em menor grau a nível nacional, os estudantes têm reagido fortemente contra o actual sistema de avaliação de conhecimentos. Unidos, por vezes com professores e pedagogos têm contestado vivamente esse «julgamento» sem apelo, procurando modificá-lo radicalmente. Mas enquanto não se vislumbra no imediato o desaparecimento inevitável dos exames tal como decorrem, os alunos procuram pelo menos, a participação nos júris.

EDUARDO FERRO — Quanto ao problema da avaliação dos conhecimentos parece-me que ele tem de ser visto na sequência da maneira como as aulas decorrerem durante o ano. Na medida em que se pensa centralizar o trabalho desenvolvido nas aulas práticas em grupos mais ou menos constantes, os exames estarão dependentes da forma como se processar a actividade de tais grupos. Aliás este aspecto insere-se noutro ponto que será o tipo de questões que este trabalho em grupo pode suscitar. Funcionará o grupo A, por hipótese, em relação ao B, em termos de cooperação ou em termos de concorrência e competição, como se vem observando ao nível individual? Possibilitará esta estrutura de trabalho, a tal ampla discussão que desejamos? E esta discussão, possibilitada pela reforma, mas não evidentemente permitida, na prática, nas cadeiras fundamentais, de fundo, discussão que até pode ser muito alargada nas cadeiras de especialização, não enquadrará a reacção estudantil? Estas aulas práticas em que até se debatem, (até um certo ponto), determinados assuntos, não serão para as pessoas uns oásis dentro de um deserto, para onde canalizam toda a sua agressividade?

Uma das constantes estudantis, no ano lectivo passado, foi a necessidade de destruição dos exames como meio de selecção de uma minoria (já que a estrutura precisa que por ano se forme um número x de técnicos e de economistas...); a exigência de júris mistos com poder deliberativo por parte dos estudantes e orais colectivas, tipo mesa-redonda entre estudantes e professores era uma exigência secundária (se bem que com fundamental premência no ano que findou, devido ao clima que rodeava os exames). Aos estudantes não interessa gerir a sua própria selecção.

OS EXAMES TINHAM MAIS UM CARÁCTER DE SELECÇÃO

CARLOS CARVALHAS — Posso constatar em relação aos exames que, tal como estavam a ser realizados, tinham mais um carácter de selecção, do que própriamente a finalidade de avaliar os conhecimentos dos alunos. Não seria justo, no entanto salientar, como frisou o colega Ferro, certas experiências que foram de vanguarda em relação ás escolas portuguesas: a existência de alunos com poder deliberativo nos júris de exame. Mas foram experiências limitadas..

EDUARDO CATROGA — Sobre o que disse o Ferro acerca da selectividade dos futuros quadros e do tipo de estrutura da sociedade, parece-me que o controle de conhecimentos existe em qualquer tipo de universidade, seja numa sociedade capitalista ou socialista. O facto é que se deverá caminhar para um sistema em que o exame perca muito do significado e do peso que hoje tem. O ideal seria a sua abolição, mas, não obtsante a melhoria agora introduzida na relação professor/aluno, não se me afigura viável o seu desaparecimento a curto prazo, pois ainda não estão criadas as condições para tanto. Mas, o que se deseja é que o exame deixe de ter o papel de critério único, e que passe a constituir apenas um elemento de informação entre muitos outros tirados do contacto permanente entre professor e aluno. Para tanto, há que incrementar a participação dos estudantes nas aulas, que se desejam activas pois só assim perderão muito do carácter magistral que ainda possuem em elevado grau. Portanto, considero que, por exemplo, o trabalho de grupos deve ser estimulado e que deve haver total liberdade, por parte dos alunos, na sua constituição.

EXAMES: CARACTERÍSTICAS DE ALEATORIEDADE

MONTEIRO ALVES — Em relação ao problema do regime de avaliação de conhecimentos, irei referir em termos muito gerais alguns aspectos da minha posição sobre o problema. Sei que no Instituto têm funcionado comissões, uma delas de métodos pedagógicos e que têm abordado o problema do regime da avaliação de conhecimentos. No entanto, parece-me que ao nível de decisão por parte do Conselho escolar alargado do I. S. C. E. F., não há qualquer decisão sobre o problema e que se espera uma participação dos estudantes no que respeita á definição desse regime. Por mim, acho que um sistema de exames, como o que se tem vindo a processar na generalidade das cadeiras em económicas é um sistema que leva o estudante a estudar fundamentalmente para um conjunto de provas maior ou menor, que faz durante o ano, sejam pontos práticos sejam duas frequências ou como foi neste último ano lectivo para uma única prova no fim do ano com todas as características de aleatoriedade que ela pode vir a ter. Pessoalmente penso que o problema não pode ser visto desse modo, tem que ser estruturalmente modificado e que tem que ser através de um trabalho permanente ao longo do ano, de trabalho por um lado individual e muito particularmente em grupo, que se tem que formar uma ideia no sentido de apreciar o modo como os alunos aproveitaram ao longo do ano. Portanto, penso que não pode ser de nenhum modo uma única prova ou mesmo várias provas que irão permitir a selecção dos alunos. Em relação ao tipo de trabalhos a realizar ao longo do ano. Queria frisar a necessidade de integrar também trabalhos em grupo, muito particularmente a partir do segundo ano; o aluno deveria ter a liberdade a partir de determinados esquemas e determinado tipo de orientação, de poder tratar de uma forma pessoal os temas, sem se ter que limitar a reproduzir aquilo que possa vir no livro A ou no livro B, por mais considerados que esses livros possam ser.

HELENA NEVES — Entre as diversas alterações verificadas no plano de estudos, os jornais salientaram particularmente a inovação dos cursos nocturnos. Será que o aluno voluntário, que geralmente trabalha de dia, vai realmente beneficiar com esta medida? E no conjunto, os estudantes foram beneficiados? Não trará outras consequências, como seja uma quebra do associativismo?

CURSOS NOCTURNOS — UM PASSO EM FRENTE?

MONTEIRO ALVES — O problema tem de ser visto em termos complexos: por um lado, dificuldade de instalações, por outro uma posição de partida em que se pretendia que o número de alunos nas aulas práticas não ultrapasse uma determinada dimensão. Considero que o curso nocturno traz muitas vantagens porque possibilita aos alunos voluntários, um maior contacto, uma maior participação no processo de ensino. A experiência que tenho diz-me que o aproveitamento dos alunos voluntários é muito mais baixo que o aproveitamento dos ordinários. Os alunos voluntários têm muita dificuldade em vir ás aulas, mesmo ás práticas e, portanto, fazem um estudo fundamentalmente por livros e por sebentas. Em muitos casos não há um mínimo contacto com pessoas ligadas ás aulas quer teóricas quer práticas, e perde-se o que esse diálogo permite de formação.

EDUARDO CATROGA — Embora pense que a reforma possa facilitar o acesso de uma maior massa de alunos ao I. S. C. E. F., estou convencido que o regime de aulas nocturnas foi essencialmente determinado por razões de espaço.

EDUARDO FERRO — Tanto na rádio, como nos próprios jornais, a reforma foi tema glosado em vários tons, e certos aspectos dela, levados a extremos de importância com os quais não concordo. Quanto a mim o facto de esta experiência surgir em Económicas e não noutras faculdades, é uma demonstração mais que cabal do que o colega professor Catroga disse. É que efectivamente não havia tempo nem espaço no primeiro e no segundo ano, onde incide o grosso dos alunos. Que a experiência alargará as possibilidades de acesso á Universidade, este é um ponto que, neste momento, não me parece ser de grande importância. Não me parece que este curso nocturno seja um grande passo em frente...

CARLOS CARVALHAS — Até porque os alunos voluntários já tinham algumas possibilidades de assistir ás aulas, pelo menos das 8 ás 10 h e das 18 ás 20. Penso também que estas aulas nocturnas vieram resolver mais um problema de instalações visto que nesses primeiros anos se concentra a maior parte da população escolar, do que facilitar o ensino e a vida aos voluntários.

O BALANÇO DA REFORMA

HELENA NEVES — Claro que estas intervenções não esgotaram, de nenhum modo, o problema da reforma. O assunto é vasto e fecundo em implicações, algumas das quais só se patentearão na prática. Independentemente da nossa análise ser, portanto, necessáriamente limitada gostaria que comentassem mais especificamente a reforma, isto é, que procedessem a uma espécie de balanço do que de negativo e positivo ela encerra. Embora, me pareça, como já referi, que os aspectos válidos que se contém no espírito destas alterações se vão evidenciar e ampliar ou correr o risco de se perder conforme o tipo de aproveitamento que se fizer da reforma. Objectivamente a quem vai servir a reforma? Mas mesmo que nos seus fins dirigida a uma camada restrita, estará a reforma condenada a não servir também a maioria?

EDUARDO CATROGA — Julgo que esta reforma vai aproveitar aos professores, na medida em que se sentirão mais realizados no exercício da sua função docente, aos alunos que ficarão simultâneamente mais bem apetrechados para o exercício da sua futura profissão e com uma compreensão mais perfeita da realidade económico-social, e também evidentemente á sociedade porque a administração pública e a administração privada passarão, em princípio, a dispor de técnicos ainda mais qualificados.

De um modo geral, entendo que esta reforma pode representar uma fonte de progresso, na medida em que a sua execução corresponderá á expectativa, e desde que envolve uma mudança de métodos e de mentalidades. Penso que não devemos ser pessimistas, pois é de prever que venham a ser praticadas muitas conquistas válidas feitas pelos alunos, mormente no domínio da discussão ideológica e da análise de temas sobre a economia e sociedade portuguesas. Aliás, as adaptações introduzidas correspondem em muito aos desejos dos estudantes.

APESAR DE CERTO RISCO...

EDUARDO FERRO — Apesar de toda uma série de reservas que levanto como, até que ponto a reforma soluciona a reacção estudantil ao fundo biológico de certas cadeiras, até que ponto a divisão espacial dos alunos por anos, a dispersão de horários, o perigo de ilusões optimistas de abertura em relação a um certo clima de debate que se prevê, contêm um determinado poder desmobilizador da acção dos estudantes, eu também considero a reforma um passo em frente. Embora tenha medo de empregar o termo passo, porque anda aí muita gente a dizer que é preciso fazer reformas com passos largos e seguros...

CARLOS CARVALHAS — A Universidade tem sid[illegible] adjectivada como uma uni[illegible] versidade de classe. A se[illegible] verdade, não nos afasta[illegible] mos dizendo que a vai [illegible] vir. No entanto, como [illegible] reforma procura respon[illegible] a muitas críticas dos alun[illegible] e introduz inovações [illegible] pode e deve ul[illegible] sas fronteiras [illegible] quer dizer [illegible] na transfor[illegible] dade port[illegible] tes univers[illegible]

Comenta[illegible] eu diria q[illegible] ma do pos[illegible] convencido [illegible] tre os feitores [illegible] alguns haveria [illegible] jariam mais além [illegible] mo assim, muitos [illegible] gar ousada e o[illegible] nela mais uma [illegible] na continuidade». Foi [illegible] reforma com aspectos [illegible] interesse, uma reforma [illegible] despacho que será o [illegible] for na prática.

JÚLIO DIAS — Eu [illegible] ria referir-me a esta q[illegible] tão da reforma «do po[illegible] vel». Evidentemente que [illegible] das as reformas são re[illegible] mas do possível.

Por outro lado dize[illegible] que nada impede [illegible] se faça tudo em E[illegible] nómicas, quer dizer, que [illegible] faça uma série de coisas [illegible] discutir a realidade portu[illegible] guesa é mistificar a real[illegible] dade actual. Pois eu ach[illegible] que há muitos aspectos qu[illegible] impedem e se não houvess[illegible] o possível não dava apena[illegible] para reformas...

CARLOS CARVALHAS — Quando eu disse que e[illegible]

Cont. na pág. 1

Económicas: ensino ideològicamente orientado?

polémica

ANTES DA INTEGRAÇÃO NA C. P.

A Companhia do Vale do Vouga não dava prejuízo

O nosso leitor João Ricardo Gayoso da Penha Garcia endereçou ao dr. Jaime Gralheiro, nosso prezado colaborador, a seguinte carta que julgamos de interesse para o debate em redor da extinsão de permanência da linha do Vale do Vouga:

«Li, com um carinho e interesse, sentimentalmente justificados, a réplica de V. Ex.ª, no «Diário de Lisboa» de 2 do corrente, á carta que a Administração da C. P. entendera dirigir àquele vespertino da capital, como tentativa de resposta a anterior artigo de V. Ex.ª, que também tive a satisfação de ler.

Não vou tentar, de qualquer modo, interferir ou comparticipar da discussão dos pontos de vista em litígio, mas sinto a obrigação moral de, desde já, expressar a minha sincera concordância com os de V. Ex.ª, explanados com lógica e argumentos de validade irrefutável.

A mim, como simples leitor, toda a extensão da resposta da Administração da C. P., nada ou muito pouco me disse, enquanto que V. Ex.ª, com base em elementos obtidos, continua a refutar as razões, aparentemente plausíveis, com que a empresa concessionária está a pretender ou tentar subtrair-se à manutenção das responsabilidades e compromissos que sobre ela impendem, em ordem à falta de rentabilidade da exploração da velha e, assim saudosa, Companhia dos Caminhos de Ferro do Vale do Vouga! [illegible] está a prestar inestimável serviço á [illegible]alta, mantendo-se [illegible]mente na defesa [illegible]usa, que é de to[illegible] região, de potenci[illegible]dades turísticas e so[illegible]económicas que tenm escapar á atenção [illegible] Administração da C. P. Como beirão, que tenho a honra de ser, lamento apenas que V. Ex.ª se mantenha só na luta, mas fico bem certo de que, a tempo, todas as forças vivas e entidades responsáveis da Beira Alta façam valer e fazer ouvir a voz da razão—e, porque não, também a do coração? — a tempo de evitarem qualquer lamentável e intempestiva decisão que seja contrária aos interesses e aspirações da nossa Beira Alta!

«QUANTO INVESTIU A C. P. NA LINHA DO VALE DO VOUGA?»

O meu falecido pai, o eng.º Ricardo Gayoso de Penha Garcia, foi durante 21 anos, e até 1943, o director dos Serviços de Via e Obras do velho «Vale do Vouga», sempre na vigência, na direcção da exploração da Companhia, do também falecido eng.º Firmino Tristão Ferreira de Almeida, bom e querido amigo de meu pai.

Não é oportuno que se salientem os serviços que ambos prestaram à Companhia, e que, em muitos aspectos, com as possibilidades e dimensões da época, ainda andam por lá, bem à vista!

No entanto, será bom lembrar que, até à fusão das Companhias, a Companhia do Vale do Vouga, foi sempre eficientemente administrada e **positiva** a sua gestão!!!

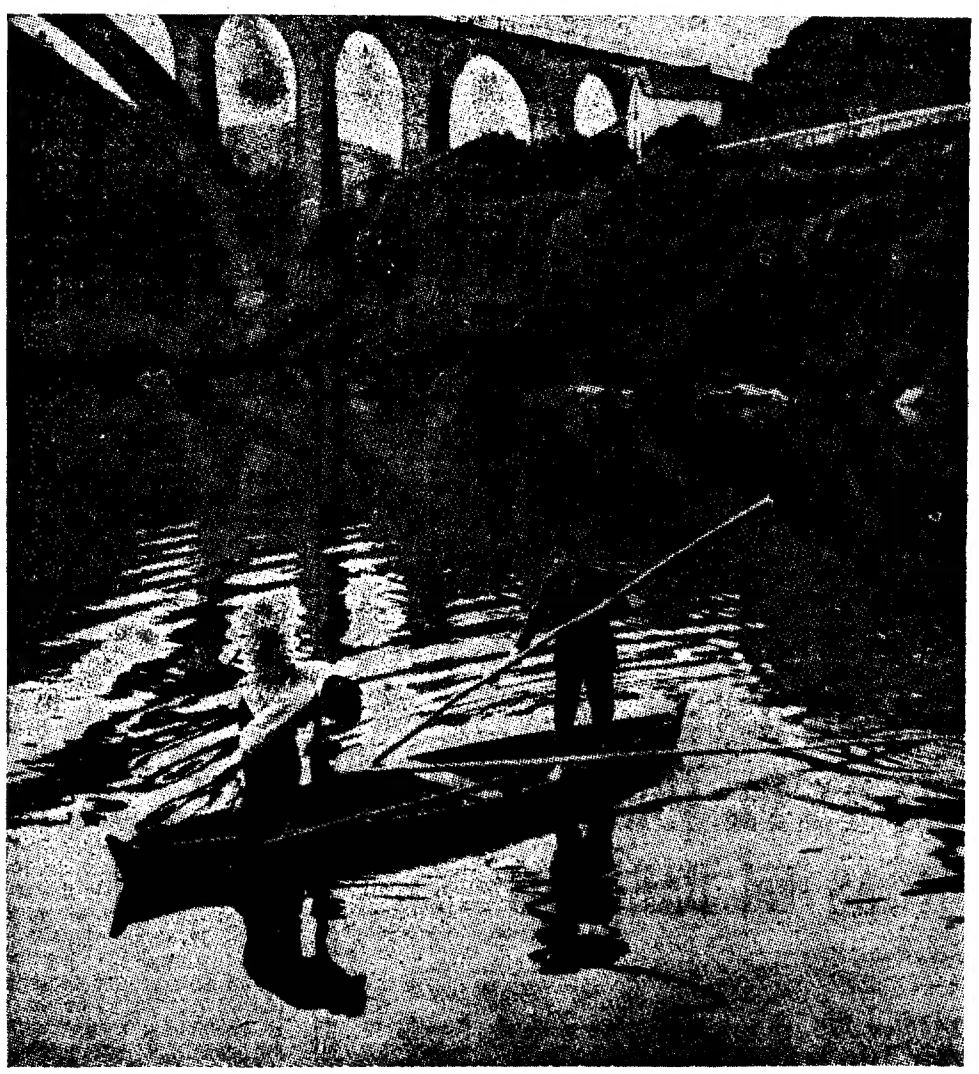
Dir-se-á que os tempos eram outros, as necessidades e exigências talvez menores! Pois, a verdade é que o facto acontecia e deixou de acontecer, desde que a fusão na C. P. das companhias ferroviárias particulares se efectuou!

Ter-se-ia no entanto, como um tanto pertinente o inquirir-se da C. P. do montante dos investimentos pela empresa concessionária no Vale do Vouga, se é que investiu! Quanto e desde quando!

Naturalmente que me lembro, como filho mais velho, da opinião de meu pai, manifestamente desfavorável à fusão, com as desvantagens advenientes, visto que, sem modéstia, sempre soube e ouvi tecer os mais rasgados elogios à capacidade profissional, ao pundonor e à dedicação de meu pai pelo velho Vale do Vouga!

Também à C. P. não terá sido conveniente informar com a divulgada — não sei se com fundamento, claro! — falta de rentabilidade de exploração da carreira rodoviária Viseu - Porto - Viseu. Admitindo que seja realmente deficitária a sua exploração, qual a razão por que a mantém, sabendo-se que, em certa medida, tal carreira é concorrente directa do transporte ferroviário?

O que é que a C. P., ao cabo de mais de 20 anos de fusão, fez pela Companhia do Vale do Vouga? Melhorou, rectificou ou beneficiou traçados, obras de arte, instalações, material circulante, etc., etc., etc.?



Na defesa de uma causa de toda uma região

Sendo que a C. P. não tem «termos quantitativos de rentabilidade linha por linha, em 1970», como se abalançam conclusões, porventura imprecedentes e precipitadas, a respeito da falta de rentabilidade de exploração do Vale do Vouga, sem sequer se admitirem, aceitarem ou planificarem quaisquer tentativas de solução ou de amortização da mesma rentabilidade negativa? Será que, com uma proposta de solução extrema, se irão solucionar os problemas gravíssimos que surgiriam para toda uma região, com o encerramento da exploração?

«OPÇÃO ANTI-SOCIAL»

Preferirá a C. P. a opção menos construtiva, mais anti-social e anti-económica, dir-se-ia mesmo, a mais demagógica, evitando-se à tarefa de saber por que é que tal linha dá prejuízo ou de propor soluções atinentes a que ele se minore? A menos que o célebre e triste colóquio das Termas de S. Pedro do Sul, de Julho de 1969, lhe haja servido de paradigma!

E toda uma região, tão vasta, tão bela e tão rica, iria então ser atrofiada, na sua economia, nos seus aspectos sociais e turísticos, com a leviana decisão de se lhe cercearem os seus horizontes, de se lhe diminuirem as suas necessidades de escoamento para o mar — porto de Aveiro, da Figueira da Foz ou mesmo do porto de Leixões! — ou de se onerar o escoamento para os grandes centros metropolitanos dos produtos da sua indústria, da sua agricultura, pomicultura, etc.?

Não terá estado a C. P. a promover, com certa consciência, o fornecimento ou a prestação de um serviço antiquado, oneroso e caro à economia da região e da Nação, tal como se tem processado a exploração do Vale do Vouga?

Não serão antes a «gestão arcaica», como diz V. Ex.ª — e, se me fosse permitido, eu acrescentaria «nos últimos 15 ou 20 anos», e «um tipo de serviços inadequados», como que os entorpecentes ou agentes decisivos em cuja base poderá ir encontrar-se, no caso do «Vale do Vouga», a razão do défice?

Afigura-se-me não ser com relatórios de exercício, de dialéctica de primeira água, apenas... «pour épatter le bourgeois», que se omitem pontos essenciais ou vitais da análise de uma situação empresarial desfavorável! De igual modo me não parece curial e sensato que, sem uma análise judiciosa e sem achegas construtivas para soluções, a curto ou a longo prazo, se prefira a solução heróica da... deserção, no caso, a opção pelo encerramento à exploração da linha do Vale do Vouga!

QUESTÃO DE BOM SENSO

Pessoalmente, não acredito em que se chegue a tal solução, embora nada mais seja necessário para ficar certo de que seria essa a que talvez conviesse à C. P.!

Está já a decorrer, iniciada hoje mesmo, em Lisboa, a reunião plená-

Cont. na pág. 10

Debate à roda da linha do Vale do Vouga

Cont. da pág. 9

ria do Comité de Estudos Económicos da União Internacional dos Caminhos de Ferro (U. I. C.), à qual assistem delegações de 18 nações europeias, entre as quais Portugal.

Debater-se-ão temas de reconhecida actualidade, muitos dos quais interessam à C. P., e em que avulta a exposição feita pelo dr. Mário Murteira, administrador da Empresa Concessionária portuguesa, a respeito das perspectivas económicas dos Caminhos de Ferro Portugueses.

Considerar-se-ia oportuna oportunidade única, a de tal reunião internacional, para se avivar um tanto mais uma panorâmica mais actual e consciente da situação económica da Empresa nacional, em ordem a se ouvirem opiniões avisadas dos técnicos de maior reputação, pois que certamente há soluções para o diferendo criado pela C. P. ao estar à espera de que o Governo concorde, após o estudo feito com o encerramento da linha do Vale do Vouga.

Não acredito, sinceramente, em que isso ocorra, porquanto ainda confio no senso que preside às graves decisões.

A beleza dos panoramas da Beira Alta, as suas potencialidades turísticas, pouco aproveitadas por falta de infra-estruturas adequadas; o valor da sua economia na balança do País; a sua indústria positiva — serão factores duramente vigorosos a oferecer à argumentação pouco firme da administração actual da C. P.

Parece que a herança recebida da anterior por pesada e pouco favorável, não obstante, não deverá fazer diminuir os estímulos da actual, para a defesa de uma região como a Beira Alta, não a privando de transporte a que a grande maioria das suas populações está habituada, e não pode ser fàcilmente substituido, pelas dificuldades naturais e económicas, por uma eficiente rede de estradas.

Que V. Ex.ª não diminua no seu entusiasmo na luta ingente a que se propôs contra os desígnios da administração da C. P., pois que terá prestado um inestimável e assinalável serviço à Beira Alta!

Oxalá que passe a estar menos só nesta luta, e que, em massa, os beirões comecem a dar-se conta dos perigos que lhes poderá acarretar a solução do encerramento do Vale do Vouga à exploração, e que, pelas forças vivas e entidades oficiais respectivas desçam a terreiro e solicitem do Governo a não anuência ao pretendido pela C. P.»

Ameaçado o contributo americano para a OIT?

O importante contributo dos Estados Unidos para a manutenção da Organização Internacional do Trabalho (OIT) parece correr perigo, o que levou aquele Organismo, para já, a comprimir as despesas e algumas iniciativas importantes.

O facto é que, recentemente, o Comité Executivo da AFL-CIO, poderosa central sindical americana, tomou uma posição durissima contra a OIT, impulsionada pelo seu presidente George Meany, acusando-a de se transformar num instrumento de penetração do comunismo no seio do movimento sindical do mundo.

Desenvolvendo a campanha, George Meany depôs perante uma Comissão senatorial americana que decidiu propor a supressão imediata do pagamento da contribuição dos EUA à Organização Internacional do Trabalho. Se o Governo americano seguisse as recomendações do Presidente da AFL-CIO e da Comissão senatorial, o pagamento da contribuição seria suspenso já no segundo trimestre de 1970.

Primeiras medidas de compressão de despesas: o BIT adiou a 9.ª sessão da comissão das indústrias mecânicas, da comissão paritária da Função Pública e do Comité de peritos do BIT em matéria de educação operária, que deviam reunir-se em Setembro e no mês corrente.

FUNDO DE FOMENTO DA HABITAÇÃO

ANÚNCIO

CONCURSO PÚBLICO PARA ARREMATAÇÃO DA EMPREITADA DE CONSTRUÇÃO DE UM AGRUPAMENTO PARA 60 FAMÍLIAS MODESTAS EM BARCELOS.

1.º — Faz-se público que às 15 horas do dia 24/Nov./70, se procederá, na sede do Fundo de Fomento da Habitação — Rua Marquês da Fronteira n.º 76-3.º andar em Lisboa, ao concurso acima designado.

2.º — A base de licitação é de 7 136 240$00

3.º — A caução provisória a prestar é de 178 406$00

4.º — O alvará exigível para concorrer a esta empreitada é do
Categoria 1 subcategoria 1
Classe 2 subclasse B

5.º — O processo de concurso encontra-se patente na sede do Fundo de Fomento da Habitação, na Divisão de Obras 3.º andar, onde pode ser examinado, durante as horas de expediente, bem como na C. M. de Barcelos e na Delegação do Norte do F. F. H. — Rua Gonçalo Cristóvão, 128-13.º Porto.

6.º — Os interessados poderão obter cópias das peças escritas e desenhadas do processo respectivo, através das entidades acima indicadas sendo de inteira e exclusiva responsabilidade dos interessados, a verificação e comparação das cópias com os elementos do processo patenteado.

7.º — As propostas podem ser entregues pelo concorrente ou seu representante na sede do F. F. H., em Lisboa até às 17 h. do dia anterior ao do Concurso Público ou remetidas pelo correio sob registo com aviso de recepção, por forma a darem entrada no F. F. H. até uma hora antes da indicada para a realização do acto público do Concurso.

Lisboa, 12 de Outubro de 1970.

O PRESIDENTE
a) JORGE CARVALHO DE MESQUITA
Engenheiro

Reforma em discussão

Cont. da pág. 8

uma reforma do possível foi uma classificação subjectiva e isto não quer dizer que se esteja de acordo com as políticas do possível. Também não concordo quando o colega diz que todas as reformas são do possível pois por vezes há reformas que ficam aquém do possível e há também certas sociedades em que as reformas podem ser do possível e do impossível.

EDUARDO CATROGA — Não há dúvida que a reforma foi a reforma do possível em função de meios e das condições prevalecentes no Instituto e fora dele. Estou convencido que tanto os professores como os alunos não estão totalmente satisfeitos, mas a reforma constitui um primeiro passo no sentido de outra mais ampla. Parece-me que a experiência será válida com vista a preparação de alterações ainda mais profundas.

NEM OPTIMISMO NEM PESSIMISMO

JÚLIO DIAS — A nossa posição face á reforma não é de optimismo nem de pessimismo, quer dizer, nós não andávamos a suspirar pela reforma... O que é preciso estar atento é á atitude de certas pessoas que pensam que a reforma veio satisfazê-las totalmente. Por exemplo, as pessoas que entendiam a democratização do ensino como o aparecer de muita gente na universidade, agora têm mesmo de aparecer porque há necessidades objectivas do sistema, pessoas que falavam com o acabar da cátedra vitalícia, pessoas que punham apenas as suas aspirações na existência de menos alunos em cada aula, como se fosse revolucionário haver um aluno e um professor em cada aula! Isto não existe em nenhum país que eu considere revolucionário...

Ora bem, o que me parece é que as pessoas devem analisar especificamente a razão do aparecimento das coisas e devemos procurar perceber o sentido das evoluções. Evidentemente que há reformas úteis, porque provocam alterações que fortalecem as forças do progresso da sociedade, ao nível da sua consciência e organização e, portanto, são instrumentais em relação a atingir tipos de sociedade qualitativamente superiores. No caso concreto serão os estudantes quem mais poderá aproveitar esse tipo de alterações, em ordem ao fortalecimento das tais forças do progresso.

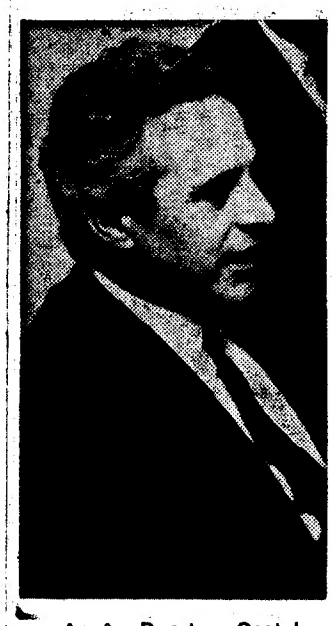
MONTEIRO ALVES — Foi dito que serão fundamentalmente os alunos que irão aproveitar aquilo que a reforma permite para integrar forças do progresso. Se a questão é posta em termos de exclusividade aos estudantes de aproveitarem aquilo que a reforma permite para dar passos em frente, embora possamos discutir o que é passo em frente e as pessoas não concordarem totalmente na mesma perspectiva se o passo é á frente ou atrás, eu não concordo porque acho que dentro do corpo docente de económicas, é possível encontrar pessoas que irão, na realidade, procurar aproveitar muitos dos aspectos que a reforma poderá permitir em termos positivos. Mas se a questão é posta em termos, de que em boa parte serão os alunos, com grande intensidade, que irão sem dúvida procurar modificar muitas das coisas que estão mal e que é necessário mudar, pois eu concordo inteiramente porque os estudantes têm em relação á fase que atravessam na universidade e em relação a toda a espécie de compromissos com o sistema, uma situação totalmente diferente.

Guilda da Música - Sassetti & Ca. Lda.

— DISCOTECA ESPECIALIZADA —

Editores de musica desde 1848

Av. Visconde Valmor, 20-B (junto á Avenida da Republica)



Arq.º Duarte Castel-Branco — *Abrir o grande debate público para o esclarecimento do fenómeno urbano*

Como obter um crescimento harmonioso de Lisboa?

RESPOSTA DO ARQ.º DUARTE CASTEL-BRANCO

1.º Quais as premissas de «uma filosofia orientadora da expansão urbana» e quais as medidas a adoptar para a coordenação de um crescimento harmonioso de Lisboa?

2.º Como poderiam os habitantes de Lisboa participar nas decisões respeitantes aos problemas urbanos da cidade?

Mais uma vez será oportuno relembrar a frase de Almada Negreiros: «Quando eu nasci, as frases que hão-de salvar a humanidade já estavam escritas, só faltava uma coisa — salvar a humanidade». Que dela se não infira uma forma de derrotismo fácil, de pessimismo, que o seu autor não propunha. Não, é que realmente tanto já foi dito de há tanto tempo a esta parte sem que se tenham colhido os melhores efeitos que mais ocorrerá perguntar se querem verdadeiramente as gentes as «premissas de uma filosofia orientadora...» do quer que seja, neste caso orientadora da expansão urbana.

O livro de Keil do Amaral, numa linguagem chã, de homem tranquilo, observador atento e sensível, oficial do ofício, sabendo o que diz e dizendo com coragem e desassombro, contém as premissas requeridas neste inquérito. Queiram as gentes vê-las e queiram cumpri-las, e possam cumpri-las.

Porque me parecem dissociadas na sua essência as perguntas, proponho uma inversão da sua sequência com o objectivo de lógicamente as associar, melhor, de as consociar.

Senão vejamos a 1.ª pergunta, poderá pressupor que não existem as premissas de uma filosofia, ou caso existam, não estão discernidas o que para o efeito é o mesmo.

Não me parece correcta esta formulação, pois de contrário não estaria então correcta a afirmação que propus de Almada Negreiros. De facto de há muito que existe a filosofia, ou as filosofias orientadoras da expansão urbana, ou da civilização, se quiserem. Desde os filósofos da «Cidade Grega».

Assim de Aristóteles e Platão a Leonardo da Vinci a Thomas Morus a Campanella a Owen, Unwint, Site, Mumford, Toynbee, Lefebvre, e, ainda num esforço pela concretização, nos nossos dias, Sant Elia le Corbusier ou Wright encontramos mais do que as premissas, a própria filosofia desejada. E mais ainda, de uns ou outros as formulações teóricas e práticas das cidades ideais, entendidas não apenas na sua expressão física mas fundamentalmente no seu conteúdo social.

Conceitos que L. Mumford tão claramente viria a condensar em «*a cidade é o símbolo e a forma de uma relação social integrada*». Lefebvre propõe no «Direito á cidade» uma primeira definição desta como a projecção da sociedade no terreno.

Falta é salvar a cidade... da fealdade, da aberração funcional, da maldade de uns, do egoísmo de outros, da ostentação por qualquer forma, ruidosa, de uns quantos ainda. Salvar a cidade... como diz Keil do Amaral, «do espírito tacanho, da mesquinhez, da incultura e da ganância». Salvar a cidade, salvar a sociedade salvar a humanidade... Mas quererá ela ser salva?... (Como Cristo acabasse de escorraçar um demónio) toda a cidade saiu para os campos á sua frente e, tendo-o visto suplicaram-lhe que se retirasse do seu país (S. Mateus).

A 2.ª pergunta pressupõe que os habitantes da cidade não participam nas decisões respeitantes aos problems urbanísticos. O que não me parece absolutamente correcto, pois há habitantes da cidade que participam directamente nas decisões — teóricamente representam os interesses da totalidade. Outros há que participam indirectamente — teórica e práticamente representam-se a si próprios e co-representam os seus próprios interesses imediatos.

Haverá então e ainda outros habitantes que, na prática, não participam nem directa nem indirectamente nas decisões respeitantes aos problemas urbanísticos.

Quantos são uns e outros e qual o significado e força das suas participações reais e das desejadas? Referindo a composição social da população grega da Ática no século de Péricles, 21 000 cidadãos, 10 000 metecos e 400 000 escravos, e, admitindo que escravos não existem, hoje, é caso para nos perguntarmos qual será a relação entre cidadãos e metecos nas cidades dos nossos dias. Metecos ou estrangeiros, ou melhor estranhos na própria cidade.

Estranhos na própria cidade ou na cidade que elegeram para aí viverem uma vida melhor. Melhor em relação a quê? Se todos estamos concordes em que a cidade de «Lisboa se vem transformando numa cidade onde não é cómodo viver» como diz Keil do Amaral.

Assim sendo julgo que a consociação das duas perguntas numa nova formulação mais concisa e universal, possibilitaria talvez a resposta mais objectiva se realmente ela existir.

«Como poderão todos os cidadãos participar efectivamente na reelaboração da filosofia orientadora da expansão urbana dos nossos dias — o mesmo é dizer da civilização — da qual decorrerrão as decisões quanto ás medidas a adoptar para a coordenação de um crescimento harmonioso da cidade».

Cabe perguntar então se as filosofias propostas á reelaboração não servem porque as gentes não querem tais filosofias ou porque há Gentes que não querem que as gentes tenham conhecimento de tais filosofias. No primeiro caso será então necessário que as gentes elaborem a sua própria filosofia já que a dos velhos filósofos não serve e poucas probabilidades haverá para que a dos novos possa vir a servir. No segundo caso... Bom. Num ou noutro caso terá que se abrir o grande debate.

Abrir o grande debate público para o esclarecimento do fenómeno urbano, o seu significado, as suas causas e consequências, os seus benefícios e inconvenientes; se os tem? Porque os tem? Quais as engrenagens do seu funcionamento e crescimento? Qual o custo de uma cidade, pela sua instalação e funcionamento? Quem a paga? Quem ganha e quem perde com o seu mau funcionamento?

Porquê o paradoxo da nossa cidade de hoje, da nossa civilização urbana, que faz cidades, faz crescer cidades, faz Megalopolis, pela crescente atracção que exerce, atracção irreversível parece, e, que no seu seio desencadeia esse instrumento que é o tempo livre, do qual o homem se serve para fugir á cidade que desejou, construiu e não encontrou.

Desta forma talvez se consiga a um tempo a efectiva participação de todos e consequente reelaboração da filosofia desejada.

À volta do cinema amador

Cont. da pág. 5

cesso de amadorismo *que o atrofia e, por vezes, devolve aos primeiros passos dum movimento que se pretenderia vivo e actuante, mormente num país onde a arte cinematográfica dos chamados profissionais continua a revelar uma notória falta de actualização frente ao mundo em que decorre, o que talvez resulte menos por culpa sua do que pelo emaranhado de razões exteriores a que tem de submeter-se quase sempre.*

Razões exteriores, porém, a que os cineastas amadores se não têm visto sujeitos e que, não sendo realmente tudo, lhes permitiria, quanto a nós, pois de artistas e homens se trata, uma mais larga tomada de posições exactamente perante a Arte e perante a Vida, sabendo-se embora que o ideal seria o de, uma outra sociedade, fazer um outro cinema...

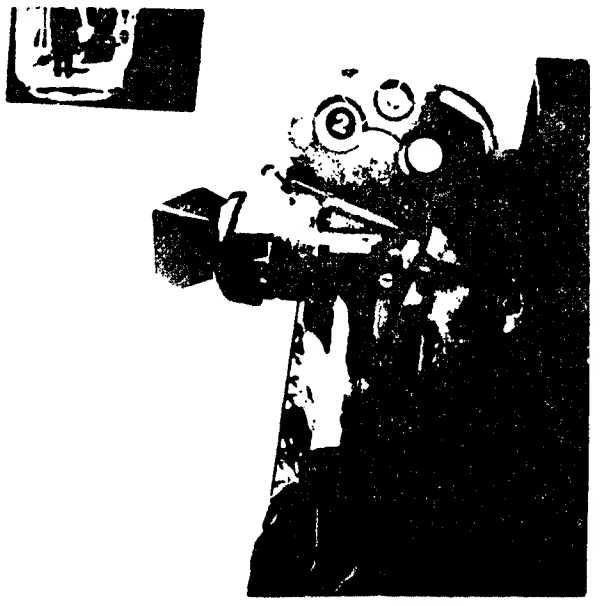
Gozando, todavia, aqui e agora, de uma quase absoluta liberdade de acção, na maioria dos casos condicionada apenas pelos reduzidos meios técnicos de que dispõe, pretende-se que o Cinema de Amadores em Portugal constitua não só um elemento activo e interveniente nas suas próprias formas de expressão artística, como activo e, de qualquer modo, interveniente numa sociedade como a nossa, onde quase tudo continua ainda por fazer no plano social e de comunicação pela arte.

Se é certo que «em todos os domínios da actividade humana o que interessa é estar á frente e não a repetir passivamente experiências já feitas e refeitas», não se pode ignorar também que o artista, e nomeadamente o amador, jamais poderá deixar de se comprometer com as realidades e os problemas cruciais do tempo em que vive, isto para além das suas próprias opções ideológicas, como homem e como artista, se não mesmo exactamente por virtude delas, quando tenham em vista a defesa dos direitos do seu semelhante, a dignificação e o progresso da comunidade a que pertence.

No que respeita ao cinema de amadores interessa, pois, que tudo se faça para que este se aproxime cada vez mais do Cinema, *em detrimento que seja ou pareça do próprio* Amadorismo. *Do cinema, como categoria estética dotada de individualidade própria, mas tão sempre em metamorfose como em permanente e viva comunicação com o público, nessa tentativa de perfeita integração no seu mundo como, e principalmente, no mundo dos outros que ocorre, ou devia ocorrer, em todas as artes. Do amadorismo, quando tomado como mero passatempo ou simples exercício formal ou tecnicista e, por isso, desligado da realidade e do humano, por exagerado apego a diminutos valores, porventura reais e humanos também, mas que á Vida e á Arte não aproveitam, embora podendo constituir uma demonstração de presença, a nível individual ou mesmo colectivo, em todo o caso uma excrecência para a qual a Arte e a Vida em sociedade não foram em qualquer tempo necessáriamente talhadas.*

Um cinema para o público terá de ser essencialmente obra de arte, obra de arte *acima de* tudo, mas arte adulta *também, de dimensão tanto quanto possível comunitária, para um cada vez mais amplo e sempre renovado diálogo entre os homens e, principalmente, com o grande público, cuja situação não competirá ao artista, enquanto artista, modificar estruturalmente, mas que não poderá ser de todo alheia ao cidadão que no artista existe como primeira parte dum todo!*

Ao cidadão e ao artista, portanto, mais propriamente ao cineasta amador português, se dirige esta meia palavra de introdução ao presente Regulamento, na certeza de que o Cinema — como forma de comunicação humana e de expressão artística — não se compadece já com habilidades ou motivações de gosto e alcance sempre duvidosos, mesmo ao nível do puro amadorismo.»



PEÇA FUNDAMENTAL NA DIETA PORTUGUESA

Desacerto incompreensível no negócio da batata

Um produto alimentar de segunda ordem, no que respeita às suas qualidades proteicas ou vitamínicas, assume, ciclicamente figura de vedeta nas crises agrícolas que se vão sobrepondo á crise geral. Falamos da batata, cuja produção, em Portugal é de valor superior á do trigo.

Do ponto de vista económico estamos nesta desproporção a base absoluta da crise. Admite-se que a produção de batata seja superior á do trigo? E do arroz? Ocupa a batata uma área cultivada maior? Estará o equilíbrio alimentar da população organizado da melhor maneira?

Seja como for, o fenómeno é evidente. O País produz batata em quantidade, de vez em quando mesmo em muita quantidade, em quantidade exagerada. Como acontece neste ano de 1970. O nosso povo come muita batata porque é barata e abundante, porque está secularmente habituado desde que alguém teve a ideia de a trazer para a Europa quando o estuário do Tejo era a porta do Velho Continente. Vários séculos atrás. Às vezes, contudo, não a pode comer toda. Outras vezes, e aqui é que a coisa não dá certa, comia muita mais.

IMPORTÂNCIA POLÍTICA

Os preços variam muito. Poucos produtos têm um preço tão instável, dentro da modicidade a que as bolsas de casa vão estando habituadas. Uma quebra do equilíbrio contudo, é extremamente sentida no orçamento (sobrecarregadíssimo) dos lares portugueses. Este pobre tubérculo, aliás saboroso, cozido, frito ou assado, com carne ou peixe é peça fundamental da nossa dieta. Tal como o pão — de má qualidade, louvado seja — a posição da batata tem uma importância política. É preciso defendê-la, custe o que custar.

E na verdade é opinião tornada pública da Corporação da Lavoura — tem custado bastante. Tem custado de variadas formas: quando há muita, ou porque se deixa apodrecer ou porque o Estado — ou seja: o erário público, como nos disse personalidade ligada ao problema — tem de intervir para sustentar os preços, para os não deixar aviltar, para proteger um pouco o lavrador no intuito de evitar que este mande a batata á fava, de vez, indo produzir sómente para consumo próprio. Ora, como, graças á nossa proverbial previdência e evolução económica, não possuímos empresas a sério para industrializar o produto, este apodrece em tempo de superabundância: ou nos armazéns do Estado, que o pagou ao lavrador, ou em casa deste, que se recusa a vendê-lo quando o rendimento assim obtido não chega sequer para pagar os adubos. Ora, quando isto sucede, segue-se um ano, ou vários, de crise de carência. Nessa altura, outro remédio não ha, senão recorrer aos contingentes de importação, para consumo interno. Porque importação verifica-se anualmente, no que respeita á batata de semente. E estamos com muita sorte quando se não verificam importações mesmo em tempo de abundância, ou quando se não compra batata de semente mais do que a necessária, a qual é lançada no mercado de consumo a preços inferiores. Nessa altura, a confusão é total.

QUEM COORDENA?

Reina, portanto, um desacerto evidentemente neste negócio da batata. E as queixas maiores são apresentadas, ao que julgamos, pelas vítimas habituais deste processo: os produtores e os consumidores. Parte-se do princípio, um tanto simplista, de que as confusões beneficiam sempre os intermediários. Contudo, a Junta Nacional das Frutas, organismo oficial que, neste momento, coordena o circuito de comercialização da batata, afirma receber queixas de dois sectores — o produtor e o comerciante — unicos que têm representação legal. O que é verdade. Pois quem há-de representar, num tipo de sociedade como a nossa, a massa de consumidores? E, no entanto, eles são o maior número. E o solícito informador disse-nos mais: as queixas que nos fazem são de pessoas interessadas no seu sector, quer dizer: pessoas que têm interesses próprios a defender, enquanto a Junta Nacional das Frutas, como organismo oficial que é, tem de ser neutro, não pode ter a preocupação de defender interesses que não sejam os públicos. Pusemos outra questão: os produtores queixam-se de que a Junta interviu demasiado tarde, no primeiro trimestre deste ano, fixando um preço de 1$50 por quilo ao produtor que lhe quisesse entregar a batata. «*Estivemos durante todo o ano passado a receber batata a 2$00 o kg., e quase ninguém a entregou. Um grupo de grandes comerciantes e grandes produtores quiseram especular. Só pediram socorro quando o negócio falhou, por excesso de produção em 1970*» — afirmou-nos a mesma pessoa, que, aliás, não quis que revelássemos a sua identidade.

Por sua vez, a Corporação da Lavoura, posta fora da questão, até certo ponto, tem as suas ideias mais ou menos definidas. Intervindo numa querela que se vem desenrolando nas colunas do «Jornal do Fundão», revelou que, durante a crise de 1957 (também de superprodução) foi criada uma comissão encarregada de estudar o problema e concretizar soluções. Uma delas, era a criação de uma fábrica de amido. Preocupava-a o futuro; queria trabalhar nesse sentido para que as crises cíclicas fossem evitadas. Subito, porém, o Governo dissolveu a comissão. A crise tinha passado. Para a Corporação, continuam por resolver os problemas. Entretanto vão-se perdendo milhares de contos com as soluções de emergência.

Produto básico da alimentação dos portugueses, a instabilidade no preço da batata reflecte-se no débil orçamento do povo

A VIA COOPERATIVA

Para o sr. Enes Gonçalves nosso leitor e produtor de batata, há uma razão pouco divulgada para a crise de abundância deste ano: «*Os importadores deram á lavoura facilidades de aquisição de batata o que levou á ultima hora, ao aumento da área de cultura destinada á batata de consumo. O aumento da área de cultivo e as boas produções que se têm verificado fazem já prever a baixa desastrosa das cotações da batata. Para já é maior a oferta do que a procura e as cotações estão a um preço de ruína, $90/kg. O preço de custo é bastante mais elevado*».

Esta situação obrigou, como é evidente, a nova intervenção da Junta Nacional das Frutas no mercado, canalizando obrigatóriamente os circuitos dos principais mercados consumidores, Lisboa e Porto.

Muita gente aguarda, pois, uma solução válida e permanente. A Corporação da Lavoura, nas entrelinhas, e o sr. Eres Gonçalves, directamente, não parecem estar de acordo com a solução da Junta Nacional das Frutas. Diz-nos aquele produtor: «*Já é tempo de encarar o problema da fruta procurando encontrar-lhe uma solução fora do âmbito da Junta. Este, parece, não consegue encontrar uma solução satisfatória para o binómio produtor consumidor. Uma solução possível seria a organização da lavoura da batata em Cooperativas de produção. Estas, por sua vez constituiriam uma União de Cooperativas que teria o encargo da comercialização de toda a batata do País. Esta seria a via mais segura de defender os interesses das duas camadas de população mais directamente interessadas neste problema: os produtores e os consumidores*». E o sr. Enes Gonçalves esclareceu melhor: «*Esta solução será a mais difícil até porque será a mais eficiente. Mas nada se faz sem trabalho. O que é necessário e urgente é encontrar uma solução que, duma vez para sempre, dê estabilidade e confiança aos produtores e consumidores. As taxas lançadas sobre a batata importada, taxa que vai de 20$ a 80$00 por saco consoante as variedades devem constituir uma sólida base financeira que permita subsidiar os estudos para se encontrar a solução correcta do problema*».

O papel social da informação

Já há muito que a O. I. T. segue atentamente as questões económicas e sociais relativas aos jornalistas. Alguns dos estudos sobre estes problemas, nomeadamente sobre as convenções colectivas para os jornalistas, foram feitos antes da segunda guerra mundial.

Em 1962 a O. I. T. propôs-se organizar uma reunião de especialistas encarregados de estudar as condições de trabalho e de emprego dos jornalistas e outros problemas económicos e sociais sentidos na profissão. Anteriormente, a UNESCO conduzira toda uma acção no sentido de formação dos jornalistas. Também desde 1948 a Organização das Nações Unidas, no domínio da liberdade de informação proclamara que «pela liberdade de informação se medem todas as liberdades que as Nações Unidas se propõem defender». No ano seguinte, a Assembleia Geral exprimiu a convicção que «a liberdade de informação constitui uma das liberdades fundamentais e é indispensável para o progresso e protecção de todas as outras liberdades» (Resolução 313 (IV)).

Pugnar pela liberdade de informação, dado o seu papel social no mundo actual, é seguir na via do progresso. Um eminente especialista das questões de informação escreveu sobre o desenvolvimento destes meios: «A explosão da Imprensa no século XV é importante porque rompeu o equilíbrio, fazendo seguir a séculos de comunicação oral directa, uma época de amplas comunicações visuais indirectas. Os acontecimentos ocorridos no séc. XIX, devem a sua importância ao facto de que, libertas de um certo número de sujeições, as comunicações deixaram de ser reservadas a uma elite para atingir as massas até à época privada. Enfim, a importância das recentes descobertas electrónicas vem de que provocaram uma nova ruptura de equilíbrio, em favor das comunicações orais e aparentemente directas, mas dirigindo-se a um público inumerável».

O objectivo dos meios de informação é evidentemente elucidar os homens sobre os acontecimentos que se desenrolam no mundo em que vivem, mas eles são também preciosos auxiliares da educação. Esta dupla função só será válida através da anulação dos obstáculos que se levantam a uma informação livre — lê-se em «Études et documents d'information» da UNESCO».

MESA REDONDA

SUPLEMENTO DO «DIÁRIO DE LISBOA» — 23 DE OUTUBRO DE 1970 — N.º 67